CONTOS FANTÁSTICOS

TEÓFILO BRAGA

CONTOS FANTÁSTICOS

TEÓFILO BRAGA

Esta obra respeita as regras do

Novo Acordo Ortográfico

INDÍCE

AS ASAS BRANCAS

O VÉU

A ESTRELA DE ALVA

LAVA DE UM CRÂNIO

BEIJOS POR FACAS

A OGIVA SOMBRIA

AS ÁGUIAS DO NORTE

O RELÓGIO DE ESTRASBURGO

UM ERRO NO CALENDÁRIO

A ADEGA DE FUNCK

REVELAÇÃO DE UM CARATER

O SONHO DE ESMERALDA

O EVANGELHO DA DESGRAÇA

AQUELA MÁSCARA

A ROSA DE SÁRON

OS QUATRO FILHOS DE AMÓN

NOTA PRELIMINAR

(DA 2.ª EDIÇÃO)

Há mais de trinta anos que estão publicados os Contos Fantásticos. Em boa verdade, nunca mais passei os olhos por este livro, que me aparece agora como uma obra de um estranho. Não voltei a ler esses contos, não por um afetado desdém pela minha obra, desdém que condeno em todo o escritor que se não preocupa com a coordenação definitiva dos seus trabalhos, mas porque este pobre livro ficara ligado a impressões dolorosas cuja renovação evitava.

Foram reunidos em volume em 1865 os Contos Fantásticos no meio das refregas da conhecida Questão de Coimbra; publicara a maior parte deles no Jornal do Comércio, em cuja colaboração literária auferia uns tantos réis com que ia seguindo o meu curso na Universidade.

De repente achei-me cercado de ódios; cortaram-me os víveres na empresa do jornal, nas aulas de Direito tiraram-me a mesquinha distinção académica, os críticos

espalmaram-me rudemente, os livreiros recusaram-se a dar publicidade ao que escrevia, e os patriarcas das letras com o peso da sua autoridade sorriam com equívocos sobre o meu valor intelectual, chegando a circularem lendas depressivas do meu caracter e costumes que só consegui desfazer com uma vida ás claras e cheia de ignorados sacrifícios. Outro qualquer ter-se-ia rendido.

Vi-me forçado a inverter as bases da minha existência, abandonando a Arte que me seduzia, porque me abandonara a serenidade contemplativa, e lancei-me à crítica, à erudição, à ciência, à filosofia. Neste campo os meus erros e exageros bem merecem ser perdoados. Só muito tarde é que consegui conciliar em mim estas duas tendências do espirito; mas não pensava em reimprimir os Contos Fantásticos, a não ser um dia numa coleção de coisas avulsas constituindo a ingénua miscelânea da minha Juventude.

Uma carta do meu bom amigo António Maria Pereira surpreendeu-me, manifestando o desejo de fazer uma nova edição destes Contos.

Como recusar-me a uma tão honrosa proposta?

Ressalvei a condição de rever isso de que nem já formava ideia. Foi assim que tive de ler os Contos Fantásticos, do rapaz de vinte e dois anos que existiu em mim, e a frio pude julgar da impressão por eles produzida.

Achei ali uma fraca penetração do mundo subjetivo ou moral, encoberta com o esforço das comparações poéticas e dos epítetos; desgostou-me o estilo em que a prosa se confunde com o verso, — apresentando ainda a falta de nitidez de quem não pensa com segurança; e enquanto ao drama da vida, que é o tema eterno das obras de arte, notei também pouco movimento, as situações são narradas em vez de sucedidas.

O que salva então o livro?

Uma pequena coisa, que é tudo, — a paixão. Ao fim de trinta anos ainda achei ali calor, a ardência de um organismo que se queima, a vibração sensorial de uma mocidade plena que se lança de peito aberto ao combate da vida.

Foi esta paixão flagrante que fez com que esses Contos não ficassem esquecidos no Jornal do Comercio de 1865;

voltando então de umas férias para Coimbra, felicitou-me Eça de Queirós, afirmando-me que nos cafés em Lisboa cortavam-se os folhetins, quando traziam algum conto meu. Nesse mesmo ano José Fontana quis publica-los num livro, que seguiu o seu fadário, sendo o mais glorioso o andar na algibeira do célebre engenheiro João Evangelista, que morreu devorado por uma violenta paixão amorosa. O pequeno livro estava na mesma afinação da sua alma. Cartas, que ainda guardo, me falaram da impressão de um ou outro conto, por esse tempo.

Tudo isto me lembrou ao sentir que efetivamente o fogo que há nesses mesquinhos quadros se comunica. E neste dilema dos dois amores, em que ainda se debate o espirito, atraído para a arte e seduzido pela ciência, hoje repassando as páginas deste livro, é com uma certa piedade saudosa que o deixo reviver na publicidade, e lhe inscrevo com a frieza do qualificador inquisitorial: Feitas as emendas necessárias, pode correr.

Fevereiro de 1894.

Teófilo Braga.

AS ASAS BRANCAS

Sempre o mesmo olhar doloroso! Uma constante expressão de mágoa, esse abandono, que é o tédio da vida! Porque é que na flor dos anos, quando a existência se purpúrea com todas as graças que se entreveem apenas em sonho e se veste das alegrias que a rodeiam, como uma criança enfeitando-se distraída com as florinhas espontâneas, tu, bela, sentida, deixas refletir pela transparência da tua face pura um clarão pálido e incerto como de agonias e desespero, como a fosforescência de um grande mar que estua? Diante de ti sente-se uma opressão estranha, a mudez sagrada de uma grande floresta, o terror gélido, de quem entra na caverna de uma sibila. Porque é que os teus vinte anos, as formas arrebatadoras do teu flexuoso corpo de sílfide, que verga pela dor, mais languido e gentil do que a palmeira solitária embalada nas bafagens mornas vindas da amplidão remota do deserto, como é que toda esta adolescência, que te cinge como auréola de encanto e

atrativos, me faz ter medo de ti, me prende a voz temerosa e balbuciante, que ousa ás vezes perguntar-te:

Donde vieste? Em que penas? Que véu te acena e está chamando de longe? Porque te escondes dos olhos que choram de ver-te assim desolada, na consternação de uma angústia intraduzível por palavras humanas?

Porque não falas, e nos contas o que sofres? Porque te deixas ficar horas esquecidas com a mão firmada ao rosto, suspensa numa contemplação divina, irradiante, de um modo, que ninguém ousa dizer se és da terra, se és a incarnação de alguma essência arcangélica que anda errante no mundo a santificar o amor no sofrimento?

****

Ás vezes o teu rosto, onde se pode ler um enigma que se não destrinça, tem a lividez de cera, e a claridade que parece conter em si o jaspe. Então julgo ver-te uma santa, sob o aspeto de penitente que acha em cada sucesso da vida uma tentação oculta nas aparências mais risonhas, no

folguedo mais descuidado e inocente, do mesmo modo que o áspide se esconde no alegrete das mais perfumadas flores ou o sono letal na sombra da mancinela verdejante e copada, aberta ao sol, como uma escrava sustentando a umbela com que abriga do rigor das calmas a voluptuosa odalisca.

Os vinte anos são a alegria, a inocência, a expansão; ainda não viveste bastante para provar o travo amargo da vida, não sabes conhecer a tormenta que há de vir pela nuvem que negreja, nem a bonança pelo santelmo, nem os parcéis pelo refluxo da vaga marulhosa, nem o porto pelo perfume embalsamado da terra. Tu passas na vida como um meteoro fulgurante que não procura aonde irá cair, como uma criatura sonâmbula que não vacila, não hesita diante do abismo que transpõe, nem deixa possuir-se da atração irresistível porque a desconhece. A vida é assim para ti; passas despreocupada do mundo, levada na ondulação saudosa dessas vozes interiores que te segredam mistérios indefiníveis que fazem sentir o desejo de voar para o alto, até perder-se no azul.

Os teus cabelos, quando os deixas cair destrançados sobre os ombros de marfim, agitados pela brisa vespertina que vem confidenciar contigo à janela, que olha para o ocidente, esses cabelos louros, extensos, são como as cordas de uma harpa, em que as imagens incoercíveis dos teus pensamentos vêm falar do céu, do amor, no frémito ligeiro, quase impercetível das vibrações que só tu compreendes.

Consternada e muda como uma estátua, a Níobe grega, o teu silêncio incute uma sublimidade profética; parece guardar a impressão do sêlo mais tremendo do Apocalipse, — a missão da mulher forte.

****

Quem sabe se é o amor que a transporta assim para as solidões, como a pomba que vai esconder-se na rocha alcantilada? O amor que esmalta a vida de harmonias e encantos, que acorda as virações para levarem longe o pólen fecundante, que abre o cálice das flores para as

abelhas tocarem os nectários deliciosos, que une o gemido do regato trepido com o ruido, brando que adormece, do canavial que orna as margens sinuosas?

O amor é um amplexo, a identificação; como poderia divorcia-la com a vida, mudar a sua alegria numa tristeza que é como o pressentimento do sepulcro? Aquele segredo incomunicável oprime, aterra como a esfinge propondo o enigma.

Ela cada vez andava mais desfalecida, pendia de cansaço, ofegava; mas procurava iludir os desvelos da família com um vigor que não tinha, como sucede ao náufrago quase a aferrar a terra, de que a ressaca da onda o afasta, e que hesita se deve lutar mais tempo, se deixar-se engolir nas voragens do oceano. Gravitaria ela em volta de um mundo em que procurasse absorver-se, e a vida da terra, de cá, fosse como o refluxo que a impelia para longe? Pobre flor, que se debruça nas bordas da sepultura, será uma ilusão quanto a sua alma ingénua sente? Serão uma mentira todas as harmonias que se modulam lá dentro? O tapiz verde da relva fresca, lubrica, que a chama para vir doidejar ali num

volteio feérico, febril, esconder-lhe-á o lodo de um charco estagnado que a há de engolir para sempre?

Tenho medo de vê-la assim, com os olhos fitos no horizonte, nessa morbidez do êxtase; a vertigem pode sacudi-la, e precipitar-se, como a borboleta prateada e indiscreta. A sua alma eleva-se para o céu; porque voa tão cedo para cima a nevoa da madrugada, de uma alvura nitente? A andorinha quando parte, voa na asa da rajada hibernal que a arrebata.

Mas o mundo acariciou-a sempre; porque se esconde pois e foge dele?

Será a reminiscência viva do foco de luz donde saiu, que lhe inspira tamanha ansiedade, e lhe abre na alma uma saudade vivíssima, que mata? Às vezes está tranquila, imóvel, como quem escuta a toada de um concerto mavioso que embala e com que se adormece. Oh, quem ousará desperta-la?

Seria perturbar a cristalização de uma gota de orvalho que se transforma em perola. Outras vezes tem o olhar pávido, firme, de quem contempla e pasma perante uma visão imensa e augusta. Que aparição risonha virá falar-lhe?

Eros, na solidão remota da noite? Será o desejo de vê-lo, o desalento do impossível, que a fazem reconcentrar assim nessa dor?

Uma lagrima era a gota do óleo aromático da alampada escondida; em vez de faze-lo desaparecer, envolto na nuvem branca e etérea, a lagrima prazê-lo-ia como um grande astro que atrai após si miríades de planetas.

****

A tarde declinava amena, festiva, com o último lampejo de graça que deixa pressentir já a melancolia do outono. Ema ergueu-se da mesa; o rosto estava deslumbrante de transfiguração, possuída do sentimento do infinito, que lhe dava uma expressão sobre-humana, excelsa, que se não podia fitar, semelhante à Seraphita enlevada nas iluminações swedenborgianas, ao transpor os precipícios icários, inacessíveis dos fiordes da Noruega.

Naquela tarde parecia opressa por uma angústia mais intima. Segui-a, queria admira-la na altura a que se

remontava, queria que me fizesse herdeiro do seu manto profético, no instante em que se librasse no carro de fogo, como Elias. E ela era bem a profetisa do deserto.

Aproximei-me. Estava serena e plácida, como quem mergulhara no oceano da contemplação. De mais perto vi que dormia, com um sono hipnótico.

Ficara-lhe um sorriso estampado nos lábios; parecia o involucro de uma crisalida misteriosa; a borboleta voara para a luz, abandonara-o na terra.

Conservava então um livro sobre o regaço; a mão inerte repousava sobre a página. Um leve sinal notava uma frase profunda em que a alma se lhe absorvera: «*Um anjo está presente a um outro, quando ele o deseja*.» Procurei ver de quem era o livro. Era escrito por Swedenborg, o patriarca dos teósofos do norte, o que levou mais longe as relações com o mundo invisível. O livro intitulava-se: *A sabedoria angelica da omnipotência, omnisciência, omnipresença dos que gozam a eternidade, a imensidade de Deus.*

Ema acordou de súbito. Senti um estremecimento de terror, começava a compreender a sua solidão. Eu mesmo tinha

estudado a segunda vista , coligido alguns fenómenos de sugestão que se passavam no meu espirito, conseguira por uma excitação nervosa perene a hipnotização voluntaria.

****

Também no livro De varietate rerum descreve Jerónimo Cardan a faculdade que tinha de experimentar o êxtase espontâneo, e de tornar objetivas as imagens criadas na sua mente: «Quando eu quero, vejo o que me apraz, e isto não só com o espirito, mas com os olhos, com essas imagens que eu via na minha infância. Mas agora creio que elas são o resultado das minhas ocupações. É certo que nem sempre possuo esta faculdade, contudo não a tenho senão quando quero. As imagens que eu vejo estão sempre em movimento; é assim que vejo as florestas, os animais, os diversos países e tudo quanto eu quero ver. Creio que a causa de todos estes efeitos está na atividade da minha imaginação e numa vista penetrantíssima. Desde a minha infância tinha de comum com Tibério Cesar o poder ver na

obscuridade mais profunda, como em pleno dia. Porém não conservei muito tempo esta faculdade. Apesar disso vejo ainda alguma coisa, posto que não posso distinguir bem o que vejo; e atribuo este efeito ao calor do cérebro, à subtileza dos espíritos vitais, à substancia do olho, e à energia da imaginação.» (Lib. IV c. 43.) É esta uma qualidade vulgaríssima nos povos do norte, principalmente os insulares, conhecida sob a denominação de Second sight. Aí a imaginação tendo pouca variedade de paisagem que a fecunde, volta sobre si o que há edificado e exagera-lhe as proporções. Por isso as teogonias do norte são terríveis. As avalanches suspensas a precipitarem-se, os nevoeiros difundidos por toda a parte como um sudário imenso e frio, a aurora dos polos a desdobrar-se esplendida, tudo faz sonhar de um mundo fantástico, escutar essas toadas vagas, indefiníveis dos espíritos que se anunciam pelo ressoar de uma harpa longínqua. O dom da visão é comum; é assim na ilha de Ferroë. Que virgens se não ostentam numa aparição repentina, e que o vidente procura, sem nunca mais poder encontra-las! Balzac, o observador sem igual do coração, sentiu toda a poesia do norte no poema de Seraphita; é um mistério, o enlace da

filosofia e da poesia, um êxtase indecifrável de Swedenborg, contemplado nas fiordes da Noruega. O delírio de Seraphita é o problema incessante da perceção imediata; o seu amor é mais puro que o ideal de Dyotima, é ele que lhe dá a segunda vista.

Taishatrim e Phissichin são os nomes que em língua gaélica se dão aos que tem esta faculdade. Os factos observados são inúmeros, o seu estudo é dos nossos dias. Kant combateu a doutrina visionária de Swedenborg, mas não atendeu que este fenómeno físico era todo sentimental; viu no patriarca dos videntes do norte um impostor. A vida exemplaríssima de Swedenborg é um desmentido completo e irretorquível aos argumentos desta ordem.

Como explicar a inspiração continua, a segunda vista? A alma paira entre dois mundos — o físico com que se relaciona pelos sentimentos, o físico com que se relaciona pelos pressentimentos; se é atraída para o mundo dos corpos, predominam nela os instintos, e as sensações, todas relativas, só lhe advém pela presença dos objetos; se a alma por um desejo veemente se eleva do estado de anima ao de espíritos, os sentimentos desprendem-se do nexo das

relações terrestres, e conhecem tudo independente das sensações pela representação subjetiva.

É o que acontece aos poetas, cantando a beleza de formas não sonhadas, a reminiscência de harmonias não ouvidas.

****

Ema estava naquela tarde tão afável! Tinha por certo a consciência de ir em breve completar-se na essência de algum anjo. As suas falas eram como suspiros. Lançou-me um olhar interrogativo, de quem temia fazer-me uma pergunta indiscreta. Eu desconhecia-lhe aquela afabilidade de serafim, costumado a vê-la sempre aérea, desdenhosa do mundo, radiante como na transfiguração do Thabor. Apertei as mãos dela entre as minhas, queria tirar um som deste instrumento celeste, cujo segredo de harmonia era só percebido pelos anjos. Se pudesse desferi-lo, havia de perguntar-lhe o motivo de tanta tristeza, a intensidade dessa dor tão intima, tão espiritual, que se não pode

exprimir na materialidade fónica da palavra. Ela adivinhou o meu desejo:

— Tens uma vontade enérgica? — perguntou-me quase a medo e de um modo sibilino. Seria uma frase abrupta para qualquer, e ininteligível até; eu porém que devo à atividade só desta faculdade tudo quanto sou, as grandes dores, os impulsos irresistíveis, as glorias sonhadas, a realização dos mais exíguos apetites, que a encontro na intensidade absoluta do Fiat, que é Deus, que a vejo nos grandes factos do espirito, a Religião, o Direito e a Arte: na religião manifestando-se emotivamente na fé; no direito, no acordo dos contractos individuais; na arte, no ponto onde os gostos diversíssimos se harmonizam, isto é o belo; eu, repito, compreendi aquela interrogação na sua plenitude. E começava a conhecer mais o poder da vontade porque acabava de observar o resultado do acto em que a exercera.

Ema fitou-me com um olhar profundo; o rosto era majestoso e santo, como o frontispício de uma catedral da Idade média; as flexas, as linhas arquitetónicas a infinitivarem-se para o alto, eram os seus cabelos; o olhar, o

olhar que me oprimia nesse instante, era misterioso como uma ogiva sombria. Tive o medo do neófito, quando ouve mugir a caverna, e escoar-se a brisa gélida e odorante pela fenda do penhasco, e quase que se esvai em terra sem sentidos, ao ver atónito as convulsões do hierofante. Ema perguntou-me se eu cria nas relações com o mundo invisível. Hesitei um instante, depois volvi:

— Creio, mas não as sei demonstrar por uma fórmula, que, embora refutável, tenha valor filosófico. — Ela ouviu-me com o pesar e serenidade de uma jovem esposa na sua viuvez, que ouve o filhinho a perguntar-lhe pelo pai. Depois murmurou, encostando a face sobre o meu peito:

— És tão novo ainda, e porque matas em ti já o sentimento pela reflexão?

A reflexão é fria, é terrena, não compreende sem decompor para recompor. Como se há de ela elevar ao simples, ao absoluto, que tem por atributo supremo a indivisibilidade? A luz, que é incoercível, não se espelha na face quieta do lago? O sentimento é assim; só ele te pode levar além das relações e das contingências. A substancia é única; esta essência dela é que prende pela unidade a multiplicidade

dos atributos. Todas as vezes que te absorveres na unidade que te alia como atributo ou modo à substancia, entraste na essência de todas as coisas, porque o simples que atua nesse momento em ti, é o mesmo em que tudo existe. Vibra em ti a harmonia universal.

E continuou com palavras quase impercetíveis. Estava em êxtase, no êxtase da abstração, como o sentia Newton quando determinava a essência de uma ordem de factos complexos, na lei que havia ficar eterna, e a que havia imprimir o seu nome. Tive vontade de lançar-me por terra, diante daquele espirito incompreensível; precipitava-me se ela me dissesse como satanás, quando arrebatou Jesus ao pináculo do templo: — Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.

****

Quando Ema saiu da sua mudez sublime, recostou-se sobre o meu ombro com uma graça infantil:

— Ainda não sabes porque ando triste? Olha, uma tarde, pus-me a escutar o murmúrio de um regato; parecia-me ser uma música interior. Tive vontade de saber o que dizia, de confidenciar com ele, de comunicar minha alma, que aspirava numa sede de amor. Ao trepidar mavioso da veia cristalina, sonhava, devaneava, enleada, embevecida. Adormeci.

Pareceu-me então aquele cicio, como de asas de um querubim que baixasse ao meu lado; via a claridade de alvura das suas roupagens longas, estava silencioso ao pé de mim. Mostrava a expressão da serenidade augusta, uma aparência que consolava. Acordei, e o mundo afigurou-se-me um desterro, a vida um carcere, tinha uma impaciência de voar, de fugir, o desejo irrepressível de tornar a ver o rosto risonho daquele que me veio mostrar o mundo intransitável para a vida, como sarçal espinhoso.

De outra vez apareceu-me, brilhante como Iahveh na sarça-ardente. Era sempre silencioso. O amor emudecia-me diante dele, quis segui-lo na visão que se esvaecia lentamente, mas o corpo estava preso aos limos terrenos, como o cordeiro que se prende nas urzes do matagal. A

anciã do extremo esforço despertou-me. Foi assim que nasceu essa melancolia profunda, concebida diante do impossível. Mais tarde conheci o mistério da vontade; isolei-a em mim, para revocar o ente dos meus sonhos à realidade de um instante. Quase que me abrasava na intensidade do querer. Ele apareceu-me mais triste. Perguntei-lhe se amava?

Sorriu-se. Que era preciso para completarmos uma mesma essência? o sorriso converteu-se numa alegria doida, e disse-me vagamente — voa da terra. Nunca mais voltou a visitar-me no desolamento em que vivo. A vida assim é o vegetar do lixo na humidade das lagrimas derramadas de hora em hora. Porque não hei de voar da terra?

****

Ouviu-se trindades nesse instante; cerrava-se a noite, frigida; o luar vinha saudoso. Ema pediu-me para deixa-la só. Por alta noite via-se a luz derramar-se pela vidraça do seu quarto, luz viva, silenciosa, como da alampada do

filósofo hermético surpreendendo a natureza em algum dos seus segredos mais recônditos.

Ema lia no livro predileto, que eu deparara aberto sobre o regaço.

Pouco depois começou a alvorada. Quando o silêncio era mais solene e a natureza inteira parecia reconcentrar-se em santos mistérios, sentiu-se em casa um estrondo surdo, como o baque de um corpo morto, depois o bracejar, de quem se debatia nas vascas do paroxismo. Ergueram-se à pressa, foram após o eco. Era no quarto de Ema. Seria algum pesadelo longo? A porta cedeu à prontidão do socorro. Foram encontra-la em terra, morta, a pouca distância do fogão, que saturava o ar ambiente de exalações carbónicas. O corpo já estava frio; o rosto tinha a palidez do mármore. A pouca distância dela estava aberto o livro fatal das exaltações místicas de Swedenborg.

Lia-se esta frase profunda:

«A inocência dos céus produz uma tal impressão na alma, que os que são afetados dela guardam um transporte que lhes dura toda a vida, como eu mesmo experimentei. Basta

talvez ter uma mínima perceção para ser para sempre mudado, para querer ir aos céus e entrar assim na esfera da Esperança.» Seguiam-se outras palavras. Tive medo de ler mais, porque começava também a sentir a sedução da melancolia e reconcentração subjetiva, que leva ao suicídio.

O VÉU

Tive apenas um amigo na infância.

Sinto abrir este conto com a minha personalidade; e, sem pretensões a humorismo, nem a estilo digressivo, conheço que a pessoa de um autor inculcando-se na sua obra produz o efeito desagradável, que o senso estético original de João Paulo nota no quadro em que o pintor agrupasse também a palheta, o cavalete e os pinceis. O valor da personalidade pouco é; os antigos compreenderam-na perfeitamente, quando deram o nome de persona à mascara que o ator trazia para reforçar a voz. A personalidade que se toca, serve para o trato da rua; a individualidade, o caracter, revelado na vontade, são imanentes no livro, são o livro. Antes porém de fechar o parêntesis aí vão algumas linhas sobre a pessoa do meu único e primeiro amigo, um alter-ego, ou fidus Achates, como diriam dois estudantes de seleta. Não nos dêmos de repente. Tínhamos o mesmo nome de batismo, fazíamos anos no mesmo dia, começámos

a versejar ao mesmo tempo; a afinidade eletiva entre nós não provinha destas coincidências, nunca reparámos nelas; era uma amizade de terror, respeitávamo-nos. Na escola fomos sempre antagonistas; quando passámos a estudar latim, ficámos surpreendidos ao vermo-nos algemados ao hora, horae. Ainda os mesmos desforços, o mesmo orgulho. Então já nos consultávamos sobre alguma dúvida de sintaxe, como de potência a potência. Mais tarde encontrámo-nos sobre o mesmo banco a ouvir as preleções estupidas de logica, a logica que nos havia de tornar maus, capciosos, ergotistas. Já não nos temíamos, eramos amigos, tínhamos necessidade um do outro. Depois vieram as confidências estreitar mais esta afeição. Foi ele o primeiro a faze-las. Não sei se era amor, compaixão ou cinismo a primeira aventura que me contou. Era assim:

«Eu tive uma prima, não sei em que grão, culpa das subtilezas canónicas.

A pobre criança possuía uma morbidez voluptuosa no olhar, não os tirava de mim. A cor morena dizia tão bem com as linhas nítidas da fisionomia árabe, que ela sabia animar com um ar doloroso de uma melancolia expressiva, que se

lhe refletia na face! Eu ficara órfão de mãe e costumara-me a brincar sozinho; ela procurava-me na minha solidão, sentava-se junto de mim; o seu olhar incomodava-me. Mas tinha medo de fugir-lhe, doía-me esta indiferença e para disfarça-la trepava acima das árvores carregadas de frutos do pomar onde passávamos o verão, e de lá deixava cair aqueles que mais se douravam com os raios do sol de agosto, os que me expunham a maiores perigos. Ela aparava-os no regaço com a afabilidade com que se queria associar aos meus folguedos.

«Afinal teve vergonha de mim; corava, escondia a face entre as mãos, ficava pensativa e depois fugia-me. Neste tempo contava eu algumas lições de desenho; os meus arabescos tinham uma frescura de inocência, uma rudeza que parecia uma criação pura arte medieval. Eu tinha a monomania de esboçar cabeças. Não sei quem na família, me pediu que fizesse o retracto dela. Fi-lo. O caso deu-lhe uns longes de semelhança, tive vergonha da verdade; quando ela me agradeceu com um sorriso tímido, eu rasgava o papel com a crueldade de uma criança que brinca. Não a voltei a ver naquele dia, escondera-se a

chorar. Não tinha culpa desta frieza brutal; a falta de carinhos perdidos logo no berço, a verdade desse verso eterno de Virgílio:

Est mihi pater domi et injusta noverca

tornaram-me taciturno, incrédulo antes de tempo. Ás vezes obrigavam-me a brincar com ela. Uma vez fomos todos banhar-nos no Atlântico. A pobre criança também foi. As marés eram gigantescas; era dia para mim de um orgulho imenso, gostava que me vissem nadar; mostrava uma superioridade minha. O acaso seguia-me o desejo. Uma onda envolveu no seu marulho a infeliz Branca; no refluxo levou-a consigo. Desfaleceu de susto e foi levada pela vaga, como Ofélia na corrente. Quem sabe se ela no seu coração tecia alguma coroa para mim.

«Abracei-a pela primeira vez, impelido por uma força interior; sustive-a nos braços, estava fria, pálida. Quando abriu os olhos teve vergonha de mim; era já o pudor de senhora. Trouxe-a sem custo para a praia, e continuei em carreiras no dorso da vaga, que se encapelava.

Fora o meu primeiro passo para homem.

«Nesse mesmo dia brincámos, jogando o anel, um divertimento infantil, de que ainda guardo saudades. Neste folguedo de crianças o que tem o anel é sentenciado pelos demais a levar beijos e abraços, ou a dá-los, segundo o capricho. Tinha o anel a filha do feitor que brincava connosco, Anita, uma rapariga de uma candura estreme. Branca pediu-lhe em segredo que ao percorrer a roda deixasse cair o anel entre as minhas mãos. Assim se deu. Um perguntava o que prometiam a quem tivesse o anel. Cada qual se lembrou de uma prenda inocente e insignificativa; Branca prometeu um beijo e um abraço muito apertado.

«Eu não devia contar-te mais, porque me sinto infame! Este beijo perdeu-a para sempre, como o beijo de Paulo e Francesca di Rimini.

Branca foi crescendo, tornou-se formosa à luz de uma esperança fugitiva, como a flor de um vaso, quando recebe, ao estiolar-se, o calor efémero do último raio do sol da tarde. Quando ela me sorriu com amargura, e corou da sua queda, sorri também por compaixão, iludi-a.

Que fazer, se eu era tão novo, inconsciente, e queria divertir-me, gozar o mundo?

«Uma vez tinha eu voltado pela antemanhã de uma festa louca. Dormia a sono solto, prostrado pela fadiga, esgotado da orgia desenfreada. Senti uma mão fria passar-me de leve nas faces, acordei.

«Era ela! Apareceu desmaiada, como a vi uma vez ao luar silencioso, com uma cor que lhe realçava a candidez, e disse-me:

— «Vim ver-te na despedida do túmulo. Desde que adoeci nunca mais me apareceste. O esquecimento é frio e pesado como a lajem sepulcral. Eu não queria dizer-te isto, não quero magoar-te; perdoa. Olha, hoje acordei de um sonho tão lindo! deu-me forças para levantar-me do leito e vestir-me de branco para vir conta-lo a ti só. Como não choraria a minha mãe que me vela se o soubesse! Não sei se velava, se dormia; minha alma parecia voar, suspensa numa como cadência, vaga, quase impercetível, confundia-se com ela até perder-se no céu. Acordei de súbito; restava-me só a ilusão. Olhei em roda; a lampadazinha tornava a

solidão pungente, augusta; pavoroso o silêncio do meu quarto.

Comecei a lembrar-me de ti, dos passados tempos; estava já na terra.

Foi quando descobri ao meu lado uma aparência angelical, a falar-me de mansinho uma linguagem que eu mal entendia: que o Senhor o enviara para chamar-me. Eu não pude voar, voar com ele, e sinto agora que a alma me foge; venho dizer-te adeus.

— E o que lhe respondeste?

— Ele continuou:

«Disse-lhe que os sonhos mentiam sempre, que eles a matavam. — «Não são os sonhos que me matam, gemeu a desgraçada, é a realidade, a realidade.

Bem o sabes, e esse que tudo vê. As recordações são para mim como um remorso. Que noites, que vigílias inteiras a pensar em ti! cada palavra tua, que eu decorava, era um poema de amor e esperança; ao repeti-las na mente diziam-me quanto a alma ansiava, e mais ainda, mas enganaram-me sempre. Lembras-te daquela noite? Oh! meu Deus, meu

Deus. Não sabes quanto me fizeste sofrer! Não conheceste a profundidade do golpe quando o descarregaste! Disseste-me essas palavras só para perder-me. É impossível que isto te não doa? Quando me appareceste naquela noite era o luar tão sereno, tudo confidenciava connosco. Estava adormecida quando chegaste. Depois de me estreitares nos braços e beijares as faces geladas pelo rociar da noite, porque sorriste de um modo incompreensível? Descobriste-me que não casavas comigo, que outro havia poluído a minha candura! Era uma blasfémia brutal. Deixei-me cair nos teus braços, sacrificando-te a virgindade para que a reconhecesses. Desde essa noite não me tornaste mais a amar. Iludi-te?

Porque assim me fugiste? Uma lagrima só reabilitava-te diante de Deus.

É tarde, muito tarde. Vim só para despedir-me e perdoar-te. Adeus.» — E tu que lhe respondeste?

«Voltei-me sobre o outro lado, e continuei a dormir.

— Prossegue.

«Foi um pesadelo atroz aquele sono. Julgava-me numa orgia imensa, na hora ominosa do sabat noturno. Um bando de mulheres volteava reunido numa corêa desenvolta, num tripudio infernal, ao redor de um carvalho lascado pelos raios que se cruzavam a espaços na solidão e escuridade absoluta da noite. Dançavam como possuídas do mesmo furor que inspirava a corneta de Oberon. Quando eu ia mais arrebatado pelos requebros voluptuosos, enlaçado a um par ligeiro e flexível, senti um leve suspiro ao meu lado, que se perdeu nos ares. Era como o segredo de uma mágoa que eu bem conhecia. Parei. Adormecera a ler uma balada dos peregrinos do Reno contada por Bulwer. Junto a mim descobri uma figura de mulher linda, etérea; o rosto tinha a serenidade de uma grande agonia que cauteriza, uma tristeza mais vaga do que a impressão de saudade que a lua desperta quando se reflete numa lagoa quieta. Era como um serafim quando chora. Não pude olha-la; a candura do seu antigo amor exprobrava-me o cinismo. A viração que ciciava não repetiria tão brandamente o que ela disse:

— «Não sabes como te amo ainda além da campa! o gelo do sepulcro não pôde apagar o fogo em que os teus olhos

me abrasaram. Esqueci o teu desprezo para perdoar-te. Para que havia ter mais esse flagício na eternidade? Que destino, que felicidade a nossa, que regozijo no céu, se não houvesses ludibriado este amor! Nossas almas absorver-se-iam na essência de um anjo, enlevadas num sonho de harmonia, até despertarmos no empíreo. Assim precipitaste-me na mansão das penas e sofrimentos, onde o meu espirito se apura. O amor terreno tenho-o expiado no fogo.

Vês este cendal de alvura transparente? estava quase a tornar-se brilhante de glória! Pedi a Deus este momento tão breve para poder agora ver-te; o gozo fugitivo de contemplar-te, a esperança de te achar triste, pensando em mim com pesar e saudade, a troco de mais cem anos de novos sofrimentos! Cem anos mais, depois de te encontrar nos braços de outras descuidado, rindo desvairado numa orgia dissoluta. Oh, mas eu não sei senão perdoar-lhe.» — E desapareceu-me, continuou ele, como um meteoro fugaz, quando passa nos céus, e deixa após si um rasto luminoso.

Acordei.

«Em casa ouviam-se gritos, alaridos, como de um sucesso repentino e funesto. Fui a ver. Disseram-me que Branca desaparecera. Cheguei a convencer-me da realidade do sonho, que um anjo a levara consigo.

Perguntei debalde. Passou-me pela mente um pressentimento horrível.

Branca costumava ir sentar-se sobre uma rocha que se debruça sobre o mar, e em cujas furnas as vagas restrugem com um estridor surdo, como o anseio do último esforço numa luta desigual. Protegida pelo nevoeiro da madrugada, mais veloz que a ondina da mitologia eslava, a pobre fora saciar os pulmões ralados da febre lenta que a devorava. Houve quem a visse dependurada na aresta dos fraguedos, o véu branco que levava flutuar ao vento, como num adeus de despedida. Ela sentira nesse instante a atracão do abismo, lembrou-se daquela tarde de agosto, em que eu a salvara, trazendo-a com um abraço à vida; quis morrer com a recordação mais doce que levava do mundo. Precipitou-se. E o mar murmurava sereno e manso, como a embalar-lhe o seu último sono.

«Comecei então a sentir uma paixão por ela, depois de morta; se a terra a tivesse escondido, eu a iria arrancar ao repouso sagrado da sepultura, beija-la, anima-la com o fogo do meu delírio, despedaça-la nestes braços convulsos, e cair também inânime. Queria sentir bem junto do peito o contacto gélido de um corpo que eu tantas vezes apertei, das faces que eu devorava, quando ela se dava aos caprichos da minha vertigem. Havia neste amor um pensamento de alucinado, um tanto de selvagem, de monstruoso; impelia-me uma inquietação contínua, sentia em mim um como ranger de puas do remorso, a voz que interroga Caim. Fugia, não queria consolações. Eu ia sentar-me também na rocha escarpada, a ver o mar, procurando a serenidade que me inspirava a contemplação do sepulcro da minha amada. Vinha visita-lo, à busca desse alívio de que fala o poeta do Oriente.

«Eram decorridos já três dias, não se vira mais o corpo de Branca; o mar queria-o para si, mas eu tinha uma vontade fervente, absoluta, o desespero de torna-la a ver linda, roxa, nua, desfigurada. Era o mais que podia sofrer. Ia a maré na vasante, no fim da tarde, as ondas gemiam

brandamente no areal deserto, as virações da noite sopravam frias, húmidas das bandas do poente. Quando desci da rocha escarpada, encontrei inesperadamente o corpo de Branca estendido na área. Era uma criança descuidada, adormecida; a onda que a tinha despido para namorar-lhe a alvura do corpo, viera deposita-la na praia. Ia a precipitar-me para ela, uni-la a mim no frenesim dessa loucura. Tive medo! recuei sem encara-la. Temi profana-la com a vista; estava quase nua, de costas, com os olhos no céu, como pedindo à noite que viesse recata-la no seu manto de trevas. Quando voltei junto dela com o lençol para a envolver, senti uma anciã de passamento, a lucidez de quem entrevê a eternidade: conheci que o cadáver de Branca se voltara de bruços, furtando à vista profanadora o verticilo pudibundo da flor que eu fizera pender sobre o caule e cair emurchecida. O inexplicável deixou-me um terror que ainda me dura...» Não tive animo para lhe pedir que continuasse.

A ESTRELA DE ALVA

(Conto Marítimo do Século XVI)

Nisto andava tudo, que se não poderiam pôr os olhos em parte onde se não vissem rostos cobertos de tristes lagrimas, e de uma amarelidão, e trespassamento de manifesta dor, e sobejo receio que a chegada da morte causava, ouvindo-se também de quando em algumas palavras lastimosas, sinal certo da lembrança, que ainda naquele derradeiro ponto não faltava dos órfãos e pequenos filhos, das amadas e pobres mulheres, dos velhos e saudosos pais que cá deixavam, etc.

Hist. trágico-marítima, t. I, p. 55.

O sol esmaltava as cores límpidas do horizonte com uns cambiantes de purpura e de azul, cujo cariz incompleto e

vago reflete a melancolia suave em que a alma se concentra nessa hora fugitiva da tarde. O horizonte fechava-se lentamente, como o véu de um templo que se cerra.

As virações travessas da noite volitavam encrespando a face trémula das águas, que lhes respondiam ás caricias inquietas, confidenciando com um murmúrio sonoroso e confuso. O galeão soberbo da India singrava ufano, buscando em proa a terra querida da pátria; levado nas asas das monções propicias, a vela branca desfraldada aos ventos, tinha o garbo da garça altaneira que se libra vaidosa por sobre as ondas, que ela vai roçando de leve. A flamula ondulante, hasteada no tope do mastro de mezena, serpeava nos ares como em adeus silencioso ás ribas odoríferas do Oriente, a despedida ao pais dos sonhos e das maravilhas. A natureza como que se absorvera nos encantos desta hora; havia um segredo íntimo em cada toada perdida deste concerto do declinar do dia.

Durante muito tempo um mancebo encostado à amurada do navio, com os olhos fitos na corrente das vagas, permanecera absorto num pensar incessante, como quem

atava na mente as aparências de um sonho mentido, como quem procurava alentar a ultima esperança que prende à vida, e que é como a hera das ruinas. Conhecia-se-lhe na respiração comprimida no peito, que ofegava de cansaço, o esforço acintoso com que procurava afastar da lembrança um sentimento funesto.

A palidez retinta nas faces cavadas pelas insónias longas e aflitivas, era a expressão dos pensamentos tenebrosos, confusos, incoerentes, que vinham povoar-lhe a ansiedade das vigílias. Quem o visse sentiria uma dor igual aquela, uma vontade irresistível de entornar-lhe na sua alma o balsamo das consolações, com a prodigalidade do afeto com que a rapariga desenvolta de Magdala vinha derramar aos pés do divino Mestre os perfumes inebriantes da sua urna de alabastro.

Quem o visse na mudez expressiva daquele desalento, no desamparo e soledade de todas as alegrias da vida, sentia-se levado para ele, como por um condão fascinador, que ás vezes possuem certos olhares que ninguém pode fitar e de que se tem medo. A brisa fresca da noite, que soprava do poente, como trazendo-lhe o presságio do ocaso das suas

esperanças, vinha volatilizar a lagrima tímida e ingénua que tremeluzia viva na pupila cintilante.

A este tempo apareceu sobre o convés do galeão alteroso um outro vulto, todo armado contra a rajada aspérrima da noite, que se ia cerrando:

— Ainda aqui, Fernão Ximenez? embebido nesse longo sonhar em que o passado se te afigura doloroso e feio? Para que foges do teu irmão? Bem vês que eu procuro distrair-te dessa agonia lenta que te vai minando a essência débil da vida, desse espasmo da atonia que produz em ti a mudez do sepulcro. O que tens tu numa vida de criança, inocente, sempre desprevenida, para que o ocultes ao teu irmão, ao amigo que sofre com o teu sofrimento, e que exulta com as tuas alegrias? Uma ave, quando é levada para um pais distante, longe do ninho que lhe ouviu balbuciar os primeiros trilhos de amor, quando lhe falta a bafagem tépida das auras em que se espanejava contente, desfalece à mingua, prisioneira, ralada pela saudade pungitiva que lhe amofina o ser. Tu, pelo contrário, à medida que os aromas quase impercetíveis da terra abençoada da pátria nos vêm dar força para afrontar as tormentas escuras, as

cerrações e os cabos perigosos, perdes o ânimo perante uma dor imaginaria, e deixas-te apossar de uma anciã, que um instante só de reflexão tranquilizaria. Vamos, serena o teu espirito; seja-te o meu coração o porto almejado onde encontres abrigo. Que receias pois? temes encontra-la na volta desposada, nos braços de outro? Conta-me a verdade toda; amas?

— Se com vinte anos apenas haverá quem não tenha sentido ainda esse desvario divino, que acorda de súbito em nós todas as potências da alma, que rasga brilhante a manhã de um éden terreal, dando realidade à vida, e que a um tempo vibra o estertor e o cicio horrível dos que se confrangem no báratro do desespero que ele gera! Eu amo, sim. É um amor que tem purpureado de risos todas as horas que me absorvo a pensar nela. Para mim é o resumo de todas as belezas do mundo. Onde a vista depara uma aparição grandiosa, deslumbrante, aí sinto uma reminiscência dela; ás vezes procuro em vão formar na mente o composto do rosto engraçado, quero tela presente pela imaginação à minha idolatria; mas a fantasia não pode

reunir numa mesma auréola de encantos tudo quanto há de mais puro no céu e na terra. Eu estou doido.

É o frenesim deste amor que me enlouquece. Eu não a vejo, nem sei mesmo já se existe, mas sinto-a como a essência de um licor suavíssimo e volátil, que inebria a distância os sentidos. Ela flutua-me pairando perante a vista, como um nevoeiro da madrugada que se esvaece nos ares ao romper da claridade, e de que o sol faz realçar a alvura esplendente.

Ela nunca me disse que me amava. Quando só em pensamentos a escuto, a dizer-me segredos intraduzíveis, parece-me a bayadera indiana requebrando-se flácida, com uma morbidez encantadora, a voltear brandamente ás vibrações remotas das gandharvas, instrumentistas do paraíso. Eu voo na mesma ondulação de harmonia, e sonho um gozo indefinível, que me exacerba mais as angústias cruciantes, quando desperto à realidade. Eu não sei mesmo se me ama. Costumado a brincar desde criança, unindo as nossas orações infantis em noites de tormenta, quando o seu pai andava sobre as águas, esta confiança torna impossível o mistério, que alimenta todo o amor.

— «Aldonça! repetiu desapercebidamente Gaspar Ximenez; — a mesma, a que me torna aguerrido, audaz para afrontar estas regiões nos términos do mundo; a que jurou um dia ser minha e me prometeu a mão de esposa, que eu beijei e apertei trémulo, convulsivo!

Fernão Ximenez compreendeu estas palavras. Foram como um clarão súbito, que lampeja e cega. Os olhos arrasaram-se-lhe de água, sem as lagrimas poderem rebentar. Era incrível o que se passava na sua alma. A cólera, a alegria, a contrariedade das aspirações mais ardentes da vida, o desinteresse sublime de um coração generoso debatendo-se tudo naquela alma deserta de esperança! Gaspar Ximenez continuou, como delirando:

— Amas também Aldonça? Como ela é meiga e dócil! É a rola inocente do sacrifício. Ela há de querer a tua felicidade. O que eu disse era uma loucura. Amo-a como irmã apenas; ama-a também, mais do que eu, e será tua.

Ao ouvir estas palavras, proferidas com uma acentuação dolorosa, por uma abnegação quase impossível, Fernão Ximenez não pude represar mais tempo as lagrimas, que lhe rebentavam ferventes dos olhos. Os soluços

entrecortaram-lhe a voz. Ele jurara dar-lhe também um dia a maior prova de dedicação.

A este tempo, ouviu-se um berro do gageiro gritando da gávea:

— Mestre Fernão Mendonça, um negrume espesso se alcança no horizonte, que levamos, pois que a não ser a cerração do cabo, mais me parece presságio de tormenta.

O mar começava já a cavar-se. O piloto mandou logo ferrar o traquete, cassar a escota à bujarrona, e que o homem de quarto amurasse mais para sotavento, antes que a borrasca rebentasse de chofre. Instantes depois a marinhagem tripulava afanosa sobre o convés; a noite estendera pela amplidão dos mares o seu manto gélido de sombras, como um sudário de morte. O vento frigido sibilava na enxarcia; parecia uma serpente escamosa quando assovia na floresta intrincável. A orquestra da procela rompia sonorosa e esplendida, como a retracta Virgílio num incomparável hemistíquio.

— Por San-Thiago, disse Fernão Ximenez, saindo da mudez do espanto em que o deixara a longanimidade do

irmão; — adivinhava-o o diabo do gageiro, pois já as ondas guiam os castelos de proa, e lambem a ponta do gurupés. Diabo! que se tivesse mando no timão amurava mais para sotavento, e talvez que escapássemos à fúria da tormenta.

Continuava o enovelar das vagas como grandes cordilheiras sacudidas por um vulcão subtérreo. Instantes depois, o rapaz descia para o porão, e as marés gigantes em vagalhões, salvavam o baixel. Soltos, desencontrados dos quatro pontos, os ventos caem de estouro sobre o galeão.

— Que San-Thiago, o bom apóstolo das Espanhas, seja connosco, murmurou o homem do leme, ao apagar-lhe uma maré a luzinha da bitácula. Que o bom Jesus dos mareantes nos ampare nesta tribulação, Ave-maria!

A tempestade recrudescia surda à voz do pobre homem de quarto, que não sabia já o rumo que levava. Pouco depois, as ondas envolveram-no no seu marulho, e o sorveram no pélago insondável.

Sem governo, o galeão altivo, cruzando-se sobre duas ondas que rebentaram sobre ele, estremeceu como aluído pelo cavername e costado; o mastro grande, gemendo

sobre si, estalou, e sumiu-se na corrente das águas. Por instantes ninguém respirou. Só o capitão Fernão de Mendonça, conhecendo que o temporal amainara, gritou com intrepidez:

— Salta arriba!

A tempestade amansara consideravelmente; via-se espelhado em todos os rostos um sorriso de esperança, iluminado ao clarão diáfano do santelmo, que reluzia no tope dos mastros.

— Salve! salve, oh Corpo Santo! — gritaram todos possuídos de um regozijo expansivo.

— Podemos agora contar com a bonança, — disse a voz animadora do padre capelão, — que o sacro fogo de Santelmo se nos mostra risonho e mensageiro de paz. Oxalá que sem mais desgraças possamos dizer como o mal-aventurado soldado das Índias, o bom Luiz de Camões:

Vi nos céus claramente o lume vivo,

Que a marítima gente tem por santo,

Em tempo de tormenta e vento esquivo,

De tempestade escura e triste pranto.

— Mestre Fernão de Mendonça! — interrompeu o gageiro, — o galeão tem um enorme rombo na proa, e daqui a meia hora estaremos todos no fundo, se vos não apraz lançar esta lancha ao mar. — E foi-se cantarolando aquelas trovas do *Auto da barca do Inferno*, do popular Gil Vicente:

Á barca, à barca, boa gente,

Que que queremos dar a vela;

Chegar a ela, chegar a ela.

O tom frio com que dissera a ruim nova fazia julga-lo filho da rajada, como se cria nas incarnações da mitologia grega. Ouvida a fala do capitão, foram saltando todos para o batel. Pouco depois a mão soberba da India começara a afundar-se. Ao vê-la sumir-se, o padre capelão lançou-lhe a bênção,

e proferiu uns versículos da oração dos mortos. A mudez tornava mais sublimes estes instantes. Era como na morte de um herói, que baqueia ferido no auge da luta. As lagrimas borbotavam dos olhos dos velhos mareantes ao perderem para sempre aquele companheiro das refregas. O batel não podia com a tripulação toda; o mar estava braseiro e a cada momento entrava-lhe pela borda.

Assim foram andando à mercê das correntes, sem que transluzisse no horizonte escuro um clarão de esperança. O ranger dos remos fazia lembrar de hora em hora o estertor de uma veemente agonia. O mar e a fome infundiam na alma o tédio da vida.

O mar continuava roleiro. A este tempo uma onda encapelada rebentou quase de choque sobre o batel. Era preciso alijar para alivia-lo. O capitão deitou sortes, para ver os que iriam ao mar. Caiu a sorte sobre o intrépido gageiro. Pero Guterres, um velho marinheiro, atirou-se de livre vontade. Fernão Ximenez parecia de tal modo embebido na dor funda que alentava na alma, que não sabia o que se passava em volta de si. A sorte fatídica cairá também sobre o irmão. Despertou da abstração dolorosa,

ao abraço fraterno extremo. Repentinamente compreendeu tudo com a lucidez de que o espirito se apossa nos momentos solenes da vida.

Deteve-o um instante:

— Uma vez sacrificaste ao meu amor todas as tuas esperanças! É bem que o reconheça; agora estimo a vida só para dala por ti. — E desprendeu-se dos braços do irmão, com a resolução do desespero, e arrojou-se à voragem.

Gaspar Ximenez permaneceu atónito, interdito perante o estranho heroísmo.

O sol ia já alto, o céu tornava-se límpido e sereno, o horizonte abria-se imenso, como a expansão de um pensamento de alegria. Depois de haverem remado bastante ainda, descobriram-no a distância seguindo extenuado o batel. A energia sublime do seu heroísmo e dedicação comovera todos os corações. Quiseram unanimes recebe-lo, estava já sem forças, quase imóvel. O amor fraternal resplandecera com espanto. Os membros regelados começaram de novo a sentir vida com a reação do calor.

O mar ia amansando progressivamente, e antes do cair da noite viram com pasmo e alegria doida alvejar uma vela. Saudaram-na com a celeuma do regozijo. Quando passados dias chegaram a beijar a terra dos seus pais, Fernão Ximenez foi professar, cumprir o voto num mosteiro, para não tornar o amor do irmão impossível.

LAVA DE UM CRÂNIO

Quantas risadas se escutam perdidas no ar, que ás vezes são um punhal invisível, brandido por mão diabólica, um veneno propinado a ocultas, que infunde na vida o desalento, o tédio, a indiferença por todos os grandes sentimentos que nos agitam e nos elevam! O riso é a expressão mais enérgica do desespero, quando ele tem um timbre satânico, que gela, e se repercute na alma como o estampido de uma detonação que fulmina; então, mata mais do que a ponta de um estilete penetrante, embebida no acónito baço, que fere e não deixa ver a cicatriz. Quem não há soltado uma vez na vida uma dessas risadas, que não seja uma loucura, uma impiedade, uma provocação, uma mentira, talvez um crime? Um dia ri também desse modo; é remorso que ainda hoje me punge.

Eu vivia ignorado, obscuro, trabalhando na minha água-furtada, alimentado pela febre da aspiração, pelo pensamento de exageradas vigílias; era a contumácia da

desesperação que me dava forças, e me fazia caminhar incansável sem saber para onde. Este vácuo da existência amputava-me para todas as distrações, via em tudo uma futilidade, sentia-me mau, com uma vontade de torturar, de contradizer, de estar sempre em hostilidade com todas as ideias que não fossem as minhas. A dialética fora para mim uma arma, que ao passo que a manejava com mais presteza, me tornava mais intolerante. A solidão dera-me por um excesso de vida subjetiva uma suscetibilidade táctil, tornava-me perscrutador, analista; pretendia ler em todas as fisionomias, deprimi-las perante a minha consciência, como um juiz boçal, que não pode convencer-se de que o réu que interroga esteja inocente. Saía para as ruas, a luz oprimia-me, a multidão atropelava-me, sentia-me olhado, como nos tempos do absolutismo teocrático aquele que vergava ao peso do anátema.

Um dia saí para respirar o ar livre de uma bela manhã de verão; uma veia sarcástica, provocadora, não deixava harmonizar-me com a serenidade da natureza. Vinha pelo mesmo passeio um sujeito magro, fumando uma ponta de cigarro. A distancia ainda comecei a analisa-lo; cada vez

que o fitava sentia em mim uma hilaridade irrepressível; parecia-me uma cara insignificativa. De mais perto representava-me uma incarnação do grotesco, do cómico objetivo, como se encontra nas goteiras das catedrais da Idade media. Trazia uma vestimenta velha, esfarrapada, que produzia uma antítese perfeita com a sua idade. Mais ao pé, vi que tinha um fulgor de vida nos olhos, o movimento, a expressão de uma intensa atividade interior. Eu tinha caminhado para ele com um riso mofador, com pretensões a observa-lo, este casquilho em quinta mão, e fui-lhe ao encontro a pretexto de acender um charuto.

Conheci então o valor da frase com que o povo exprime um desgosto íntimo e repentino: caiu-me o coração aos pés. Via naquele fato esfarrapado de escovado, a luta de uma alma, que arcava com a miséria, de um homem, que aspirava à decência, e que prosseguia temeroso, como conhecendo que a vestimenta o degredava e o destituía de importância, que um descuido qualquer o expunha aos apupos da vadiagem. Assim explicava comigo aqueles ares afetados de elegância, que despertaram a risada, que ressoou só dentro em mim. Era também criança, tinha uma figura trigueira,

uma certa vivacidade de movimentos, uma timidez que se não acusa e se transforma em reconhecimento à menor consideração.

Pedi-lhe lume com um tom levíssimo de ironia. A afabilidade desarmou-me; o coração doeu-se ao primeiro impulso da sua crueldade.

Tinha vontade de confessar-me seu amigo; era-o nesse instante, com todas as veras de alma.

Dias e noites a imagem do pobre rapaz a flutuar-me na mente; eu estava indisposto comigo, procurava equilibrar a vida de modo que pudesse alcançar essa virtude sublime da bondade, filha quase sempre da serenidade e da superioridade de espirito. Era ainda cedo para mim. Não tornara mais a vê-lo: julguei-o uma aparição diabólica, que viera inverter uma ação inocente da vida numa preocupação, que me perturbava a tranquilidade.

Uma noite, saia eu do teatro: o frio regelava os membros, a escuridão era profunda como as trevas visíveis de que fala Milton. Esperei à porta que escampasse. Por um acaso feliz

deparei ao meu lado com o mesmo sujeito que um dia soube inverter-me um riso insignificativo em remorso.

Tinha ainda a mesma compostura, esse apuramento que fazia rir os que não soubessem penetrar os dolorosos mistérios da sua existência.

O pobre rapaz, não sei que franqueza leu no meu rosto, que se chegou para mim. Pôs-se a comentar o espetáculo; pouco depois, estiou e partimos juntos. Até aqui nada de interessante.

— Quanto mais estudo (disse-me ele, cansado de andar e de falar), tanto mais se me alarga a solidão do espirito; cada dia encontro menos pessoas com quem prive, caminho, e a cada passo me vão ficando mais longe. Quem não entender isto e se revoltar contra a minha frieza, dirá que é orgulho, e egoísmo até; os que se doerem de mim dirão que é misantropia. A meditação é como um segredo, que pesa quando não há a quem se conte; mas se eu encontrasse uma mulher a falar-me de amor, sacrificava-me a ela, para vê-la mais ditosa que a pobre Frederica de Goethe. É a primeira vez que conversamos. O meu amigo deve estranhar esta liberdade; sou assim, amo a franqueza

quando não busca rodeios para convencer, e tem a força da expansão sincera, a ingenuidade simples, que não sabe aliar a amizade com as pragmáticas. A franqueza deste modo admira-se, e eu tanto mais, porque a tenho visto sempre usada como pretexto para dizer insultos impunemente. Acho-me solitário no meio da sociedade, e tenho ainda não sei que terror de me ver perdido, atropelado entre as massas. Vivo assim desde criança; como criança fui também poeta, cantei porque tinha medo, queria distrair-me. Eu chamo-lhe meu amigo, porque me escuta; era quanto bastava para lhe ficar reconhecido. A maior parte das pessoas que me ouvem riem-se de mim. Falo sobre a génese das religiões, a origem dos governos, as relações da arte com a sociedade, todos os grandes problemas que nos agitam; abanam a cabeça, e dizem com ar compassivo: «Utopias dos vinte anos.» Outras vezes, descrevo a formação da terra, procuro explicar as evoluções da antropogenia com a cosmogonia, o aperfeiçoamento dos seres e a sua decadência pelo grão do calor que a matéria conserva e vai irradiando; obedeço à pressão da causalidade que me obriga a explicar a mim mesmo os fenómenos que vejo, e riem-se, perguntam-me

onde estudei, que diplomas tenho das Academias, e voltam-me as costas ludibriando-me, porque não querem admitir a ciência sem a autoridade, veem como profanação um leigo explicar o que só está à altura da inteligência dos catedráticos. Tenho tido muitos destes desgostos na vida. Os homens que têm certa bondade, também me dizem, que a idade me fez todo idealista, que os anos me darão um caracter prático de que careço. Ás vezes, tendo passado a noite em vigília a pensar, cheio de frio, com fome, canso-me a falar, para receber, ao cabo de um esforço inaudito, uma gargalhada brutal. Deus sabe quanto custa afazer-me à solidão absoluta. A solidão, é verdade, devasta o espirito, porque obriga à representação interior, dando-lhe um relevo maior do que a realidade.

Serão utopias tudo quanto tenho na cabeça? É uma lei natural. Há na vida intelectual dois períodos, um de criação, outro de realização. Hoje concebo um ideal que não posso determinar; porque há de vir tempo em que saberei somente dar forma ao que senti. Convém não rir desapiedadamente de todas as teorias da mente febril da mocidade, porque ao aproximar-se a idade estéril da força,

quem há de realizar o que não ideou? Bem sei que um grande poeta disse antes de mim: «Uma grande vida, é um pensamento da mocidade realizado na idade madura.» Em tudo isto vejo uma força desoladora no homem, que o domina em tudo, e era pela análise dela que poderíamos entrar na essência dos actos da sua vida — é o egoísmo. Quando o homem se vê compelido a reconhecer uma superioridade no seu semelhante, forma dele um semideus, porque, então já não é outro homem que o sobrepuja. Cristo é uma ideia transmitida ás gerações, que elas concretizaram num nome para compreende-la. E depois, porque um homem igual a nós a manifestava, o egoísmo salva-se fazendo-o — filho de Deus. Arranca-se a Ilíada das mãos de Homero, porque o orgulho do homem não consente que o homem o exceda. Vico representa na sua hipercrítica a humanidade. Perguntamos, quem inventou a alavanca antes de Arquimedes demonstrar a sua lei? quem descobriu o parafuso, a serra, bases de toda a mecânica? O egoísmo ocultou quanto pôde o segredo; apenas a mitologia responde com uma divindade alegórica, um Saturno, Perdice, Pan e Triptolemo. — O pobre rapaz falava de um modo precipitado, convulsivo, como se lhe faltasse o ar. A

escuridão da noite não deixava ler-lhe no rosto a volubilidade da expressão. De repente, parou à porta de um casebre velho, situado numa viela estreita e infecta. Pediu-me para subir. Eu não podia resistir-lhe; cada palavra vibrava-me cá dentro como um arranco. Fomos tateando nas sombras, por um caracol de escadas carcomidas, que nos faltavam aos pés. Ia-se-me esclarecendo o mistério daquela existência. Por fim chegamos a um quarto pequenino e baixo, com um ar mefítico, saturado de fumo de tabaco. Ele acendeu uma vela de cebo roída dos ratos, que tinha presa no gargalo de uma garrafa; a enxerga com uma manta embrulhada achava-se a lastro. A miséria arrepiava-me. O pobre rapaz deitou-se sem forças; vi-lhe então, à luz mortiça, uma palidez cadavérica. Tive medo do seu silêncio. Ele estava envergonhado de tanta indigência, e procurava rir-se, ridicularizando-a:

— Não estranhe ver-me nesta trapeira; há uma analogia entre ela e a minha cabeça, onde as ideias refervem em tropel confuso, e se conflagram e se destroem. Estas teias de aranha são ás vezes a minha distração nas horas de enfado; divirto-me como o Mascara-de-ferro, como Spinosa,

Magliabechi e Silvio Pellico. É em que me pareço com os grandes homens.

Deixemos isto; conversemos a serio diante de quem não sabe rir-se de mim. Eu também tenho pensado na organização de uma sociedade perfeita, como Platão e Cícero, Campanella, Thomaz Morus e Fenelon; mas só encontro essa perfeição no momento em que os vínculos do direito que prendem as nossas relações sociais, e os mistérios e terrores que as religiões incutem, fossem excluídos pelo desenvolvimento completo da ideia do Belo; quando deixássemos de praticar uma ação, que vai contra as máximas do direito ou da religião, não por ser injusta ou imoral, mas porque repugna ao sentimento do belo. A Arte sobre tudo! é ela só que nos pode alcançar conjuntamente a perfeição plástica. Assim a anarquia, a negação absoluta de todo o governo fora de nós, constitui o ideal do estado; a lei era a consciência de cada um, a consciência sempre incorruptível a todo o interesse egoísta. Porque a Arte é sintética, mais do que a religião, a filosófica e a moral, porque só ela faz o acordo incondicional das vontades por uma emoção universal.

Como chegar um dia a esta perfectibilidade! Não se vai lá de repente, a natureza não dá saltos. As revoluções pela ideia podem tudo; não se confia nelas, nem se empreendem, porque os resultados só os goza o futuro. É esta ciência nova da Sociologia que há de levar mais longe a humanidade. A Idade media, o grande letargo depois da civilização da Grécia e Roma, foi ampliada pela passividade mística do cristianismo; é uma impiedade que ninguém talvez acredita. A esmola, a onzena sobre a bem-aventurança, era o princípio da dependência e da desigualdade, a aniquilação do trabalho e da atividade; a reprovação dos juros, o estigma impresso sobre o judeu, elemento industrial na sociedade nascente, eram a inercia do capital e do espirito de empresa. A verdadeira doutrina é um catecismo popular de economia social. É por esta ciência que nos há de vir a libertação, desde que o homem reconheça que produz mais do que consome. O trabalho é o único título da propriedade, a santificação da vida. O trabalho é para mim uma consolação, um orgulho; sou como Plauto, que fazia rodar um moinho, e nas horas de descanso escrevia as suas comédias; como Spinosa, que gravava vidros para se alimentar nas horas em que se

absorvia no quietismo do pensamento e ampliava a síntese física de Descartes à moral humana; eu toco na orquestra de um teatro; de dia penso.

E o pobre rapaz parou em meio, de cansado; depois recomeçou, fazendo-me a história do trabalho:

— O homem ao destacar-se do último elo da cadeia dos seres, sentiu-se forte e senhor da terra. A natureza oferecia-lhe por toda a parte seus peitos uberastes, e este regozijo de harmonia ligava a sua existência à vida panteística do universo. A grandeza do homem neste ciclo genesíaco, simbolizaram-na os escritores sagrados no reflexo de graça e de inocência que descia das alturas sobre a sua cara; os escritores profanos, menos inspirados pelo idealismo espiritual, retratam-na na plástica, nas formas gigantes do corpo e na majestade homérica de uma estatura heracleana. Neste primeiro dia, foi o homem como os anjos, via e falava face a face com a divindade; neste primeiro dia foi um gigante da terra, dominava pela força ciclópica. Ambos os dois mitos têm um fundo de verdade revelada pela inspiração e intuição do passado aos profetas da história. Senhor e rei na criação, o homem deixou-se

enlear no seio voluptuoso da natureza. Admirou e caiu adorando. Nesse instante descobriu a sua nudez, e escondeu-se; sentiu a fome e a sede e as dores do desterro. O outro mito, mais violento e terrível, para filiar nessa queda o naturalismo e antropomorfismo, fá-lo mergulhar no bruto, e o sátiro, o minotauro, é o homem a confundir-se na categoria inferior dos primates. à queda sucedeu a reabilitação, como ao ocaso a nova aurora de luz. Era a lei eterna das antíteses. Foi o trabalho o sinal da reabilitação, será o caminho para a apoteose.

Sic itur ad astra. Nos mitos do Oriente, tenebrosos e trágicos, o trabalho é um estigma que pesa sobre o homem, é a dor, a atribulação, é a terra produzindo cardos e espinhos, fecundada pelo suor do seu rosto. É o enigma da vida a ser iniciado pelo sofrimento e o sofrimento a retratar a vida nómada da raça primitiva, na sua passagem através do deserto. Nos mitos do Ocidente é sublime o ideal do trabalho: aí é a glória dos semideuses, é a vida errante mas heroica. Chiron ensina o mistério da força. Os trabalhos de Hercules, os trabalhos de Teseu, eis outros tantos passos para a elevação do homem, perdidos hoje completamente

nas sombras imperscrutáveis do mito. Nos trabalhos de Jasão e dos Argonautas está simbolizada a inauguração do comércio de toda a raça jónica. No Oriente, o trabalho é uma fatalidade religiosa, um anátema do primeiro passo do homem. O cristianismo, criado no berço de todas as religiões, vindo da Asia, transportou consigo o mesmo dogma fatídico, mas com expiação. Suavizou o golpe da espada flamejante, que lançou o homem fora do Éden. Exagerou a culpa para perdoar o castigo; suscitou no interior do homem uma luta, luta escura e tremenda, um eu a combater outro eu, a carne a revoltar-se contra o espirito, a confusão e o caos onde havia a ordem e a harmonia, e para este dualismo desesperado apontou como panaceia — o trabalho.

Desta ideia proveio um diluvio de sangue para reabilitar a raça futura; foi o sangue dos mártires; a arca flutuante a igreja; o ramo de oliveira, representando a paz universal e a fraternidade a cruz. Só tarde estes símbolos foram compreendidos; tinham sido como o enigma da Esfinge, que devorava os que iam passando. O cristianismo ao ideal do trabalho-pena ligou a universalidade. Na Idade média a

ordem social era classificada pela propriedade territorial; a posse era a característica do senhor, o trabalho da cultura o ferrete do servo. A Idade média feudal é uma antinomia na história; a influência manifesta do cristianismo é a comum. O abraço dos povos pelo trabalho do comércio e da indústria, eis o segredo das riquezas de Pisa, Gand, Veneza, Génova, Bruges e Florença, ao pé da barbárie dos estados feudais.

Virtus unita fortius agit. No dia em que o homem descobriu a alavanca, o parafuso, a força da água, foram outras tantas fadigas de que aliviou seus hombos, sobrecarregando-as na natureza. Hoje o trabalho não é o selo da culpa segundo a antiguidade bíblica, não é o sinal da escravidão como na Idade média, nem o tributo dos párias, como concebia Aristóteles: hoje é o símbolo da dignidade do homem. São as máquinas que vão conseguindo pouco a pouco esta realeza do homem sobre o universo. O hino do trabalho eleva-se por toda a parte, e as estrofes perpetuam-se ao estrepito das grandes descobertas de Galvani, Fulton, Watt, Pascal.

Pelas máquinas ganha o homem tempo à custa da força, mas força despendida pela natureza. Virá uma época em que ele se liberte do trabalho material; abre-se então outro horizonte mais vasto — o trabalho da inteligência. Prometeu ergue-se dos rochedos caucásicos, não para roubar o fogo celeste, porque é Deus, mas para atear aquele que ocultou longo tempo no encéfalo. O homem desprender-se-á da animalidade para absorver-se no anjo. Se ele se destacou de uma animalidade inferior, não está terminada a sua progressão ascensional.

Esta teoria explica já a prodigiosa atividade e precocidade intelectual deste seculo.» A voz foi-se-lhe enfraquecendo, até que se calou; estava macilento, tiritando de frio; a vista com um brilho fosforescente, felino. Depois de alguns instantes de silêncio, disse-me com um modo seco, que não compreendi logo:

— O suco gástrico é bastante corrosivo e dilacera-me as fibras do estomago.

Conheci que era a fome que lhe dava esse aspeto, essa consumpção em que o via prostrar-se. Disse-lhe que esperasse um instante, e sai à pressa para comprar numa

espelunca uma posta de peixe. Quando voltei, a luz bruxuleava quase a extinguir-se; o pobre rapaz estava voltado para a parede. Sacudi-o. Achei-o frio, com a rigidez cadavérica.

BEIJOS POR FACAS

(Conto de uma Serenata em Espanha)

Corria lenta e sossegada a noite. Há nestas vozes indefiníveis das horas mortas a suspensão de um segredo, que se não articula; o silêncio remoto parece escutar as músicas de dentro, que se espraiam na alma, como os sons eólios que a brisa entorna da escarpa.

O céu estava profundo e puro, recamado de estrelas, brilhando silenciosas, absortas nas cores espectrais da sua luz, com que confidenciam e exprimem entre si as sonhadas harmonias das esferas.

Cada traço radiante que se projeta nos ares lá vai perder-se num fasciculo mais intenso, pensamento de amor, energia inextinguível que voa a despertar e embalar um devaneio ditoso, que não finda.

Os ventos sopravam macios, remurmurejando na folhagem verde; a veia cristalina e sinuosa do Mançanares

derramava seus aljofres, onde se refletiam as graças e a alegria das miríades de astros que bordavam a cúpula do empíreo.

Soaram vagarosamente, como as palavras de uma sentença irrevogável, onze horas na torre da Catedral. A vibração argentina do sino, ondulando na calada da noite, fazia escoar-se pelo corpo um estremecimento gélido, como o pingo de água que se infiltra das estalactites e cai, de vez em quando, no pavimento petrificado de uma gruta escura e sem fim.

E a noite prosseguia lenta e sossegada. Pouco a pouco, uma viração travessa, vinda dos vales longínquos, dispersou nos céus uma nuvem espessa, que se tinha levantado das bandas do mar. Assomou um leve resplendor, um clarão incerto na cima dos montes; depois, os arvoredos deixaram jorrar por entre as ramas entrançadas um alvor suave. Era a lua que se alevantava serena do topo das serranias, hóstia branca erguida na reconcentração intima dos mundos. à luz diáfana e branda, que devaneios começados e interrompidos no vago das aspirações que não têm realidade! que confissões veementes, que palavras

sentidas, que protestos fogosos, apaixonados, gerados pelo influxo da saudade e da melancolia!

Á luz tranquila do astro dos namorados, meditava distraída no seu balcão, virgem, enleada nos caprichosos desejos que lhe tumultuavam no coração infantil. Quinze anos! a eflorescência da vida no seu viço exuberante; as alegrias perenes, sem motivo, um transporte a cada sensação que se ignora e que o acaso revela! Quinze anos! e o peito a palpitar apressado a cada pressentimento de ventura.

Estava no seu balcão a donzela tímida; as tranças soltas, espalhadas pelos hombos, eram os jorros de uma catadupa que se despenha; respirava ansiada, como quem acabara de brincar e sente na fadiga, que a prostra, a tentação de se precipitar novamente na vertigem da corêa que passa ligeira como um volteio de fadas em areal deserto.

A lua iluminava-lhe o rosto com a majestade com que se reflete numa janela gótica. Parecia adormecida, criança, embalada pela toada das harpas dos serafins, que a vinham abrigar do rocio da noite debaixo da sombra das suas asas brancas. O vento levava-lhe as roupagens longas, que flutuavam como uma nuvem rescendente que a envolvesse.

Ela não estava adormecida, sonhava. Que mistérios intraduzíveis de amor não lhe viria descobrir esta hora! A natureza, mais velha e experiente, vinha ensinar sua irmãzinha, mostrar-lhe os filtros que um sorriso esconde, a fascinação de uns olhos húmidos de volúpia. Sentiria ela as primeiras notas do amor, pulsando levemente dentro do peito?

O sítio, a hora, a mudez confidente da noite tépida e sombria, tornavam propícias as palavras tímidas, balbuciadas tremendo, com um langor comunicativo.

A este tempo a lua brilhava esplendida de encantos pela amplidão celeste. A donzela cada vez aparecia mais radiante de graça; o luar tornava-a mais bela, como numa transfiguração repentina.

Será uma realidade a existência deste tipo divino? Será uma criação apenas, uma visão quimérica da mente do poeta? Um sonho que a arte sabe encarnar e insuflar-lhe o sentimento de Rosina, quando espera ansiosa detrás do cortinado alvejante Alma viva, a identificação de um ser noutro ser? Não. Como uma filha, a mais linda das filhas de Eva, irmã das que foram amadas pelos anjos que se

esqueceram do céu, ela também sente e ama. É Marcela, Marcela, o sol da velhice do grande poeta da Espanha Lope da Vega.

Cansado de triunfos, de glorias e pesares, o cantor de Doroteia ama-a, como um viandante do deserto que ama a brisa fresca da colina que lhe vem alentar os pulmões exaustos. Coração imenso de um pai, que enlouquece de alegria ao ver perpetuar-se-lhe no mundo a inteligência, os sentimentos que o animaram e lhe trouxeram sofrimentos e glorias, naquela que o abraça como uma vergôntea airosa à sombra do roble secular.

Marcela é o seu pensamento predileto das horas pacíficas da existência, a que há de herdar-lhe o manto profético com que o pai penetrava nos mundos da poesia. Poeta, enleva-se diante da sua obra, a ideal Galateia, onde vive uma alma afinada pelas mesmas harmonias; ama-a, com que ternura! É mas galante que padre.

Marcela estava distraída ao luar no balcão; era na rua dos Francos; estava deserta e escura pela sombra. Começou então a sentir-se um som incompleto, como o gemido de um queixume que expira; depois, mão ignota a dedilhar

veemente, com força, nas cordas de uma guitarra. As auras levavam as melodias, ais de um peito que gemia de amor em segredo, e que ia ditando ao instrumento sonoroso as palavras, que não podia proferir.

O silêncio da noite destacava as notas delirantes, como o azul a um carbúnculo que cintila.

A inocente criança despertou do sonhar aéreo em que permanecera absorvida; compreendeu a linguagem suprema do sentimento, era a primeira confissão de amor que escutava na vida. Receio correr o cortinado. Era a inocência na sua timidez. A curiosidade, o orgulho de criança a impelia; começava a sentir-se bela, formosa. Debruçou-se desprevenida ao balcão, mirou, perscrutou nas sombras. A guitarra fascinadora emudecera.

Depois, ela viu dois vultos aproximarem-se, traçarem as capas, desembainhando as espadas reluzentes. A mudez tornava assombroso o recontro. Os ferros cruzaram-se faiscando; eram os rivais, que se encontravam ali, levados pelo mesmo amor e pelo mesmo ódio, a grande contrariedade deste sonho da vida. Não se ouvia um gemido; os botes eram a fundo. Uma espada tiniu no chão

partida; o outro galanteador, generoso, deixou a sua de mão e sacou um punhal do cinto. Era um duelo a todo o transe, questão de vida ou de morte. Marcela nada discriminou nas sombras; sentia apenas o fragor de uma luta porfiada. O outro rival alçou o punhal também; arrojaram-se aos braços um do outro, espumando de raiva, cozeram-se de facadas desapiedadamente, até que, escoados em sangue, caíram desfalecidos.

O vento da noite refrescava; a lua mostrou-se no seu esplendor e deixou ver o campo do torneio. Marcela recolheu-se aterrada para o seu aposento; orou a noite toda perante o retábulo de Santa Maria da Atocha, prometendo fechar para sempre o seu coração ao amor do mundo.

****

Depois dos inesperados transes e provações, a que ás vezes a alma resiste para novos desastres, Lope de Vega fugiu ás tempestades da vida, envolvendo-se no burel de uma ordem penitente, unindo a contrição e a poesia no misticismo

radiante das efusões líricas com que desabafava nas horas contemplativas. Quando o espirito solitário descia à terra e se deixava tocar pela dor, tinha então o encanto da sua prole, dos filhos que estremecia. Como se não lembrava ele, com pesar e saudade indelével, do seu pequenino Carlos, cor de lírio e de rosa, quando vinha acariciar-lhe a alma com umas palavras de ternura infantil, quando o via pular de contente ao vir o dia, como uma antílope nos prados, quando os seus vagidos eram um gorjeio entrecortado que lhe pareciam um vaticínio encantador! Pobre criança, ainda coberto do orvalho matinal, de te expandires à bafagem perfumada da nova aurora, quando, lírio fanado pela geada, desapareceste na terra para seres transplantado no céu.

O poeta buscava consolação na poesia; era ela que o cercava de uma auréola de felicidade. Distraia-se cuidando da sua pequena horta. Era a imaginação que o revestia, aquele exíguo canteiro, ornado apenas de duas árvores, dez florinhas, uma laranjeira e uma roseira, onde casualmente cantavam os rouxinóis, e onde dois cântaros de água formavam a fonte, que gemia e adormecia seus pesares. Contenta-se de pouco a natureza; ele não trocava este

canto da terra nem pelo monte Hibla, nem pelo vale fertilíssimo de Tempe, nem pelos jardins suspensos de Semíramis, como ele próprio confessa; porque a fantasia criadora reveste-o de todas as graças de um paraíso sonhado, mostra-lhe colunas brancas de mármore com inscrições gloriosas, fontes que jorram e se despenham em borbotões de perolas e aljofres, lagos profundos e límpidos sulcados por canoas que desfraldam as velas como cisne voluptuoso que deslisa, rodeados de sombras amenas e encantadoras de arvores soberbas simulando os gigantes da terra, a vinha entrançada aos plátanos, dourada pelo sol de agosto, bustos entre a ramagem espessa, sátiros que se adormecem ao som da ninfa fugitiva, ninfas travessas errando na relva macia, que tapeta o recinto... É um sonho de poeta na sua soledade. Que tem que seja uma ficção esta magnifica paisagem? Ele sente as emoções que lhe traz o retiro que forma, e para onde se refugia.

O seu filho levado pelos valorosos cavalheirescos, pelo impulso dos quatorze anos, deixou-o para seguir a expedição contra os holandeses e os turcos. Uma catástrofe

desastrosa veio roubar-lhe mais esta esperança; a mão em que partira tinha soçobrado.

Restava-lhe só junto de si Marcela, para amenizar as horas lentas e enfastiadas da velhice. O pai oferecia-lhe seus livros, dedicava-lhos, pedindo que os corrigisse; ela reunia ás graças do corpo, a harmonia da plástica com um sentimento delicado, uma penetração viva e lucida. O poeta recebera todas as consolações do céu naquela filha; era a sua criação mais perfeita, a admiração dos poetas do seu tempo, era todo o seu orgulho.

Marcela começou a aparecer triste; tinha na face a palidez da planta que esmorece. Nem uma palavra só de queixume; a mesma abstração sempre!

Os lábios pareciam emudecidos pelo selo do mistério. Cercava-lhe os olhos languidos um disco roxo de maceração, enublava-lhe o rosto a preocupação de uma dor, que não sabia confessar. Quando Lope a chamou para de junto a si, e a estreitou nos braços beijando aquela flor da mocidade que o Senhor fizera brotar das suas ruinas, sentiu uma dilaceração interior, ao ver uma lagrima pura,

cândida, ingénua, resvalar-lhe na face em que a dor empanava o viço infantil:

— Oh minha filha! Quem poderá adivinhar o segredo da tua angústia, e inverter os pensamentos aflitivos de mágoa num êxtase perene de felicidade. Marcela, Marcela! Eu dizia-te um dia, lembras-te ainda?

era naquele livro, que o pressentimento me fez intitular Remédio na desdita : «Deus te proteja, e te faça ditosa, posto que os teus dotes o não consintam, principalmente se fores herdeira do meu destino.» A coroa de glória que me cinge sangra-me na cara com dolorosos espinhos; o que a poesia me há ditado tenho-o sofrido primeiro. Tu, alma da minha alma, vás pisando a mesma via dolorosa. Ergue-te dessa prostração do desalento em que te deixas cair! Conta-me o que assim vem perturbar teus pensamentos tranquilos, roubar-me as tuas caricias que me fazem rejuvenescer? Eu não sei como ampara-la, interroga-la, sem que esta planta mimosa languesça como a sensitiva. Menina, jovem, ignorando a vida, acordaria ela senhora? Levá-la-ia o amor em sonhos ao seu mundo de aspirações infindas? Ela inclina-se sobre meu ombro e chora. Como

posso eu consola-la, dar-lhe as esperanças que não tenho e que de há muito me desampararam? Marcela! Ergue a tua cabeça; deixa-me ver-te, beijar-te, enxugar as tuas lagrimas, filha. Diz-me o que te aflige tanto. Pobre criança, ela cada vez me estreita mais a si.

— Oh meu pai! eu não sei o que me faz tão cedo aborrecer as galas, as seduções do mundo, e me mostra a vida como um deserto ínvio, intransitável. A alma sente um vácuo que ninguém pode encher. É o cristianismo que me faz germinar no espirito este sentimento vago, uma sede desse gozo sem limites da visão beatífica, uma aspiração, um desejo ardente de regressar à eterna pátria, de me confundir nos coros arcangélicos, ao som do triságio perene. A natureza por mais esplendida e vicejante, as flores de aromas mais esquisitos, o céu mais admiravelmente cravejado de estrelas, o azul, o espaço aberto, causam-me o desgosto que havia de sentir Moisés do alto da montanha vendo ao longe a terra prometida e sem poder atingi-la. Quanto mais me sinto enleada neste encanto divino da contemplação interior, torna-se-me mais intenso o desejo de abandonar o desterro deste vale de

lagrimas, quebrar os vínculos da carne, e acordar no empíreo. Este corpo que me deste é a prisão em que a alma suspira e anceia por soltar-se; ela é a escrava da Escritura que vaga à míngua de uma gota de água no deserto:

ela tem diante de si um abismo, que precisa transpor sem o fitar. Eu senti em sonho este himeneu recôndito e incompreensível do amor divino.

O Amado erra pelas brenhas, chamando a esposa perdida. Eu não me posso elevar até Deus, o Deus abscônditos, pela inteligência, como os doutores; deixai que a alma vulgar e humilde, desconhecendo essa vereda intrincada, caminhe conduzida pela intensidade do seu desejo à eterna fonte suprema do bem. Eu quero professar num mosteiro, seguir a regra da penitência austera, voltar para a arca santa, como a pomba do diluvio. Quero envolver-me no burel(*), mergulhar-me na escuridão de uma cela, e sonhar embalada nas músicas do êxtase.

[(*)Burel é uma manta artesanal portuguêsa, feita de lã.]

— Marcela! para que vais tornar assim a minha solidão mais dolorosa?

O teu irmão, perdi-o ainda tão criança! Eras só tu que me restavas no mundo. Sem ti, de que serve a vida que levo devorada pelas recordações do passado. Eu perdi uma esposa, que asserenava no meu coração as tempestades do amor. Tinha em ti meu único refrigério, e desamparas-me quando me vejo mais só! Pobre filha! Terá ela vergonha do mundo? do seu nascimento ilegítimo? Que provação tão dura e repentina me estava reservada em castigo de uma mocidade turbulenta! Vai, filha, corre aos braços do divino Esposo: ele só pode dar-te a grinalda imarcescível, servir-te com uma legião de anjos. És o último ramo virente que o destino arranca de um tronco carcomido pelos anos. Vai, vai. — E apertou-a nos braços a chorar como uma criança.

Tempo depois, a engraçada filha do maior e mais fecundo poeta de Espanha entrou para o convento das Carmelitas descalças, em Madrid.

Lope de Vega descreve esse abandono do mundo com expressões sentidíssimas:

«Marcela, o primeiro pensamento do meu amor paternal, pensava em casar-se, e uma noite disse-me o nome daquele que desejava para esposo.

«E eu, que sabia quanto é prudente deixar amadurecer um tal pensamento, porque há decisões que provêm de causas acidentais, deixei as minhas desculpas, esperando sempre não contrariar seus desejos, se eles se fundassem na verdade da sua alma. Mas vendo cada dia esse desejo a aumentar-se, determinei-me dar-lhe esse esposo, que solicitava seu amor. Esse esposo é belo, é rico, é sábio, e de uma estirpe ilustre, e o seu pai é nada menos do que todo poderoso. Eu juro que por parte da sua mãe é de sangue real, e que ela é tão boa, que não há atrativos, nem virtudes que não possua. É uma mãe tão cheia de graça, que pelas suas mãos Deus a dispensa ao mundo. Ela é juntamente rosa e lírio, cipreste e palmeira.» A igreja estava ornada como o tálamo de um noivado. Então, o poeta viu a sua filha nesse dia com uma graça, uma beleza, uma perfeição inexcedível, que a alegria fazia realçar sobre os dons da natureza, que o contentamento animava de vivacidade e elegância. O esposo recebia-a nos seus braços carinhosos. O amor divino transfigura-se sempre na infância. Miríades de luzes, damascos e brocados enfeitavam o aposento nupcial.

«Marcela, — continua o poeta — as faces coloridas como duas rosas, e os lábios como banhados por um sorriso honesto, fitou-me: o último adeus que separava duas existências.

«Sua alma trasbordava de felicidade com esta vocação; e por um último adeus do seu corpo, ela voltou costas a tudo que o mundo chama festas e prazeres.

«Depois, oferecendo ao jovem esposo a sua casta grinalda de virgem, ela estreitou-o a si, cobrindo de beijos seus olhos de esmeralda.

«O céu fechou a porta ao meu coração cheio de amor paternal; arrebatava-me a melhor parte da minha alma; e eu era o único a lamentar nesta multidão de espectadores. Tornámos à igreja; a desposada deixara seus hábitos de festa, os enfeites, para envolver-se no burel grosseiro.

Suas tranças foram cortadas, porque, como as outras virgens que povoavam o coro, ela não devia ter para ser bela, mais do que a sua beleza.» Sente-se nestas palavras do poeta a dor do coração de um pai, a quem todo o sentimento e unção religiosa não podem consolar. Verga

diante dessa agonia, resigna-se. Passado o ano do noviciado ainda o coração virginal de Marcela palpitava com o amor divino. Pronunciou os votos, e professou.

«Ela dormia sobre a palha fria e dura, e andava descalça; o corpo andava oculto numa vestimenta humilde; só os olhos eram a expressão da sua alma. Oh bem-aventurado desengano das coisas da terra! — exclama o poeta na solidão do seu amor. — Esta virgem tão bela, tão casta, tão pura, consagrou a Deus os seus dezassete anos!» Estes desgostos da vida foram-no levando à sepultura; Lope de Vega sucumbiu no auge da admiração. O seu funeral foi imponentíssimo, como o de Miguel Ângelo. Marcela, a inteligente filha do poeta, pediu para o cortejo passar pelo convento das Trinitárias descalças. No momento em que o préstito parou diante do mosteiro, viu-se aparecer por entre as grades avaras um rosto macerado por uma dor lenta. Era Marcela chorando a morte do pai, talvez pungida pelo abandono em que o tinha deixado. Instantes depois, sumiu-se na escuridão da cela, e ninguém soube o que a levara na candura dos dezassete anos a abandonar o seu pai na desconfortada velhice.

A OGIVA SOMBRIA

Sem dúvida, no tempo da mais bela flor da arquitetura gótica, quando foi construída a catedral de Colonia, ligava-se uma grande importância a estes números simbólicos, porque a conceção ainda confusa das ideias racionais, contenta-se facilmente com estes sinais exteriores.

HEGEL in Estética.

A Catedral! a criação suprema da Idade média, em que a arte, pelo sentimento, numa estrofe de pedra, sabe concentrar o espirito radiante do cristianismo, pela força audaciosa do símbolo! Ela representa a aspiração incessante da alma que se eleva para o céu; é ela como a Esposa dos Cantares, que espera em silêncio a visita do Amado, e se veste das suas galas e realça de encantos. A curva suave da Ogiva imita uns párpados languidos, uma

pupila sonhadora, enleada naquele êxtase sensual do amor divino, que Teresa de Jesus sentia nos seus delírios místicos; as flexas atrevidas, atiradas para os ares, a linha a infinitivas se, a perder-se no espaço, as agulhas bordadas, rendilhadas, são os cabelos dispersos, flutuantes da donzelinha, que se assenta cansada de errar pelas brenhas e em volta da cabana dos pastores à busca do amado. A cúpula altiva, representando aquele momento em que a alma se desprende dos limos terrenos e se absorve toda na mística unitiva, é o colo, que o poeta dos Cantares comparava à torre de marfim que olha para o ocidente, e cuja majestade é semelhante à da lua que se alevanta. Miguel Ângelo chama também a uma igreja, nas efusões do seu panteísmo artístico, a minha esposa.

Cada monumento antigo é como uma cara veneranda, enrugada pelos seculos, animada por uma expressão profunda. Essa expressão é a linguagem dos Evos, criada pelo espirito que não pode contemplar um facto, acreditar na sua existência independentemente de uma ideia, de uma razão de ser que procura achar nele. É a fatalidade do enigma do esfinge. As Catedrais góticas reúnem quase

sempre a lenda piedosa com a lenda grotesca e diabólica; elas são como a incerteza da alma que paira duvidosa entre a possessão e o êxtase. Umas vezes, são os anjos que vêm de noite trazer de longe grandes blocos para a edificação da fabrica, que lavram a pedra, que alevantam o mosteiro. É a inspiração do anonimo nas obras grandiosas. Ás vezes, é o diabo, que com a mira em dilatar o seu império faz tudo, e transporta para a construção as melhores peças que rouba de outros monumentos, como uma coluna do templo de Diana em Éfeso para o templo de S. Zenão em Verona. A alma do arquiteto está retratada na sua conceção; receando das suas forças para realizar o ideal sublime dos sentimentos do cristianismo nos monólitos de mármore para que cria uma forma, não teme evocar a potência das trevas. Nas Ogivas escuras, soturnas das Catedrais góticas, nos arabescos extravagantes das janelas esguias, nos monstros boquiabertos que servem de goteiras, nos basiliscos informes dos pedestais, reflete-se esta aliança do misticismo poético com o misticismo divino. Muitas vezes a Catedral tem o mistério de um símbolo que se mobiliza para exprimir os sentimentos da humanidade; com as invasões e descobrimentos marítimos ela toma a forma de

um navio voltado para o Oriente, donde lhe vem a luz; também imita uma cruz estendida ao longo, como na nossa maravilha de arquitetura, a Batalha, o poema da crença e do heroísmo de um seculo.

Estamos em plena Idade média. A noite era caliginosa e tétrica; o coriscar frequente dos relâmpagos, o ribombo estridente dos trovões repercutindo-se distante, e o restrugir medonho da floresta, completavam as harmonias intraduzíveis da tempestade. A alma, diante deste espetáculo estupendo da natureza, sentia uma pressão que a fazia concentrar-se possuída do sentimento do infinito, a que os homens que tudo indagam e submetem ás fórmulas metafísicas chamam — o sublime.

Via-se através da escuridade absoluta das horas mortas um clarão incerto, como de alampada veladora. Seria algum discípulo de Flamel ou de Lulo absorvido pelos mistérios da alquimia, submetendo a matéria, interrogando este Próteo eterno, que, a cada pergunta ostenta uma forma diversa, e responde de mil modos diferentes, sem que cheguem a surpreender-lhe o segredo da sua simplicidade? Seria um monge solitário enlevado na paz ignota da vigília,

procurando, no silêncio da noite, elevar-se pelo coração até Deus? A luz jorrava da janela do aposento humilde e sombrio. Dentro, sentia-se o respirar cansado de um peito opresso; a alampada espalhava em torno uma penumbra em que flutuavam as visagens caprichosas de uma mente tresvariada, e vinha refletir-se pálida, descorada sobre o rosto macilento, em que os gestos davam uma expressão incompreensível como os pensamentos que o agitam. Via-se naquele rosto impressa a ansiedade dos que penetram pela intuição a verdade de um problema insolúvel, e uma distração leve lha fez esquecer. Sobre uma mesa estavam pergaminhos extensos, desenrolados, cobertos de linhas cabalísticas, com que se evocam os espíritos noturnos, compassos e astrolábios, esferas e mapas.

Era ali que morava mestre Gerardo, o archi teto da Catedral de Colonia. Estava contemplando o traçado da sua obra; a fisionomia animava-se-lhe de vez em quando com uma luz, um resplendor vivo de transfiguração, como num êxtase em que o ideal se deixava tocar, determinar numa forma só concebida pela mente do homem. Os cabelos andavam-lhe revoltos, espalhados sobre a cara, como nas

convulsões de uma sibila quando entrevê o futuro, e sente o influxo vertiginoso que lhe dita o vaticínio. Depois, uma sombra espessa, como de um desgosto repentino, veio ofuscar-lhe a serenidade que se lhe espelhara na cara, em que os anos redobravam a majestade. Nisto, levou a mão à cabeça, como para suster o impulso de uma ideia que lhe ocorrera:

— A arte! a arte! é ela que me vem descobrir estas linhas que eu fixo no mármore, e que hão de ser a admiração dos seculos. Ela vem-me ensinar este segredo do ornato, a variedade disposta de modo, que leva o espirito à unidade do pensamento. A arte é uma religião que inspira também uma fé viva, ardente, intensa, e dá forças para afrontar a dúvida, que cerca e punge o espirito criador. Um dia duvidaram de mim; não imaginavam que eu pudesse levantar essa mole de pedras, uma Catedral representando o voo místico da alma! Riram-se do plano da minha obra! Eu tenho pensado dias e noites, como na virgem eleita dos sonhos da mocidade. A Catedral! ela aparece-me na fantasia, iluminada por um sol fulgurante, trasbordando de músicas e harmonias suaves, perfumada de incenso,

revestida de purpura, recamada de ouro, como a noiva que se veste para entrar no aposento do real esposo. Cada pedra que se vai dispondo, cada arco, cada pilastra erguida, é a ponta de um véu que se alevanta e me deixa vê-la, sonha-la, idealiza-la sobre essa realidade incompleta. É como a terra que vai aparecendo vagarosamente ao nauta cansado das tormentas, à medida que se esvaece o nevoeiro da madrugada. A Catedral! a Catedral! eu sonho e estremeço diante dela, quando a contemplo; sinto o delírio do artista grego apaixonado pela carnalidade que ia descobrindo o seu escopro. Ela parece-me uma fada escondida, e que a arte me descobre o segredo para quebrar-lhe o encantamento, e mostra-la excelsa, bela, radiante elevando-se para o alto numa ascensão divina. Eu queria vê-la suspensa nos ares, servindo-lhe as nuvens e os cúmulos alvacentos de pedestal! Agora já me não inspira terror o desdém dos meus inimigos:

descobri a última estrofe do poema da minha vida, hei de confundi-los, faze-los curvar-se adorando-a: é o zimbório, a cúpula arrojada ás alturas, semelhante ao voo extático da alma até à absorção em Deus.

Havia nestas palavras a vibração frenética do delírio; mestre Gerardo de Colonia ficou silencioso como na prostração dos fortes impulsos que lhe dera a alegria. Os olhos brilhavam humedecidos, cintilantes, exprimindo o regozijo íntimo da contemplação da sua alma. E voltou a inclinar-se sobre a folha de pergaminho, a recompor na mente as linhas que ali traçara num momento de inspiração. Depois, acometido por um novo acesso de entusiasmo, arremessou de si o traçado; os olhos flamejaram coruscantes, parecia que estava doido:

— Eu quero mostrar assim, que essas Confrarias dos obreiros construtores de Strasbourg, de Viena, de Zurique e Magdeburg não podem disputar a proeminência a Colonia. Todos os obreiros e artífices da Baixa-Alemanha hão de reconhecer em mim a supremacia do chefe. Que importa que Strasbourg queira ser a sede da grande mestria? De que vale a homenagem prestada pelas confraternidades maçónicas da Alta-Alemanha, de uma parte de França, da Hesse, da Suabia, de Thuringe, da Francónia e da Baviera? O zimbório da Catedral há de erguer-se bem alto para a admiração de todos.

E calou-se de repente, como envergonhando-se diante de si mesmo, de se haver deixado possuir daquela vaidade. Depois continuou com dor:

— Quantos monumentos estupendos, quantos obeliscos gigantes, que assombram as idades, e que mostram o poder criador do homem, competindo com as criações de Deus, quantas maravilhas espalhadas pela superfície da terra, e que o archi teto não quis que se soubesse o seu nome, com uma abnegação sublime da glória do mundo! Eu que ainda não completei a minha obra, que a tenho aqui na cabeça, nem sei mesmo se chegarei a realizar este sonho, se terei a força de Atlante para suster nos ares a cúpula audaciosa, eu, mesquinho, ufano-me, ensoberbeço-me! O génio não tem consciência de si, não conhece o poder mágico de que dispõe, por isso não se enfatua. O que é a glória do mundo perante a glória celeste!

Ilusão que nunca chega a ter um momento só de realidade; é uma nuvem tenuíssima que tolda o azul diáfano do empíreo. Para a alma do que preliba os encantos do céu, a glória do mundo é uma tentação dolorosa, um martírio incessante; porque então para ela a vida é como a luz

vivida da alampada, que se consome no silêncio da noite diante da imagem veneranda; assim, a alma procura envolver-se no olvido, no esquecimento de si para resplandecer mais pura.

Os legendários estão cheios destas lutas violentas com os sentimentos mais profundos do coração do homem. Um dia Rubens estremeceu atónito diante de um quadro escondido na penumbra de um coro numa igreja espanhola; o quadro era um mistério quase impossível de ser traduzido, divulgado pelas cores sobre a tela. Era a morte do justo. A mórbida expressão do rosto macilento, uma auréola divina difundindo-se em roda, a alma ansiosa pelo jubilo do céu a exalar-se docemente, como o último raio do sol da tarde, e por sobre a cabeça os anjos debruçando-se das alturas a contemplarem o monge na hora do passamento! Era uma transfiguração sublime, a ideia mais bela, a que resume todo o cristianismo, revelada pela arte. Quando o grande pintor voltou a si daquele êxtase imprevisto, sentiu-se pequeno ao pé de uma criação tão perfeita. Perguntou ao monge que o conduzia, que pincel realizara tamanha obra, para confessar-se seu discípulo, e proclama-lo à admiração

do mundo. O monge sentiu um estremecimento convulsivo, e respondeu-lhe apenas: — «Não é já do mundo!» e quando ele voltou à sua cela, juntou os pinceis, a palheta e lançou-os na corrente de um ribeiro que deslisava manso à falda da janela; e para esconder as lagrimas que ainda uma vez lhe escaldaram as faces retintas na palidez da penitência, foi procurar conforto na oração fervorosa. Como não teria também esta energia para lutar consigo aquele que escreveu na mudez da cela um livro de resignação e conforto, a Imitação de Cristo, e que abnegou dessa gloria para não torna-lo uma mentira!

Mestre Gerardo de Colonia ficara absorvido numa meditação profunda. A tempestade continuava solene e grandiosa na mudez da noite. Sentiu um leve rumor no aposento, que a contenção de espirito em que estava mal deixou perceber. Prestou ouvidos. Batiam à porta.

— Quem será? assim tão fora de horas! — e correu os ferrolhos. Entrou uma figura alta, embuçada num gabinardo longo, o rosto assombreado pelas abas de um largo chapeirão. — Quem sois? — inquiriu o archi teto, preocupado ainda na sua abstração.

— Sou um irmão da Confraria dos obreiros construtores de Strasbourg; — disse o desconhecido com uma voz cava.

— Entrai.

Sentaram-se, contemplando-se um instante silenciosos.

— A que vindes?

— O que me traz? — redarguiu o desconhecido com um tom de ironia acerba, — deves sabe-lo melhor do que ninguém. Confias no zimbório da Catedral de Colonia, para quereres assim submeter à tua supremacia a mestria central de Strasbourg. É impossível e quimérica essa tua loucura.

As grandes lojas querem todas a independência. Demais o zimbório, a obra que é o teu orgulho, não está pronta e talvez nunca a possas levar ao cabo.

Mestre Gerardo ficou espantado, hirto de raiva diante da audácia do desconhecido. Depois, volveu-lhe com uma severidade que lhe abafava a voz:

— Ainda sou archi teto! e o zimbório há de ser o primeiro a saudar no alto os alvores do sol quando se

alevanta. Juro pela minha alma.

— Aposto em como te enganas!

— Aposto em como te hei de confundir, e a todas as mestrias rebeldes da Alemanha! — insistiu o archi teto.

— Pois bem! Eu comecei há dias a obra do Aqueduto de Treves, e espero ainda vê-lo acabado antes de teres pronta a Catedral. Se assim não for, no dia em que deres por acabada a tua obra, despenho-me do Aqueduto. Tu precipitas-te também dos coruchéos da Catedral se eu vier reclamar primeiro? Aceitas a aposta?

— Aceito.

— Juras?

— Juro.

A este instante ouviu-se longe o canto do galo. O interlocutor misterioso desapareceu subitamente ás primeiras notas do núncio da alvorada. Foi então que o archi teto reconheceu o — diabo; não quis acreditar na realidade daquele pesadelo. O canto do galo é celebrado nos hinos da igreja, principalmente nos de Santo Ambrósio.

Galo canente vigilemus omnes. Ele simboliza a voz interior que desperta a alma do sono da tentação; foi o canto do galo que despertou também a Pedro no átrio do Pretório, quando renegou o Mestre. No misticismo poético ele representa uma parte importante. A imaginação exaltada pelos sonhos da noite não podia deixar de revesti-lo de mistério. Já a Grécia lhe tinha formado o mito: é o castigo de Alectrião. A sombra que reclama de Hamlet uma vingança, o coro das feiticeiras de Macbeth, desaparecem com a magia desse canto.

Um dia o archi teto subira à Catedral; estava prestes a terminar-se a cúpula. A alegria alucinava-o. Apareceu-lhe então uma cabeça disforme, rindo, confrangendo-se em esgares satânicos por entre as sombras profundas de uma ogiva. Disse-lhe que estava pronto o Aqueduto de Treves. Mestre Gerardo empalideceu e voltou o rosto à pressa!

Aquela nova enterrava-o. Baixou os olhos como para suspender uma vertigem instantânea, fatalmente o relance mediu a altura da Catedral; o angulo visual dilatou-se de modo que lhe produziu a atracão do abismo. Resistiu debalde, vacilou um instante e despenhou-se por fim.

Disseram que fora a alegria explosiva de ver a sua obra, que lhe causara o desvario que o precipitou.

Assim conseguiu estabelecer o seu predomínio a Mestria central de Strasbourg.

AS ÁGUIAS DO NORTE

(Conto Polaco)

Harpa sacrossanta, orvalhada pelas lagrimas dos videntes, que repousam sobre ti caras encanecidas, banhadas no choro do cativeiro, quando à tarde abandonada na solidão do exilio, à beira da torrente, a aragem vespertina vinha gemer nas tuas cordas, o cântico remoto era como o anseio de um coração opresso, ai, que se perde confundido com o rojar das cadeias.

Inclina-te agora nos meus braços, e vibra-me um canto de desespero, insofrido, eterno, para acordar a turba, que dorme sob o peso das gargalheiras.

O vento livre saberá levar a toada longínqua, para achar eco no peito dos desgraçados. Pátria! pátria! és a túnica inconsútil sobre que rodam os dados do infortúnio.

Polonia! tu és o peito exangue, ferido pela lança do incrédulo. Pudesse o teu sangue dar a vista ao que te fere

com mão obstinada. Ao menos, que o teu último arranco afaste para bem longe o bando dos abutres selvagens que pairam sobre ti, Prometeu, algemado em terra, mas, que ainda nas convulsões da agonia mostra a animação do fogo divino da liberdade.

Oh! mas o que vale ao poeta desterrado contemplar a ruina da pátria!

Para que há de ele pedir à sua harpa um canto de angústia e saudade, se aqueles que o escutam e se sentem fortes para lutar com um esforço sobre-humano, são depois mártires do sublime entusiasmo?

Que tristeza profunda o lembrar-me que o meu poema a Tentação, exaltando os estudantes da Lituânia para sacudirem os tiranos, fez com que os opressores arrojassem para os estepes e minas da Sibéria a flor da mocidade da Polonia! Pobre Karl; ainda tenho aqui a carta em que ele me conta os trabalhos da jornada para o desterro:

De um estudante de Lituânia ao Poeta anonimo da Polonia

«Em todos os tempos a poesia tem sido a expressão dos sentimentos profundos da humanidade; chora com as suas dores, e é ela que vai ao sepulcro das nações proferir o Surge et ambula à raça suplantada pela pressão dos déspotas. Desde os profetas de Israel, e Tirteu e Callino até Rouget de Lisle, Kerner e Poetefi, a poesia tem dirigido as revoluções; é como a coluna de fogo que leva à terra prometida através dos errores do deserto.

Nós eramos crianças, animados dos sentimentos mais puros, que a idade não deixa contaminar; chorávamos de mágoa e despeito, com vergonha de vermos envilecida, sob o jugo obscurante dos czares, esta pobre pátria esmagada por um colosso de inercia e barbárie. Um dia apareceu-nos um poema estranho, novo, um grito ansioso em que se exalava uma alma.

Pareceu-nos a voz da Polonia que nos chamava no seu desalento; sentimo-nos fortes no primeiro impulso.

Estudávamos em Lituânia; uma noite reunimo-nos para ler o poema.

Brilhava em cada rosto um lampejo de cólera e esperança. Cada estrofe era um sobressalto, a ansiedade do sacrifício. Eramos como aqueles crentes dos primeiros seculos do cristianismo, tínhamos a sede do martírio. A noite da conjuração era tempestuosa como os pensamentos que nos agitavam. Jurámos ali, com as mãos sobre as estâncias misteriosas que nos vieram despertar do letargo da opressão, abnegar do amor, da família, da vida, por esta desgraçada Polonia. A alampada solitária que iluminava o aposento deixava uma penumbra fantástica e terrível, como num tribunal whemico; os olhos coruscavam com brilho de alegrias sanguinárias. O entusiasmo precipitava-nos. Sentíamos forças de Atlante, uma audácia e tenacidade para a luta; mas, via-se ao mesmo tempo em cada rosto a sombra, não sei de que pensamento funesto, de uma aspiração irrealizável. Seria uma desgraça iminente?

Quando nos abraçamos como irmãos na mesma crença, para os transes mais dolorosos, correram as lagrimas, ferventes, como nos momentos rápidos de uma despedida para sempre. Havia um silêncio augusto. Parecia que o céu e a terra escutavam o nosso juramento; que a pátria

agrilhoada interrompera os lamentos para escutar a voz consoladora dos seus filhos, que esperavam o dia da redempção.

Foi então que ela apareceu, Hedwige, a mulher que eu amava, o cabelo destrançado pelo vento da noite, cansada, ofegando, sem cores, enfiada de susto. Julguei-a uma aparição angelica, que baixava para trazer-nos a palma do martírio, a anunciar os transes deste horto em que estávamos recordando as agonias da Polonia. Como ela estava bela, radiante; era uma profetisa, altiva como Débora quando proclamava ás gentes a lei, a sombra das palmeiras entre Rama e Bethel, sobre as carairas de Benjamim e Efraim. Ficámos suspensos, esperando o hino que havia romper dos lábios selados por um mistério profundo. Como deixou ela a casa dos seus pais, nas sombras da noite medonha? Como soube onde estávamos; quem a trouxe aqui? Fora o amor, esta iluminação da segunda vista. Hedwige proferiu, depois de alguns instantes de repouso, com a voz entrecortada e tremula:

— Ainda é tempo! Os soldados russos vêm em busca de nós; sabem da conjuração, e perseguem-nos; poupemo-nos

para a hora suprema do resgate.

Depois ela veio para mim e abraçou-me. Ia começar a falar, quando se sentiu na rua o estrepito de armas, e vozearia de uma soldadesca brutal e desenfreada. Não me custava a vida; mas tê-la ao meu lado, ali! vê-la sujeita à irrisão e malvadez dos que vinham para prender-nos! Pobre Hedwige; ela abraçou-me e sorriu-se:

— Tens medo? vejo-te tão pálido! Receias que eu não tenha coragem para corresponder à tua bravura? Eu sou mulher, é verdade. Era ao suspiro de uma mulher que a liberdade romana acordava sempre. Lucrécia e Virgínia ensinaram-me também a ser forte um dia. Karl! eu sinto que neste instante nos une um amor mais alto e desinteressado, que nada tem das paixões terrenas. Dá-me o abraço que há de fundir numa só as nossas almas para sempre. Agora já te posso dizer como Arria, se te visse esmorecer no perigo, o que ele disse levando o punhal ao peito: Poe, us, non dolet!

O tumulto, o som confuso das armas, o tropear dos soldados, não me deixaram ouvi-la mais. Entraram na sala sombria, como uma onda turbulenta que irrompe

derrubando os diques e se precipita como um vértice fremente. As armaduras reluziam, e nos causavam a vertigem do terror. Um frio letal escoou-se por mim; lembrou-me lutar para defende-la.

Reinava um silêncio de morte. Já sabíamos a sorte que nos esperava.

Depois vieram lançar-nos as cadeias pesadas, as gargalheiras infamantes da escravidão, ultrajando com risos aquele sentimento puro que nos dava constância para o martírio. Era impossível resistir; todo o esforço seria inútil. Deixei passivamente algemarem-me. Um olhar firme de Hedwige inspirou-me uma resignação indizível. Não sei que aparência divina, que irradiação sublime, etérea, envolvera o rosto da minha amada, que os soldados não se atreviam a aproximar-se. Seria esse terror, que fazia cair em terra, fulminados, os que tocavam na Arca sacrossanta? Na serenidade altiva que ela mostrava neste instante, conheci-lhe uma resolução extrema; Hedwige queria também ser prisioneira, para sofrer comigo as dores do desterro. Ela lançou mão do poema que estava sobre a mesa, e começou a recitar algumas das estrofes mais

arrebatadas, com uma voz profética, no tom misterioso de uma sibila. A magia daquela voz sentida prendia; ficaram imoveis, queitos, escutando-a:

Fragmentos de uma Elegia polaca

— «E lentamente, muito lentamente, por detrás do Homem-Deus, avança deslumbrante de beleza e sem vestígios de morte a minha dileta Polonia. — Ela pára sobre os umbrais da Sião prometida a todos os povos, e — destas alturas sagradas sua voz retumba, dirigindo-se ás nações reunidas muito longe, lá em baixo, nos términos do espaço.

«A mim, a mim, oh vós, raças fraternas! A ultima luta do derradeiro combate terminou; — os embustes das traições e das mentiras terrestres estão destruídos. — Subi comigo para o reino da paz.» — E o coro das nações lhe responde: «Bênção e gloria a ti, oh Polonia! porque ainda que tenhamos todas sofrido, — tu suportaste mais tormentos que nenhuma de nós, — Pela enormidade das injustiças acumuladas sobre ti, conservavas constantemente o inimigo debaixo do raio de Deus! — No transe do martírio, tiravas do teu coração uma vida mais enérgica que a dos teus opressores, — e pelo teu sacrifício nos salvaste. —

Bênção e glória a ti, oh Polonia!» Oh! quantas vezes por uma noite sombria do outono, a voz da minha mãe ou de algum antepassado sai do túmulo, e chega até mim para me falar do futuro. — Eis que a este ruido misterioso, visões estranhas me aparecem. — O canto de triunfo soltando-se do peito de milhões de homens, ressoa em redor. — Os vencedores passam em falanges inumeráveis, — eu vejo as brancas, resplandecentes figuras das irmãs e dos irmãos libertados da escravidão; — a centelha da imortalidade faísca de todas as caras. — Mesmo sem asas, eles vogam no ar, como se fossem alados; sem coroas brilham como se fossem coroados. — E eu mesmo prossigo no meio de todos, e me sinto numa espécie de céu desconhecido, antecipado.

E, quem sabe? talvez que a profecia dos meus sonhos se realizasse já sobre o túmulo da Polonia! E não havia senão eu, eu cadáver, que faltava entre os ressuscitados! Oh, através destas grades e destes muros que me fecham como as taboas de um féretro, o meu espirito se ilumina e se expande ao longe, transpondo o tempo e o espaço! — Sim, eu vejo: além, por toda a parte miríades de estrelas e flores; — o mundo regenerado celebra suas núpcias com a

jovem liberdade! — Na aresta dos Alpes, no cimo dos Cárpatos, o céu resplandece com os raios da mesma aurora, — e todos os povos unidos, confundidos, parecem formar um só oceano, por sobre o qual é levado o espirito de Deus(*).»

[(*)Estrofes XIX, XX, XXI do poema O Ultimo, do conde Sigismundo Krasinski.]

Á medida que ia prosseguindo no canto, Hedwige, como a Sulamita dos Cantares, comparada à torre que olha para o ocidente, parecia suspensa; o rosto com a graça diáfana de um serafim. Naquela elevação surpreendente, a comoção embaraçou-lhe a voz; não pôde falar; ficou hirta, lívida, como na concentração violenta do êxtase.

Era o génio da Polonia incarnado numa mulher que sofria. Hedwige ficou silenciosa; nem um queixume, uma lagrima sequer, quando lhe roxearam os pulsos. Quando voltou a si, e conheceu que ia compartilhar comigo a mesma sorte, sorriu-se, com a expressão divina da alegria dolorosa e da resignação.

Dias depois leram-nos a sentença. Doze anos de desterro e trabalhos na Sibéria. Hedwige escutou impassível. Custava-me tanto vê-la sofrer em silêncio; ela fazia um esforço inaudito para não vergar com as dores excessivas; não queria redobrar o meu sofrimento. Oh meu Poeta! foi então que me convenci de que o homem é o lobo do homem; pior ainda que o lobo cerval, porque espia os segredos da nossa alma, e antes que nos inflijam as sevícias do corpo, torturam-nos o espirito, insultando os sentimentos mais recatados e santos que nos dão coragem nos desalentos da vida.

Partimos todos na carroça dos desterrados, um kibitka pior que o tormento inventado para matar o integérrimo Atílio. As rajadas do inverno eram cortantes, e tiravam-nos todo o vigor para avançar; depois, vieram amontoando-se os gelos, e nos obrigaram a prosseguir a pé; a desolação dos estepes, por onde passávamos, despertava-nos não sei que simpatia, talvez porque eram uma semelhança visível do abandono e ruinas em que estavam nossas almas.

Hedwige, delicada e frágil não podia caminhar mais, via-a desmaiar pouco a pouco; a lividez do sepulcro no rosto

desbotado! Parecia-me a flor mimosa, emurchecida com as geadas da noite. As pancadas do knut , um látego formado de tiras de couro cru e rosetas de ferro, com que a verberavam para adiantar caminho, esgotaram-lhe as forças. Eu não sei que haja palavras humanas para exprimir a dor e a raiva que senti nesse instante, porque o coração do homem nunca sofreu tanto, para descobrir uma expressão para este infinito da angústia. Hedwige nem se atrevia a olhar para mim; depois vi-a cair transida de frio e cansaço; esgotara o último esforço. Quiseram deixa-la sepultada entre o gelo. A noite vinha a fechar-se aspérrima, atroz; eu não podia sequer lembrar-me que o corpo da minha amada ia ser em breve pasto dos abutres. Via-me também já sem forças. Pedi para leva-la aos meus hombos.

Era a loucura e egoísmo do amor, que fazia com que a conduzisse, para sentir ainda agonias mais violentas que a morte.

— «Oh! antes me deixasses sepultada na solidão dos estepes, exposta ás aves noturnas, do que vermo-nos agora separados para sempre!» — Disse-me ela a abraçar-me

frenética, louca, quando nos separaram, mal que chegámos ás minas da Sibéria.

Os meus companheiros do infortúnio não os voltei mais a ver; Hedwige foi condenada ao trabalho das minas de mercúrio, muito longe. Não soube mais dela. A mim, enfiaram-me um capote de feltro e desceram-me por uma corda pelas gargantas da terra, por um boqueirão escuro; à medida que ia baixando, ia sentindo vozes confusas, ruido de enxadas.

Então, vi na obscuridade profunda a luz baça e mortiça das lâmpadas de segurança, e uma multidão de homens escaveirados, magros; era uma cidade de múmias. Era aquela a minha habitação para doze anos de existência.

Admirava-me de ver ali crianças; filhos dos desgraçados obreiros, raquíticos, enfezados, não conheciam a luz do mundo, a vida resumia-se no trabalho insano. As dores que suportava tinham-me embotado o sentimento, tinha a impassibilidade do idiotismo, a mudez do assombro.

Ás vezes uma lembrança longínqua de Hedwige e da minha mãe, a quem não pude dizer ao menos o extremo adeus, me

davam a consciência de que ainda vivia; mas não podia aliviar-me com as lagrimas.

Os que me viam nunca se atreveram a perguntar qual o meu crime. Não sei que esperança me prendia à vida, para que me não despedaçasse contra as rochas que ia arrancando. Estava já acostumado à obscuridade. Um dia começou a lembrança de Hedwige a ocupar-me a imaginação. Seria uma saudade viva? algum pressentimento? Lembrar-se-ia ela também de mim nesse instante? Julgava-a já morta, criança e débil como era. Sem Hedwige, para que queria eu a vida? Oh! se a visse ainda uma vez morreria contente, resignado, perdoando tudo quanto os que se dizem meus semelhantes me fizeram sofrer.

Era uma loucura esta ideia. E continuávamos silenciosos a romper a mina lobrega e funda. Começámos a sentir um eco surdo; eram os trabalhadores de outras minas, que se encontravam. Continuei a trabalhar com mais vontade, na direção donde vinham os sons abafados.

Encontrámo-nos dias depois. Que alegrias, que abraços íntimos entre aqueles sócios da desgraça. Se estivesse ali

Hedwige! Que fatalidade! o meu desejo era o pressentimento. «Já te esqueceste de mim?» Senti um abraço sem vigor; fitei nas sombras o vulto, que me falava e me estreitava a si. Era ela, lívida, desconhecida, com a magreza da consumpção; o mercúrio penetrara-lhe a parte esponjosa dos ossos. Tive horror do ente que amava, era só a compaixão que me prendia a ela.

— «Lembras-te das palavras de Simeão quando na apresentação do templo viu o Messias nos seus braços? Hoje digo-te o mesmo, Karl; já posso morrer.» E eu continuei a viver para ver prolongados a miséria e os flagícios incríveis, que me cercavam. Já não tinha o amor, que alimentava as horas da minha solidão. Hedwige tinha-me expirado nos braços; soltara a alma cândida, acrisolada nas tribulações, no último beijo, que recebeu de mim. Daí por diante a vida pareceu-me mais impossível de suportar; eu não vivia, vegetava como o lixo no fundo de uma caverna escura. A imbecilidade proveniente da atonia e dos pesares indescritíveis prolongara-me a existência vegetativa.

Lembrava-me a minha mãe. Se a tornaria a ver ainda! Estaria ela já no sepulcro, ralada com a saudade da

ausência, cansada de esperar a volta do cativeiro? Sem sucessos, nem distrações, que me preocupassem a vida, cada momento parecia-me um seculo de desesperação. Estes doze anos foram uma outra existência. Quando voltei à pátria julguei um renascimento; mas tornava a aparecer à luz do mundo para mais provações e dores, porque a minha mãe estava morta; a pátria, o que ainda me fazia palpitar o coração com vida, vejo-a esquecida, inerte sob o jugo prepotente da Rússia. Hoje escrevo-lhe, meu Poeta, porque é a única pessoa, que me resta no mundo, e só me prende à vida o juramento, que fiz de imola-la no altar da pátria. — Karl .» O Poeta anonimo da Polonia produziu com os seus poemas o mesmo que Mickiewich, o autor do Banquete de Walenrood. Só depois de morto é que se soube o seu nome; era o conde Sigismundo de Krasinski. A liberdade da Polonia fora o único ideal da sua inspiração; é ela sempre que transluz nas maravilhas com que enriqueceu a literatura polaca, nos Salmos do Futuro, no Iridion na Comedia Infernal e na Tentação , a que anda ligado este facto que narrámos.

O RELÓGIO DE ESTRASBURGO

(Conto de 1352)

A Idade média está completamente caracterizada nas suas lendas; porque se não há de por elas recompor a história, anima-la com essas cores vivas, dar-lhe movimento. A mais extensa, a que absorveu todas as imaginações rudes e criadoras, foi a lenda do Diabo, reprodução do dualismo persa, que aparece fatalmente no período instintivo da génese religiosa. Desta idealização do mal provém, na arte, a realização anonima do grotesco, muitos dos velhos fabulários, e na ascese divina a tentação de que estão cheios Ribadaneiras e Boulangistas.

A ciência, nos primeiros seculos da Igreja, foi desprezada, amaldiçoada como inútil e perigosa, porque tornava o espirito rebelde, orgulhoso; a alma perdia com ela a simplicidade, que a elevava até Deus. A observação das leis físicas do mundo era uma impiedade; Bacon e Silvestre II foram olhados como feiticeiros. É um martirológio

interminável o desenvolvimento da razão. Foi um dos algozes Sam Paulo:

«Eu destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a ciência dos eruditos. O que é feito dos sábios? O que é feito destes espíritos curiosos das ciências do seculo? Não os há convencido Deus da loucura das ciências deste mundo?» A Igreja não se contentou com a acrimonia da invetiva, quis encarnar este verbo do obscurantismo. As lutas e as agonias que se seguiram estão perpetuadas num sem número de lendas sobre as revoltas do espirito, que vieram a sintetizar-se no tipo do Fausto.

Em pleno seculo XIV. O sol brilhante, num céu sereno e límpido de um dia de alegria, derramava-se em torrentes sobre a catedral de Estrasburgo. Voltada para o oriente, segundo o rigor do simbolismo religioso, recebia a luz do alto, como um cenáculo em que as línguas de fogo vinham revelar os mistérios da vida e a serenidade, que ela havia de infundir aos tristes que se acolhessem, corridos das tempestades do mundo, na tranquilidade do seu recinto. A luz refletia-se coruscante das vidraças, que ostentavam um rosicler das cores mais caprichosas e vivas; cada pedra,

cada angulo, cada saliência destacava-se mostrando os rendilhados e lavores esquisitos; a torre parecia então mais altiva, não topetava com as nuvens, perdia-se na profundeza do espaço azulado e puro. Era um belo dia de primavera.

Diante da catedral majestosa foram-se agrupando pouco a pouco alguns vultos ociosos; e, atraída na razão direta das massas, instantes depois a multidão flutuava impaciente, como quem espera um prodígio anunciado um eclipse. Não era nenhum eclipse, nem tampouco o aparecimento de um cometa, que então fazia tremer os pontífices e os reis. Não era mesmo procissão esplendida, que o povo e os amadores de tertúlias estavam esperando com ansiedade. O que seria então?

Uma figura estranha, embuçada num tabardo escuro, chapéu emplumado ao uso da corte, vinha montado, a passapelo, num cavalo fouveiro; custava-lhe a romper por entre a turba apinhada; estrangeiro ali, não quis atropelar ninguém, e resolveu esperar que o concurso fosse diminuindo.

— O que está toda esta gente aqui a fazer, num dia de trabalho? — perguntou o desconhecido para um rapaz, que parecia esconder-se entre o vulgo, com um ar de tristeza e de uma dor indizível. — Há alguma procissão ou festa de jubileu? Ainda as portas da catedral estão fechadas.

— É certo que vindes de bem longe, — volveu-lhe vivamente o pobre rapaz — pois que ainda vos não chegou a fama do grande Relógio de Estrasburgo. É uma maravilha da Alemanha. Não vedes aquela estatuazinha da Virgem? Diante dela, vem ao bater do meio dia os três Reis Magos com os seus presentes, e o Galo autómato, que lá está, sacode as asas logo que o sol toca o zénite.

O cavaleiro não teve tempo para compreender o que ouviu, porque um sussurro imenso, repentino, burburinhou por toda a praça. O carrilhão de Estrasburgo dava meio dia. Ficaram boquiabertos, atentos esperando o aparecimento dos Reis Magos. Sentiu-se primeiro o ruido estrepitoso de umas asas pesadas, depois o clangor de uma voz énea, soturna. O cavaleiro estava pasmado com o que via. A fama do Relógio de Estrasburgo correra as partidas do mundo. Os palácios, os mosteiros, os castelos desejavam uma

maravilha igual. Ignorava-se o nome do artista. O cabido da catedral ufanava-se com tão magnífico e singular artefacto.

— Oh! diz-me, — acudiu o cavaleiro, saindo do espasmo da admiração — diz-me quem fez esta obra prodigiosa, que é a inveja de todas as cidades do mundo! Porque se não fala no nome dele? Onde está o artista? Venho de França para vele-o.

— Perguntais, nobre cavaleiro, como se eu pudesse violar tal segredo!

Mal sabeis que as vossas palavras acordam na minha alma uma dor profunda como um eco num páramo aziago. Quem fez o Relógio, perguntais vós, e a glória tenta-me, precipita-me, impele-me a arriscar a vida! Foi o meu pai! — E as lagrimas de alegria e pesar foram-lhe arrasando os olhos, até que rompeu num choro insofrido de criança. O cavaleiro apeou-se e estreitou-o nos braços.

— É a saudade do teu pai, que te lava o rosto com esse choro de ingenuidade e amor? Não soube a morte respeitar tão preclaro engenho? E eu que vinha da parte de Carlos V, de França, para visita-lo e falar-lhe!

— Ele ainda vive, senhor. Mas que vida! Oh! antes a morte o tivesse envolvido nas suas trevas geladas; antes houvesse nascido sem aquela luz do talento, que é sempre a predestinação do martírio.

A praça estava já deserta, e os dois partiram enleados nesta conversação. Chegaram à oficina do relojoeiro. Era um velho; tinha o rosto escondido entre as mãos, como quem se abismara numa abstração intensa, ou numa grande e entranhável agonia. O estrangeiro permaneceu hirto sob a soleira da porta; não se atrevia a interromper os processos misteriosos daquela mente perscrutadora. A criança aproximou-se com familiaridade, e segredou-lhe longamente umas palavras mal articuladas e confusas. O velho ergueu então a cara banhada numa alegria suave, e voltou-se para a porta:

— Buscam-me da parte de el-rei Carlos V de França? — perguntou ele com um ar afável e indicando um assento ao desconhecido.

— Em verdade, el-rei me envia aqui.

— E o que pretende de mim, que nada posso, el-rei, que tudo manda?

— Conhecendo a vossa boa fama, vendo que enriquecestes a Alemanha com essa maravilha do Relógio de Estrasburgo, ele quer também colocar na torre do palácio da Justiça uma máquina, que dividindo com justeza as doze horas do dia, ensine a observar a justiça e as leis.

— Como o não serviria eu de boa vontade, se me não houvessem apagado para sempre o lume dos olhos. Não vedes estas orbitas vazias?

Cegaram-me. Há já dezasseis anos que vivo mergulhado nestas sombras cerradas, que me antecipam a escuridão tétrica do sepulcro, mas que me prolongam a vida, no abandono da desgraça, para sofrer a cada instante as mais excruciantes provações. Eu vivo ao desamparo; nem sei já trabalhar. Nesta solidão do espirito, para esquecer o tédio e a desesperação que me pungem, eu invento maquinismos complicados, que o meu pobre filho executa. É ele o herdeiro do meu engenho. Cada pancada do relógio no carrilhão da catedral, é uma palavra de sarcasmo, um insulto vibrado por uma língua satânica, só entendida por

mim. Vou contando as horas na mudez das noites de insónia, e cada uma me descreve com mais feias cores esta morte onde fui precipitado em vida.

Havia nas palavras do velho um misto de resignação e dor, uma conformidade, uma santidade admirável. A cara, enrugada pelos anos e o estudo, pendia-lhe sobre o peito; o filho ainda imberbe, engraçado, ingénuo, estava de pé ao seu lado, mudo, com os olhos no chão.

— Como houve mãos tão barbaras, que ousaram pôr diante do vosso espirito, para sempre, a sombra eterna da morte? Foi o acaso? Foi a malvadez que vos despenhou nessa desgraça? Seria a inveja quem vos suplantou à traição, vendo-se obrigada a admirar os artefactos que não podia exceder? Oh, contai-me. Não! não! tenho horror de ouvir; deve custar-vos muito isso. El-rei há de sabe-lo e acudir-vos.

O velho ergueu lentamente a cara; poisou as mãos sobre a cabeça loira do filho, brincando distraído com os cabelos anelados. Depois de um momento de indecisão, começou:

— O bispo João de Lichtenberg encomendou-me um relógio grande para a torre de Estrasburgo. Era preciso que as horas canónicas fossem observadas com escrúpulo; as irregularidades na divisão do tempo causavam graves inconvenientes ás rezas e ofícios divinos do coro. Eu trabalhei dois anos consecutivos; tinha empenhado naquela obra a minha fama. Inventei um calendário em que representava as indicações das principais festas móveis: ao lado pus-lhe um quadro em que estavam escritas em verso as principais propriedades dos sete planetas; ao meio coloquei-lhe um astrolábio, em que os ponteiros notavam o movimento do sol e da lua, as horas e os quartos. Ao alto estava uma estátua da Virgem, perante a qual se inclinavam, ao dar do meio dia, as figuras dos três Reis Magos. Ficaram espantados com a maravilha da obra; soou por toda a parte a fama dela. O povo aglomerava-se na praça para ver. O cabido receou que os outros mosteiros ou as cortes da Europa quisessem ter um monumento igual. Como impedi-lo? Uma noite, estava eu descansando do trabalho assíduo, improbo que levava, quando me bateram à porta. Vieram dizer-me que o relógio estava parado. Levantei-me à pressa, aterrado, confuso, e dirigi-me para a

torre. Quando ia subindo, e já a uma altura vertiginosa, apagaram-se de repente os archotes; os que me acompanhavam, lançaram mão de mim para me precipitar; as unhas prenderam-me ás fendas da cantaria, com a tenacidade do amor à vida. Por fim, cansados, agarraram-me, arrancaram-me os olhos. Aos meus gritos, os malvados respondiam que me desse por feliz em não ser queimado vivo na praça publica, exposto à irrisão da plebe, por feiticeiro; que eu tinha pacto com Satanás, que o evocava com linhas cabalísticas com que formava as rodas denteadas.

O pobre velho permaneceu um instante silencioso refletindo no assombro daquela noite infernal; depois mudando de conversa, o embaixador pediu-lhe para levar o filho, que havia de fazer por certo o relógio para o palácio da justiça. Não faltaram negações e hesitações. O velho conhecia o talento do filho, e temia um igual desastre. O cavaleiro jurou protege-lo com a vida, e traze-lo incólume a casa do seu pai, logo que tivesse findado o trabalho.

O relógio foi posto na torre do palácio da Justiça, e, ele que aconselhava a observância da justiça e das leis, foi o

mesmo que, dois seculos mais tarde deu o sinal para a execranda carnificina da noite de S. Bartolomeu.

Quando o filho do relojoeiro de Estrasburgo voltou à pátria, ainda o pobre velho vivia. Estava no meio da sua desgraça, possuído de uma alegria infinita. Na solidão do espirito em que ficara, procurara constantemente vingar-se. Vingou-se afinal. Um dia conseguiu aproximar-se do Relógio, e tocou numa roda de tal forma, que não voltou mais a regular, apesar de todos os esforços; em 1574, intentou restaura-lo Dasípodes, outros em 1669, em 1731, até que cessou de trabalhar em 1789, como uma relíquia última da Idade media que arrebatava a Revolução. O desgraçado levava esta única consolação do mundo. A mesma lenda se conta dos relógios de Nuremberga, de Auxerre e Lyon, em que as versões parecem filhas da compreensão de uma mesma verdade.

UM ERRO NO CALENDÁRIO

(Episódio da História da Inquisição em Espanha)

Quem o visse sentia-se atraído para ele por uma fatalidade irresistível. O olhar encovado e cintilante tinha a fascinação da onça refalsada. A estamenha monástica da humildade era uma arma de que se servia. A cor sombria do remorso, que o ralava interiormente, sabia inverte-la tão bem na maceração da penitência, que assim fácil lhe era devassar todas as consciências, e submete-las ao seu capricho, tiraniza-las, alimentando sempre uma infinidade de horrores futilíssimos, com que as trazia suspensas. Cabisbaixo, meditando continuamente um longo plano de vingança, de uma sevícia obscura e mesquinha, os que o viam achavam naquela gravidade satânica de monge um ar contemplativo de compunção piedosa.

O frade fez-se Diretor espiritual.

De uma extração ilustre, rico, herdeiro de um grande nome, porque desprezaria as pompas do mundo, os amores

do seculo, as glorias?

Acordar-lhe-iam os anos todos esses sentimentos a um tempo na alma, e o horror do impossível torná-lo-ia hipócrita, apagando-lhe a esperança com o sopro do cinismo? Ele amara a filha de um velho fidalgo de Espanha, que desejava também realizar essa aliança dos seus pergaminhos com as grossas somas do enamorado de Fernanda, a madrilena engraçada, de ingénua desenvoltura. Fernanda, na morbidez voluptuosa da sua natureza oriental, nunca mais sorriu, nunca mais deixou ver aquela alegria impaciente que a animava, logo que soube a resolução da família.

Detestava o galanteador, aborrecia-o de morte, resistindo sempre ás instâncias e ameaças do pai, que procurava sacrifica-la aos interesses e pompas do seu brasão de armas.

Fernanda tinha um amor de infância, puro, recôndito; como um raio de luz que nos fecunda ao desabrochar da vida, aquela afinidade precoce e ignorada de todos fora uma intuição do sentimento. Amaram-se longo tempo sem saber o que era amor. Quando um dia acordaram à luz sentiram

necessidade um do outro, a ansiedade de uma mesma aspiração identificou as suas almas para sempre. Cedo o noivo proposto soube da existência de um rival obscuro. Procurou-o, farejou-o na sombra, lançou-lhe o repto.

Encontraram-se. Ambos corajosos e fortes bateram-se destemidos num duelo a todo o transe.

Logo que Fernanda soube da morte do seu amor primeiro jurou um ódio eterno ao assassino. O velho fidalgo não compreendia estas coisas; ameaçou-a com o convento. A ideia da clausura, em vez de amedronta-la, sorriu-lhe; era um refúgio, o único que lhe restava no mundo, depois de perdida a esperança que resume todas as que se podem ter na vida.

Professou.

O galanteador assistiu impassível na igreja, para ouvi-la pronunciar os votos. Havia naquela coragem uma alegria selvagem, egoísta, para ver que a mulher que ele amava debalde, não havia de pertencer a mais ninguém. Depois de satisfeito este instinto, lembrando-se de que fora ludibriado, desprezado, passou-lhe pela cabeça uma ideia

atroz de vingança. Queria salvar o seu orgulho ferido. Lembrou-se também de abandonar o mundo, esconder-se debaixo da cúpula monástica. Para os que o conheciam foi um rasgo heroico de resignação; para ele era um meio de poder ver de mais perto Fernanda: só assim podia tortura-la, vir a ser seu Diretor espiritual.

O sossego da solidão deixa apreciar os ruídos mais impercetíveis; Fernanda na mudez da cela, na ausência completa de interesses que lhe povoassem a existência, era impressionada profundamente pelos sentimentos mais leves que lhe passavam na alma como as auras suaves pelas cordas de uma harpa. A imaginação desenvolvera-se a tal ponto, que a fazia sofrer. Foi assim que frei Pedro, o disfarçado monge, veio a ser seu Diretor de consciência. Ele exagerava as doutrinas místicas do dualismo, o predomínio do mal, essa luta incessante do espirito contra a carne, fortificada pelas mortificações do corpo, pela vigília, cilícios, jejuns, e orações fervorosas.

Provocava-a a abstrair do gozo dos sentidos, a contrariar a natureza e abnegar da vida. Apontava-lhe a natureza risonha e luxuriante como uma voluptuosidade, o regozijo e

sede de amor que a harmonia do universo infunde como uma infração à regra austera da perfectibilidade.

Era preciso a solidão para gozar essa existência intima, recôndita, e arrebatar-se até Deus. Com o silêncio imposto, arvorado em preceito, exaltou-lhe a vida interior, e o tumulto de ideias que se sucediam prolongava a excitação cerebral. A vigília extensa e contínua, a maceração e a leitura piedosa foram-lhe desconcertando o equilíbrio nervoso. As visões extravagantes cercavam-na; vozes estranhas segredavam-lhe palavras assombrosas, que ela repetia tremendo na penumbra do confessionário.

Foi então que o monge, depois de a ter desprendido pela ascese insistente dos limos da terra, lhe começou a falar de amor, o amor divino, a ansiedade preenchida pelo vácuo, a sede mitigada com a calma do deserto. A imaginação perdida nesse ideal vago, sem realidade possível, delirava, revestia a imagem palpável com todos os encantos de um devaneio sensual, dava-lhe vida, amor, para corresponder ao que tumultuava na sua alma solitária. Mulher, menos curiosa da razão suficiente das coisas, sujeita a perturbações histéricas, enamorava-se da cara altiva e

conjuntamente modesta do Cristo, como a representavam os pintores da Idade media; esquecia-se da vida exterior, parecia que a alma livre se absorvia na imanência da divindade. Era este amor, inspirado pelas imagens dos templos, tão desvairado como a paixão do artista grego pela estátua ebúrnea que palpitava debaixo do escopro.

Santa Rosa de Lima amava uma imagem da Virgem que tinha nos braços o bambino. Osama de Mântua, diante de uma imagem linda, caía em êxtase.

Estas figuras de Jesus, radiantes de candura e fascinação, belas, falavam aos sentidos; é por isso que o amor divino tem na sua veemência e transporte um caracter sensual, como o exprimiram o solitário da Ombreia nos seus cantos a Santa Clara, S. João da Cruz a Santa Teresa de Jesus, Madame Chantal e S. Francisco de Sales, Fenelon e Madame Guyon.

O Diretor espiritual da desditosa Fernanda, descrevendo-lhe o amor divino, isento da zelotipia das paixões do mundo, não tendo a alma cândida de nenhum desses apaixonados e santos poetas, pressentira, dois seculos antes, a teoria ascética de Molinos. Tinha em vista matar o

pecado pelo pecado. Era impossível já. Fernanda pairava em espirito pelo empíreo; sua alma pura abismara-se na imensidade do foco de todo o amor. O êxtase em Fernanda, originado pelo fervor piedoso, era o entorpecimento dos sentidos, um sonho indolente à cadencia dos inefáveis concertos das cítaras dos querubins.

Então o Diretor de consciência descobriu uma nova tortura para flagela-la; tinha um prazer infernal em tornar-lhe lento o sofrimento.

Ele mostrava-lhe que era o êxtase o mais alto favor do céu concedido aos seus eleitos, e descobria ao mesmo tempo como isso era para todos os grandes santos uma provação difícil, pelo terror dos próprios merecimentos. Sam Paulo, o que melhor revelou nos seus escritos o espirito do cristianismo, na Epistola segunda aos Coríntios, fala deste terror.

Naquela virgindade tímida da alma, o corpo foi caindo em inanição; tinha uma imobilidade beatífica. Apesar de todos os flagícios e macerações, o rosto conservava ainda a frescura da rosa entreaberta, rociada pelo orvalho matutino. No passamento das virgens, sereno como o

declinar de uma aurora vespertina de primavera, Jesus visitava as suas desposadas, como referem os legendários. Fernanda abrasara-se no amor ardente do céu; o vácuo absorvera-lhe o derradeiro alento e a sua alma soltou-se na anciã do infinito. Alta noite, sentiram-se umas harmonias transbordando em enchentes do órgão do mosteiro; era uma musica indizível, nunca ouvida na terra. Foram ver; ninguém percorria o teclado. Melodias suavíssimas e remotas derramavam-se da cela de Fernanda. Entraram. Respiravam-se perfumes aéreos em torno dela. Um sorriso diáfano, angélico, lhe ficara nos lábios desbotados, como a ultima vibração de uma harpa que se quebrara; parecia a incarnação de um sonho melífluo das harmonias de Palestrina.

****

Desde o romper da alva, que os sinos da Catedral ecoavam clangorosos num dobre funerário; o povo agitava-se inquieto pelas ruas, como na impaciência de uma grande

festa. Era o dia de um Auto de Fé em Espanha, uma solenidade extraordinária, com que se celebrava e honrava a coroação dos reis, o nascimento do herdeiro presuntivo, e a sua maioridade; era o grande drama judiciário da velha jurisprudência teocrática revestido dos horrores do símbolo, mesclado de sangue derramado pelo fanatismo e prepotência monacal. A procissão vinha coleando ao longe, com uma gravidade fúnebre, misturada de risos do rapazio que tudo parodia. Por todas as janelas negrejavam cabeças, donzelas engraçadas, contentes, distraídas com a festividade aparatosa. à frente das confrarias e irmandades, os carvoeiros traziam a lenha para a fogueira, imitando o passo da Escritura, em que Isaac caminhava para a montanha do sacrifício. Seguiam-se em filas extensas os frades dominicanos, arvorada na frente a cruz branca, e o bolsão inquisitorial de damasco vermelho do duque de Medina Celli. Os penitenciados vinham vestidos de um modo irrisório e grotesco, descalços, cobertos de um sambenito, com um chapéu afunilado, com figuras cabalísticas, diabos, labaredas e caveiras pintadas.

A multidão pávida e crédula, sentia aquela grande contradição do coração humano, apupava os miseráveis que interiormente a comoviam e lhe arrancavam lagrimas de compaixão. Chegados próximo do estrado real, o Inquisidor geral veio receber o juramento da extirpação das heresias.

Os brandões crepitavam nas mãos dos condenados; tornavam mais lúgubre o momento. Depois viu-se levantar uma figura macilenta, a cabeça encoberta no capuz, cruzadas as mãos sobre o peito em que tinha repousado um crucifixo, o mesmo que um dia apresentara diante dos reis católicos Fernando e Izabel, dizendo-lhes que — o vendessem por trinta dinheiros, já que se queriam tornar menos rigorosos contra os judeus. Era o pregador frei Pedro. A voz taurina fazia estremecer as turbas, representando-lhes ao vivo, nos esgares e visagens que fazia, os terrores das penas do inferno. A multidão estava suspensa perante as vociferações sangrentas do dominicano.

— Sabes... (disse um desconhecido para um cavaleiro ainda novo, que estava atento) não o conheces?

O outro respondeu-lhe em voz baixa, de um modo quase impercetível:

— Ah, és tu, Diego Ortis? Bem o conheço pela fama do seu nome. É Pedro de Arbués.

E não te sentes possuído de raiva ao pronunciar esse nome de um hipócrita e assassino?

— Assassino?

— Sim! Bem o deveras saber, porque é a ti a quem compete a vingança.

Ele pretendeu por todos os meios desposar Fernanda, tua irmã.

Lembras-te? Era rico, e o teu pai desejava com todas as veras da alma este enlace. A infeliz menina resistiu sempre, até que se viu obrigada a professar num mosteiro, abandonada da família. Não é verdade isto?

Ferido no orgulho, ele meteu-se a padre, disfarçou-se debaixo da cúpula monástica e fez-se seu Diretor espiritual. Matou-a lentamente com jejuns e macerações, com a lembrança contínua da tentação e da condenação eterna.

Pobre Fernanda! o mundo disse que morrera como uma santa; Deus sabe que desesperos profundos lhe abalaram a vida, e quantas vezes, no íntimo da alma opressa, não amaldiçoou a hora do seu nascimento!

— E como sabes isso?

— Como o sei? Eu digo-te só que a vingança não dorme. Também tenho um legado de sangue a cumprir. Era o meu irmão o apaixonado, o eleito de Fernanda. Se há nada mais santo do que um amor que nos acompanha desde a infância. Alonso Ortis, doestado pelo rival audacioso, bateu-se generosamente e caiu ferido, morto à traição. Já compreendes tudo.

— Inferno! Para que me disseste essas coisas aqui, entre esta gente?

Sinto a convulsão da raiva que prostra, a sede de sangue que me atira para ele. Fernanda! a desgraçada, a silenciosa, a tímida, que tudo sofreu e nunca soube queixar-se! Eu quero trocar todas as tuas dores por um prazer egoísta de vingança. Fala-me, Diego Ortis; o que queres de mim?

— Quero prudência! Eu tenho esperado dia e noite, por toda a parte, e nunca o tenho encontrado! nunca esta mão deixou de repousar sobre o punhal, e ainda me parece que não é chegado o momento.

A este tempo o frade estava na peroração do discurso; a turba batia nas faces, consternada, por terra. Os dois vultos permaneciam de pé, insensíveis. O pregador desceu do púlpito e vinha acercando-se deles com um olhar ameaçador, para repreende-los da insólita irreverencia. O jovens fidalgo precipitou os planos de vingança, e arremeteu com um punhal no ar: apesar do ímpeto com que foi brandido resvalou sobre o hábito que encobria debaixo uma armadura cerrada.

Ergueu-se um sussurro repentino. Era impossível a salvação; com a anciã do desespero Diego Ortis descarregou-lhe prontamente sobre o crânio tonsurado a sua espada de cavaleiro. O povo alarmou-se e ia a precipitar-se sobre os facínoras; recuou de horror diante da impassibilidade dos dois. A estatura corpulenta do padre tomou as proporções de um Goliath, derrubado, banhado

de sangue negro, a massa encefálica derramando-se pelas suturas fraturadas do crânio. Fazia horror.

Naquele mesmo dia os dois assassinos foram penitenciados; interrompeu-se a missa, e a procissão prosseguiu levando-os para o Queimadeiro, onde, com os demais, foram devorados pelas chamas.

Seguiram-se as pesquizas, as vexações e os sequestros; com os seus processos tenebrosos a Inquisição lançou a rede por sobre muitas famílias. A Espanha era, como se disse, uma grande fogueira. Mas como há uma antítese fatal na natureza humana, manifestada muitas vezes, a cada instante da vida, na transição instantânea do sublime ao ridículo, Roma parodiou também esta cena sanguinolenta do drama tétrico de Torquesada na farsa jocosa da canonização do frade pregador, que ainda hoje se venera nos altares e de quem reza a folhinha com o nome de S. Pedro de Arbués.

Ora pro nobis.

A ADEGA DE FUNCK

(Conto fundado nas notas de Hoffmann*)

[(*) escritor alemão da literatura fantástica]

A ironia, quando não é despertada pela luta incessante de contrariedades imprevistas, que cercam o espirito de dúvidas e desesperos, e o deixam na prostração da indiferença e do cinismo, é uma doença, uma febre lenta, que vai devorando a existência, depois de a ter despido de todas as alegrias.

Observa-se no pessimismo do poeta. O riso com que a ironia se traduz, que é a expressão que mais de pronto lhe acode no acesso do frenesi suscitado pela vista repentina de um contraste, para quem o compreende, é uma visagem infernal, um esgar que gela, um arremedilho de cadáver sacudido por uma pilha galvânica. É uma descarga nervosa

pela via muscular, como uma compensação, como notaram os fisiologistas.

A gargalhada é também a linguagem das grandes agonias; é esta polaridade misteriosa da nossa natureza dupla, constituída já em aforismo: os extremos tocam-se. A ironia, derivada do mesmo princípio supremo, é a impressão abrupta de uma ideia infinita que se compara com outra finita, cuja disparidade intuitiva desperta em nós todas as vibrações do sentimento cómico. A primeira manifestação do cómico na vida foi por certo o grotesco; Susárion e Téspis caracterizavam os seus personagens com borras de vinho. Ele aparece-nos no mundo moderno como uma arma da burguesia contra a pressão do clero e as extorsões dos senhores feudais, na Festa do Asno, nos serviços, nos fabliaux , nos baixos relevos e goteiras das catedrais. O pico, a agudeza do pensamento estão completamente materializadas na imagem; eis o cómico pela sua parte visível ou objetiva, tanto da simpatia popular.

O humor é um grão elevado; no contraste que se funda na antítese da ação e o pensamento, a forma não corresponde, contraria mesmo a expressão da ideia, donde resulta uma

monotonia triste; o esforço do que procura alegrar-se infunde nos que o contemplam uma melancolia indefinida, como na Viagem de Sterne.

A ironia é a impossibilidade de conciliar os elementos da antítese, ou o contraste mental que gera todo o sentimento cómico: tal é o desespero de Hamlet propondo ao seu espirito o problema insolúvel e eterno:

To be or not to be that is the question.

A imaginação de Hoffmann semilha um caleidoscópio onde estas três cambiantes do sentimento se refletem, confundem, se cruzam em direções infinitas, formando um espectro a que chamamos o fantástico. A ironia, o humorismo e o grotesco sucedem-se, como fases da sua inspiração. Quando ele sente estas inversões do sistema nervoso, anúncio da tabes dorsais que progride de um modo irremissível, o pensamento então dá forma a todas as vertigens; a dor torna a criação pessoal, caprichosa; os retractos que ele faz são quase sempre caricaturas, a incarnação de um riso de desespero. As bebidas e o seu cachimbo de Kumer vêm distrai-lo da consumpção que ele observa a cada instante em si. O fumo que se enovela em

formas extravagantes no ar, e se dissipa como uma quimera fugitiva, representa-lhe os tipos que reproduz nos seus contos. Ao fogão, na concentração íntima da família, o cachimbo povoa-lhe o aposento de silfos e gnomos, que embalam a fantasia enlevada em sonhos incríveis, com musicas estranhas que o deliciam no egoísmo do sofrimento que o corrói. Ele tem uma afeição particular ás pessoas espirituosas, porque lhes supõe talvez a veia sarcástica proveniente de algum estado mórbido. Quando se retracta caricaturara-se.

Muitas vezes aceita-se uma criação cómica, rimo-nos, sem saber que a inspiração que a produziu foi a doença que arrebatou Molière, o desalento de Gil Vicente, a resignação de Scarron. Porque não procuraria Hoffmann distrair-se com o vinho, afogar nele a preocupação do mal irremediável, que lhe atacava a espinha dorsal?

O seu editor Funck, homem estimável de caracter, a quem a especulação não pôs em guerra com os que têm a infelicidade de precisar escrever, convidou-o para passar alguns dias na sua residência em Bamberga. Funck tinha uma magnífica adega e lembrava-se perfeitamente

daquelas expressões de Hoffmann: «Fala-se muito do entusiasmo que procuram os artistas no uso das bebidas fortes; citam-se músicos, poetas que não podem trabalhar senão assim; eu não sei, mas é certo que com esta feliz disposição, direi, quase sob a constelação favorável, em que se está quando o espirito passa da conceção à realização, as bebidas espirituosas aceleram a torrente das ideias.» Funck tinha o mais excelente de todos os vinhos, como lhe chamava Hoffmann, o Porto, que no seu nome traz o segredo da sua força. O escritor original era esperado com ansiedade em Bamberga. Chegou por uma tarde fria. O céu estava escuro, carregado de nuvens; relampejava a espaços, como o prelúdio de uma grande trovoada noturna. Quando a natureza é triste sentimos uma vontade de nos reconcentrarmos; o lar doméstico é a grande poesia do norte. Um dos maiores castigos no antigo direito germânico era a pena severa expressa naquela fórmula romana interdito tecti; o banido é comparado ao lobo solitário; a casa era arrasada, tapado o poço, extinto para sempre o fogo do lar.

Hoffmann esquecia todas as dores ao abraçar aquele amigo; com toda a liberdade de uma confiança íntima sentou-se logo ao piano. O frenesi da inspiração fazia-o percorrer desesperadamente o teclado. Era a sua última composição, meio improvisada com o júbilo que sentia. Começou um canto com uma voz desentoada, que fazia arrepiar os nervos; parecia que estava em delírio. Nisto um trovão rebentou com um estampido soturno.

— A natureza, disse ele para Funck, escarnece-se de mim, parodia-me a voz roufenha. Há bastantes dias que tenho sentido humor para o romântico religioso. Jovis omnia plena! Hoje, não sei se é o excesso da alegria, predomina em mim uma exaltação humorística levada até à ideia da aberração.

Funck continuava silencioso. Hoffmann permaneceu alheado alguns instantes, como levado por uma serie de deduções, que absorvem fatalmente toda a contenção do espirito. Estava a diagnosticar-se; a prolongada doença dera-lhe um certo conhecimento do seu estado. Depois prosseguiu:

— É notável! Que diversidade de sensações agora. Disposições humorísticas, coléricas, com um humor musical exaltado, e sentimento de um bem estar com indiferença. Como conciliar tudo isto? O sistema nervoso inverte-se-me de dia para dia.

Restrugia um aguaceiro espesso. Há no cair da água uma magia, que adormece.

— Vamos, disse Funck, interrompendo aquela reflexão penosa, eu tenho um excelente remédio. Vejo-te tiritar com frio, de um modo que me tira a satisfação do agasalho que presto a um amigo. O seio de Abraão deve estar com uma temperatura suave; refugiemo-nos lá.

— Como isso era bom! mas infelizmente as asas da poesia não nos desprendem da terra; a realidade é pior do que o sol para as asas de Ícaro; ela toca-nos o corpo com mais aspereza do que o velho Satã quando experimentava o desgraçado varão da terra de Hus. Agora acho-me divorciado com a poesia, com a música, com a pintura; são as três fúrias que sob uma aparência sedutora surgiram das sombras do paganismo para atribularem-me o espirito.

— E porque não havemos de refugiar-nos, numa tarde destas, no seio de Abraão? — disse Funck procurando interromper a corrente das ideias aflitivas. — Não é tão difícil como pensas. Nem são precisas asas para ir lá. Para descermos basta obedecer à lei eterna da gravidade, que sobre nós pesa. Não sabias ainda que a gravidade é o nosso pecado original?

Hoffmann sorriu-se; o seu amigo tomou um tom humorístico para se adequar ao caracter dele nesse dia.

— Apesar da facilidade que apresentas ainda não resolvi o problema. Como iremos nós procurar conforto ao seio de Abraão?

— Segue-me.

Funck caminhava adiante com um ar vitorioso. Hoffmann sorria-se com um modo duvidoso, para que o riso o defendesse do logro que esperava.

Desceram uma escadaria escura; uns ferrolhos pesados gemeram, como se se abaixasse uma ponte levadiça. Entraram. Era um subterrâneo fundo, iluminado por um lampadário de bronze. Depois de afeito à sombra,

Hoffmann pôde discriminar grandes toneis dispostos, como uma longa fila de cachaci-pansudos cónegos.

Era a adega do seu amigo Funck. De facto havia ali uma temperatura tépida, de fermentação. Nenhum olhar importuno através da abobada calada.

— Se os velhos patriarcas, principalmente o nosso pai Noé, não trocariam de boa vontade a tua adega pelo seio de Abraão! — Hoffmann estava animado de uma alegria indizível; era um homem de extremos; a sensibilidade excessiva deixava-lhe apreciar os mais desapercebidos contrastes, era por isto que ele possuía mais do que ninguém o genus irritabile vatum.

Mal acabava de proferir aquelas palavras, quando se atirou de um salto, com uma loucura de criança, e se escarranchou num tonel.

Funck seguiu o exemplo.

— A vida é um grande mar, que estua em convulsões intermináveis; felizes os que caindo na voragem encontram destes delfins, que os tomam sobre si e os levam a porto seguro.

— Foste feliz na imagem, principalmente, porque o vinho desperta-me o humor erótico-musical, e os delfins, se dermos credito a antigos fabuladores, eram levados pela magia da música.

E começou a cantar alguns trechos da sua opera a Ondina, que só interrompeu para levar à boca o sifão de lata que estava mergulhado na pipa. Hoffmann tocava a realidade dos seus contos.

— Este não dá pelos calcanhares do teu dileto Porto ? — acudiu Funck; o vinho de Nuits é dos melhores de Borgonha, e, graças ao céu, podemos nadar em mar de rosas.

A noite corria tempestuosa e tétrica: os trovões rebentavam com uma detonação tremenda. Nos ares, coriscou um relâmpago repentino e veio iluminar com um clarão pálido o rosto dos dois amigos, que tocavam neste momento os copos espumantes. Era um quadro com toda a verdade e simplicidade de Teniers, como o próprio Funck, numa nota de uma edição do seu amigo, confessa com aquela ingenuidade alemã.

Hoffmann ficou deslumbrado com o fulgor instantâneo; tinha a mudez do terror.

— Em que pensas?

— Um conto, um conto horrível!

— Mais uma saúde, e narra-me essa historia ponto por ponto.

— Historia? dizes bem; porque tem muita verdade, ao menos a verdade da arte. Nunca te falaram nisso? Admira! Foi tão notório. Quem a não conheceu! Bela, como era, ninguém podia fita-la sem experimentar o pasmo da admiração. As linhas do rosto tinham uma irradiação etérea, perdiam-se no ar. Era uma visão suspensa, a incarnação de um sonho indizível de amor.

A tristeza realçava-lhe a candura angelica. Para ela, a vida era um desterro no mundo. Passava, alheia de tudo, distraída, sem saber que levava após si todas as aspirações que um olhar de relance, fortuito, gerava na alma. Um dia vi-a pelo braço de um homem feio, que a conduzia com burlesca familiaridade! Disseram-me que era o marido.

Perscrutei o segredo de uma união para mim impossível, inexplicável. Não tinha sido arrojada a hipótese: viviam com uma certa paz artificial, um acordo de convenção perante a sociedade. O marido bem conhecia, que a família da engraçada criança a forçara aquela união desigual; a consciência da riqueza não conseguira persuadi-lo de que a merecesse; e espreitava, espiava-lhe todos os olhares, interpretava-lhe cada gesto insensível.

O que não idearia o ciúme? O ciúme que não tem a franqueza selvagem de Otelo é vil, infame. Um dia, a infeliz senhora, começou a sentir-se indisposta; não faltavam carinhos da parte do esposo, não poupava esforços para consola-la, com uma solicitude hipócrita. O mal progredia, convulsões violentas a acometiam, vertigens assombrosas, dores intensas, como se lhe retalhassem as entranhas. O marido escutava os gemidos com um pungimento afetado.

Conhecera que morria: — «Sabes, disse ela tomando-lhe uma das mãos, eu deixo a vida, mas custa-me baixar à frieza do sepulcro sem te dizer uma palavra. Oh! nem sei como revelar-te esse segredo, esse desvario de uma paixão infantil. Não soube guardar a fidelidade do tálamo.» O

marido ouviu a confidência solene com um ar estupido de imbecilidade: — És neste momento tão generosa e grande! A verdade nos teus lábios vibra-me de um modo que tudo te perdoo. Choras? escuta. Deixa também fazer-te uma revelação tremenda: envenenei-te.

Hoffmann não pôde tirar do conto a moralidade que se espera, e caiu, esquecido do mundo, entre os toneis do seu amigo.

REVELAÇÃO DE UM CARATER

Como eu, ele também vivia ignorado, ocioso, distraído, fumando sempre, debruçado de uma janela que deitava sobre o mar. Passava horas esquecidas assim, a contemplar as ondas no seu eterno refluxo, imagem dos pensamentos recônditos, das aspirações impossíveis, que tempestuavam na solidão da sua alma. Muitas vezes me disse ele, quando a indiscrição da amizade o ia interromper do quietismo contemplativo que o absorvia, e lhe perguntava que ideias misteriosas o afastavam para tão longe da realidade e da vida:

— Se fosse possível exprimir, estenografar na palavra tudo o que se revolve na mente, o homem mais sábio pareceria um tolo; se fossem coercíveis todos os sentimentos, que passam e sucedem no coração, o homem mais santo e simples aparecer-nos-ia com a hediondez da infâmia.

E continuava, embebido num sonho indefinível, estranho a tudo o que se passava em volta dele, como na reconcentração de um grande desgosto. Outras vezes mostrava uma alegria irrepressível, impaciente, louca, sem motivo; mas cada riso era o prelúdio de imprecações e ironias pungentes, que vibrava dos lábios acerados: o enunciado breve e incisivo de uma grande verdade, mas triste, horrenda, incrível, e infelizmente verdadeira, que a sua lucidez de doente descobria. Não sei qual o torturara primeiro, se a dúvida ou o sarcasmo. Ele submetia à analise fria os sentimentos mais puros e íntimos, volatilizava-os pelos processos de uma dialética irretorquível, e por fim o último cânon da sua logica era uma gargalhada irritante que fazia gelar de medo. Ele mesmo se doía da sua crueldade, era o primeiro a acusar-se e a procurar corrigir-se. As linhas da sua fisionomia davam-lhe ao rosto uma forma angulosa, de energia; o olhar incerto não repousava, como quem observa nas sombras de um abismo insondável, nunca o fitava, temendo talvez que lhe surpreendessem na expressão fugitiva que o animava o ridículo, que sabia admiravelmente descobrir.

Deixei de procura-lo longo tempo; repugnava-me aquele caracter incompreensível; para monomaníaco era insuportável, para excentricidade desprezível. As contradições tornavam-no absurdo.

Custava-me vele-o na consumpção dessa apatia, criança e foragido do mundo, sem ter a comoção dos grandes sentimentos que nos prendem à vida, e que são o conforto nas horas vagarosas do desalento. De uma vez encontrei-o a ler com uma voracidade, como a de Isaías ao revolver as páginas dos arcanos imperscrutáveis. Procurei ver se a sua imaginação viva o tornava iluminado, se era a consciência da segunda vista, da perceção imediata que o tornava ocioso e inerte:

— O que lês? Que livro é esse que um dia te prendeu a atenção inconciliável?

— Uma terrível obra prima, uma perigosíssima e espantosa maravilha de arte! É um romance de Diderot, que contém em si o gérmen de uma revolução moral, o *Neveu de Rameau*. Nunca o leste? É impossível observar mais profundamente o coração do homem, isolar-lhe os sentimentos e reproduzi-los numa criação mais brilhante.

Somos todos como ele. Rameau é a grande contradição da nossa natureza, com a diferença que obra segundo essa força, não se contrafaz pelas conveniências da sociedade, obedece-lhe fatalmente, e é por isso que horroriza; as máximas do cinismo mais revoltante e abjeto, as doutrinas mais subversivas de toda a ordem, vêm-lhe no diálogo animado, seguidas de sentimentos puríssimos, intenções boas e justas, de um modo abrupto, que espanta. Os seus paradoxos são os da humanidade, com a diferença que a educação os abafa no íntimo da nossa consciência, e ele, o parasita, o músico, o bandido, o desgraçado Rameau, tem a infelicidade de pensar alto; deixa ver, através da sua ingenuidade, todas as paixões despertadas por desenfreados instintos, que existem igualmente em nós, mas que os refreamos e os detestamos, como se fossem a degradação nos outros. Este livro é a síntese da filosofia do seculo XVIII; ela avançou princípios de uma verdade inconcussa, de rasão profunda, a rasão universal, de todos os tempos, mas que foram combatidos e ainda hoje não são completamente admissíveis, por esta maldita necessidade de transigirmos com as conveniências.

Esquecera-se naquele dia do habitual silêncio; falava com uma verbosidade febril; observações penetrantíssimas, rasgos de uma intuição pasmosa lampejavam brilhantes, no decurso da conversação. Expressando-se sempre com dificuldade, então, jorravam-lhe as palavras fáceis e prontas, com uma nitidez que acompanhava as mais delicadas analises.

A este tempo, assomou a uma janela caraira ao seu quarto uma vizinha, que vivia honestamente na desgraça, irmã daquela flor de Magdala, calcada aos pés pelos que não compreenderam o impulso dos sentimentos que a transviaram. A pobre trabalhava e distraía-se a ver os que passavam; cantava e ria esquecida do seu opróbrio. Estava vestida com uma cor triste, que lhe realçava a expressão dolorosa. Ele viu-a; cumprimentou-a com um sorriso leve, que traduzia um epigrama, que fora compreendido. Depois voltou-se para dentro:

— Há uma afinidade íntima entre a mulher e as cores; a escolha, a preferência, a sedução por uma, é a linguagem de um sentimento recôndito, que ressoa dentro em si, e que ela não sabe exprimir, é o símbolo na sua forma mais

poética e simples. A mulher é sempre uma criança, chora e ri ao mesmo tempo; como sente mais do que pensa, quer mais do que pode. A grande contradição, que faz com que realize as nossas aspirações vagas e ideias! Como uma criancinha que tem sede, e, não sabendo ainda pedir agua, aponta para ela e exulta, assim a mulher não podendo revelar o sentimento indefinido que a eleva, que a faz sofrer e amar, serve-se da linguagem simbólica das cores, para completar a expressão que lhe transluz no rosto. Raphael, na sua inspiração divina, entreviu este mistério quando ao determinar o ideal da Virgem na arte moderna, tomou a cor do azul etéreo para colorir-lhe o manto. O ideal da mulher no mundo antigo, menos espiritual, mas igualmente belo, mostrava-a como uma flor, a criação mais aprimorada da natureza, a planta mimosíssima e languida; é assim Sacuntala, na poesia da India; a fraqueza, que pode tanto como a constância heroica, quase impossível, da sua irmã Griselidis na Idade média; ela confidencia com as aves, os arbustos choram na despedida, as flores amam-na como uma irmã gémea, um carpelo tenuíssimo animado à luz do sol brilhante, perfumado com todas as essências de uma atmosfera límpida e serena. É por isso que do Oriente

veio aquele modo de falar de amores pelo salem, um ramilhete alegórico das paixões que perpassam na alma. Há rostos de mulher arcangélicos, sublimes, realçados pelas cores; a cor é a expressão da luz, como a luz uma expressão do espirito. Quantas mulheres perdidas, com um ar de inocência que ilude! a preferência pelas cores, que as fazem realçar tanto, é por certo o desejo mais íntimo da sua alma, que os lábios não se atrevem a proferir. Como para cada zona há uma analogia com as cores luxuriantes da vegetação, pelas cores das roupagens se pode conhecer a mulher; a oriental voluptuosa, enlevada num tropel de pensamentos de alegria, sentindo o coração a trasbordar-lhe desejos, que desconhece, orna-se com as cores que mais falam aos sentidos, as mais vivas, as que mais seduzem. Não é isto assim?

— É; porque o génio pode dizer tudo impunemente. Dá vida ás criações que inventa, sofre com elas, que são a alma da sua alma.

— Se assim fosse, não andaria no mundo travado este antagonismo do senso comum, positivo e costumeiro, inflexível nos seus juízos práticos, com aqueles que

procuram realizar na vida os sentimentos superiores e eternos com que animaram a argila frágil, que procura constantemente elevar-se acima da matéria a que está presa. É a lenda do cego de Smirna, corrido, perseguido de terra em terra; não lhe compreendem a vocação. Aferem-lhes as ações pelos factos vulgares, de todos dias, e a disparidade faz com que se lhes chame um desgraçado, um extravagante, um doido.

— Revoltas-te contra o senso comum?

— Revolto-me contra toda a generalidade, que procura absorver o individuo, assimila-lo, confundi-lo. Quero que a individualidade se constitua e imprima o seu caracter, de modo que o tempo e o espaço atestem a passagem do grande homem.

— Revoltas-te contra a natureza?

— O que é a natureza diante da obra d'arte? — e elevando-se num hegelianismo de sectário, ele próprio respondeu: Um verbo insignificativo, que apresenta todas as formas de que o belo pode revestir-se, o arquétipo material que só se espiritualiza no tipo, que é um facto da

consciência humana. Quando na imitação do arquétipo a verdade é tão exata, que o tipo se confunde com ele, o sentimento que então desperta é incompleto, porque não deixou perceber que à determinação do facto presidiu uma consciência. O belo é uma criação toda subjetiva; é despertada pela natureza, mas não existe lá; escolhemos as imagens em que melhor a podemos manifestar nas suas multíplices e variadas realizações, as características que a traduzem fora de nós. O belo é absoluto. Não existe o feio, que é apenas uma hipótese negativa em que se funda a síntese das realizações artísticas; o belo! o ponto onde convergem todas as evoluções da forma, incluídas na polaridade do bonito e do feio, e gravitando em volta desse princípio único, eterno, é o ideal que as faz tender para ele. O bonito e o feio são as duas relações que nos levam à compreensão da ideia do belo. O bonito desperta-nos esse sentimento espontâneo por inspiração intuitiva; o feio leva ao mesmo resultado pela reflexão. O Sapo, de Victor Hugo, asqueroso, repelente, depois de idealizado, é profundamente belo. Quando se espiritualiza a imagem, e é esta a missão da arte, o espirito há de amar a sua criação. O estatuário delira com o amor da Galateia. Não posso

deixar de obedecer a esta fatalidade do meu caracter; deixo-me arrastar pela contradição. O belo tem algum tanto de convencional; assim admiramos uma iluminura da Idade média, os arabescos de uma janela gótica. O que parece convenção não é mais do que a reflexão, que nos faz descobrir naquilo que contemplamos um progresso do espirito, e nos mostra a tendência da natureza a ser espiritualizada. Pelo sentimento do belo se obtém o desenvolvimento e elevação que podem prestar-nos na vida a religião e o direito; o verdadeiro e o justo não são mais do que as manifestações do belo no mundo moral. Há só uma religião, é a da arte! O panteísmo é a suprema criação poética, a identificação dos sentimentos do belo e do verdadeiro. Mesmo o direito primitivo teve um caracter panteísta, a natureza é animada, é testemunha na acusação, é pura como no ordálio, firma o contrato, submete-se também à penalidade, tem personalidade; os animais compareciam também em juízo. A arte sobre tudo! ela supre a ciência e a observação, pela intuição viva; a realidade é contingente, variável; o ideal, a criação pura do homem, é intangível, eterno, enquanto a obra de Deus se converte em pó. Sacrifiquemos-lhe tudo na vida.

— Mesmo o amor?

— O amor? Rio-me da tua credulidade. Ainda fazes uma religião desse sentimento egoísta, que procuras elevar acima da animalidade. Querem aferir as afinidades eletivas pelo que veem nas paixões descritas pelos poetas. O amor como o imaginas, só existe nas obras d’arte; fora de lá é uma falsificação, uma loucura, um impossível. Eu explico o egoísmo olímpico de Goethe recusando o beijo de Frederica, a dedicação simbolizada no que a mulher tem de mais apaixonado e expressivo. Pede ao amor a paixão, como pedes à natureza a paisagem; depois de te possuíres de todos esses sentimentos, eleva-te acima da passividade pela reflexão fria, calculada, e terás a consciência das formas com que hás de fazer sentir os outros, domina-los, possuir os segredos das suas emoções, e és grande! Não falo mais nisto; só fica bem na boca de Diotima.

E começou a assoviar uma ária caprichosa, passeando vagarosamente; depois voltou-se para mim:

— Há ainda que descobrir na música; falta-lhe realizar o princípio da ironia, como há em todas as formas particulares da arte. A poesia tem a sátira; a pintura a

caricatura e o grotesco; só a musica precisa atingir a antítese do patético. O patético e a ironia são os dois polos de toda a evolução estética. Todas as criações na arte saem destas duas paixões opostas. Uma é o natural, a outra é o não natural como natural; uma sustenta o sublime, a outra o ridículo. Ao patético eleva-se todo o que sofre; só o riso é a força das grandes individualidades. Ri-te de tudo; o riso denota sempre uma superioridade.

Não o compreendia; o seu riso pungente de ironia desarmava-me. O génio é uma nevrose, uma disformidade; o que nos outros me parecia egoísmo, nele não sabia como chamar-lhe. Para ele a gratidão era a justificação do servilismo; o sentimento religioso uma tradição da ignorância primitiva; o amor de mãe uma impertinencia, que só se dá entre os animais da classe dos mamíferos, pela conversão do habito em instinto. Explicava tudo assim. Parecia uma alma devastada por longas abstrações, que andava errante no mundo, à busca de uma fórmula impossível. A análise contínua dava-lhe uma certa malvadez, tornava-o intratável.

O caracter faz-se. Quais seriam as circunstâncias que o transformaram até aquele ponto? Indagava-o como um problema interessante. Fui por deduções pequeninas. Muitas vezes me falava ele da harmonia plástica das formas. Contou-me uma história original: uma menina engraçada, cuja beleza realçava com uns dentes alvíssimos de jaspe; a vaidade de mostra-los tornara-a jovial. Infelizmente tropeçou numa escada e quebrou um dente. Perdera o seu melhor encanto. Daí em diante, procurando encobrir esse defeito, tornou-se taciturna, melancólica, apreensiva, até que se foi definhando e morreu de desgosto. Contava-me isto como uma grande verdade, como doutrina que professava. Admirava o costume de Esparta, que mandava despenhar de uma rocha as crianças disformes. Pobre rapaz! Como uma circunstância pequeníssima lhe influiu no caracter e na existência. Ele era aleijado de um pé, como Byron, e era este o seu desgosto íntimo, que o trazia solitário e o tornava agressivo, porque se via amarrado a um ridículo.

O SONHO DE ESMERALDA

Oh! meu amigo, oh! meu poeta, tu não sabes o que é um rapaz que sai aos vinte anos da sua água furtada, sem conhecer o mundo, ignorando a vida, tendo vivido alimentado por sonhos impossíveis, rico de todas as leituras, levado por ambições altivas, que o fazem grande, sentindo muito, amando tudo, e que o acaso atira ao meio de uma cidade opulenta, onde ninguém se conhece, onde todos se igualam e atropelam! Foi quando compreendi aquele terceto de Dante, de uma profundeza noturna, que me abismava, cada vez que o repetia na mente:

No meio do caminho desta vida

Dei por mim na amplidão de selva escura,

Pois que a vereda certa era perdida.

Não sabes como o ruido de uma cidade imensa, o dédalo das ruas, a estranheza e indiferença dos que passavam, me tornava solitário no meio das multidões. Tantas vozes perdidas no ar, e nenhuma para mim!

Tantos braços caídos com desdém, e sem nenhum me estreitar a si.

Parecia-me o tumulto como um naufrágio em que a anciã do salvamento nos torna egoístas, insensíveis para as agonias dos outros.

Todas as aspirações que me fizeram deixar o retiro benigno onde me voaram os primeiros anos, mostrando-me o mundo como uma grande festa, que me despertaram o desejo de ser também um dia conviva, iam-se apagando, abandonavam-me como no encontro fortuito de um desconhecido.

Sentia-me pequeno, incapaz de lutar, de me impor a admiração dos outros.

O que teria sido de mim nas horas monótonas do desalento, nos longos dias do desamparo, se não fora a poesia! Até então tinha ela sido um folguedo, um brinco infantil,

inocente, um vagido tímido e suave da alma, que ansiava a luz, como uma borboleta prateada antes de romper a crisálida noturna. Sem ter quem me falasse, pedi à poesia os seus antigos carinhos, um alento de esperanças, um orvalho para refrescar a aridez do deserto em que me via. Ela, a irmã dos tristes, a alma dos que sofrem, como veio terna, espontânea, compassiva para consolar-me!

Cantava, como uma criança, quando tem medo e procura esvaecer os vultos caprichosos que lhe voejam na fantasia. Foi a poesia também que salvou o desgraçado Jacopone, quando, abalado pelos desastres da vida, errando pelas ruas desvairado e doido, apupado da plebe, perseguido, veio bater ás portas de um mosteiro, donde igualmente o repeliam. Foi ela que lhe deu a paz da cela e a serenidade da contemplação.

Oh santa e divina poesia! bem hajam os que choraram porque te descobriram e trouxeram à vida, como uma pérola nunca vista trazida do fundo do oceano. Bem hajam os que ainda choram, porque te guardam em si, como uma vestal solícita ateando continuamente a labareda do altar.

Bem hajam os que hão de vir para sofrerem, porque nos compreenderão sentindo-se aliviados.

Andava pela cidade sem destino, vagabundo; eu mesmo ia comprar o alimento para o dia, e enojava-me esta guerra mesquinha e vil do pequeno comércio para os que chegam incautos, inexperientes. Os fundos, e bem poucos que eram, iam-se reduzindo de dia para dia; estava quase sem dinheiro, e com um orgulho e altivez incrível para afrontar o futuro.

Enrolado, dentro de uma gaveta, tinha um manuscrito, que escrevera para distrair-me na solidão das minhas horas. Quando me lembrei dele comecei então a dar-lhe o valor que até ali não conhecia. A necessidade, que se aproximava, a cada instante, fazia-me procurar nele todas as esperanças. Pobre manuscrito! Quem o poderá entender, quem dará dinheiro por essas páginas sem sentido, que a ninguém tocam e que nem ao menos fazem rir? Demais, estava escrito com uma letra ininteligível, entrelinhado e sublinhado, num papel repassado de tinta amarela, que mal se percebia. Quando me vi quase sem dinheiro, à porta inferi, voltei a enrolar o manuscrito, meti-o debaixo do

braço, e sai. Passava pela porta dos editores e não me atrevia a entrar. Tinha medo que me insultassem com um riso de escarnio, por me verem tão criança e já com pretensões a autor. Guardava sempre para amanhã a extrema resolução, e tornava a trazer o livro para casa e a fecha-lo na gaveta. Não imaginas que horas de tormentos! Eu temia que me apagassem com um riso todas estas esperanças, e me convencessem com argumentos assim da minha nulidade; bem conhecia o que me tinham de dizer, previa-o, cheguei a escrever a resposta que os editores me dariam: «O seu manuscrito não tem leitores; não é um romance, nem um conto; tem algumas páginas excelentes, mas não pode dar lucro de maneira alguma.» Era esta a resposta que eu antecipava, para me não doer tanto depois quando a recebesse. Um dia, o último, sai a tremer com o manuscrito. Oh meu amigo, para que te hei de falar nestas coisas? Nem eu queria chegar a este ponto, quando te prometi contar a história dessa mulher, que tu conhecias melhor do que eu. Nesse dia, comecei a sentir povoar-se-me a soledade da vida, mas com outras dores, desesperanças novas.

Nos primeiros meses que passei naquela cidade, tinha lido e estudado desesperadamente; a meditação fora o refúgio do tédio, mas era como um abutre que me lacerava as entranhas.

Vi-a! leve, delgada, divertida, olhando para todos, com uma graça encantadora de infância, com uma gentileza de senhora, confundida pelo meio da plebe, sorrindo para os que a fitavam. Foi um desses sorrisos que me levou a alma presa. Que luta obstinada e escura dentro desta pobre alma! o estudo e a paixão debatiam-se, arcavam, procuravam mutuamente suplantar-se. Eu tinha acabado de ler a *Notre Dame de Paris*, e achava em mim não sei que analogias sinistras com Cláudio Frollo. *A Notre Dame* de Victor Hugo é a rosa emurchecida, que rejuvenesce ao sol do misticismo, é a *Turris ebúrnea* por quem o poeta se apaixona no sublime delírio da arte. Cláudio Frollo! o desgraçado arcediago deixou também correr tranquila a mocidade no retiro do estudo; depois a Esmeralda enfeitiça-o, dançando, no volteio vertiginoso das praças. São duas paixões que se combatem. Qual delas triunfará? A fatalidade do impossível?

Eu não conhecia o labirinto de ruas da cidade populosa e imensa, ia em busca dela sem saber para onde. Encontrava-a quase sempre, por uma coincidência fatal. De uma vez, lembra-me ainda, foi quando a vi mais bela do que nunca, mesmo do que todas as mulheres. Estava confundida entre a multidão, que a abafava na sua onda; mas para mim realçava tanto como um carbúnculo que reflete em si a luz de todos os cirios.

Via-lhe na expressão languida e curiosa a alma de todas as almas dos que a cercavam. O povo amontoara-se para ver subir aos ares um balão. Era um dia de alegria e de festa; quando a descobri estava com os olhos erguidos para o céu. Oh! se ela sofresse, se implorasse a Deus uma consolação, não estaria mais sublime e radiante. O que a fazia confundir o azul dos seus olhos com a limpidez do firmamento era a curiosidade de criança. E contemplava o balão que subia, alheia à vozeria da gentalha.

Desejaria elevar-se também ás alturas, e então estava pensando no devaneio desse desejo? Quem sabe os caprichos que passam pela alma de uma mulher? Quem pode contar todas as ondas que faz uma brisa perpassando

levemente à flor das águas? Quando baixou os olhos à terra deu com os meus, que a contemplavam, sorriu-se. Oh! como aquele sorriso me faria esquecer todos os pesares, me daria coragem para todas as lutas, me insuflaria alento para os mais inauditos esforços, se ela se não sorrisse assim para todos.

Para todos! É este egoísmo do sentimento que gera os nossos males, exacerba a mais terrível das paixões, a mais selvagem e vil, que é só grande pela loucura. Eu tinha ciúmes de todos, porque ela sorria prodiga de encantos, tanto para os que passavam indiferentes, como para o que a contemplava com o desinteresse com que se olha para um mármore antigo ou adorando a sua morbidez de Madona, como para aqueles espíritos baixos e abjetos que a fitavam desassombrados, preocupados de um desejo faminto e estupido de sensualidade.

Criança e indiscreta, seria a inocência que a fazia sorrir para todos, como uma borboleta que voa de flor em flor, ou como uma rosa que embalsama de perfumes todas as virações que passam? Eu não sabia, e tinha medo da verdade. O amor triunfava completamente do estudo. A

verdade, que procurava incansável no ardor das vigílias, agora já não me mostrava os mesmos encantos. Queria que se escondesse, que se não deixasse tocar por mim, como um arcano divino. Quem pudesse viver sempre iludido! Oh! verdade! verdade! para que vens agora, que te não busco, acordar-me tão cedo do sonho doirado?

A multidão dispersou-se ao vir da noite; eu fui seguindo para onde ela habitava. Ia perdido, a distância, sem conhecer as ruas; a pequena, distraída, como por descuido olhava para traz. Depois que soube onde morava, procurava a cada instante vê-la. Havia uma fatalidade que me atirava para essa mulher. Só, no meio de uma cidade grande, desconhecido, amava a perdição, e sentia-me arrastado, sem ter ao menos um Tiberge que me salvasse, como o amigo do infeliz Des Grieux, amante da Manon Lescaut. O futuro! nem já podia vê-lo, com a vertigem que um olhar fascinador me causava; apagava-se esse ideal que me dera tantas vezes coragem nos transes e provações da vida. Ria-me do futuro.

E que é o futuro? De que me vale prepara-lo, consumindo a vida, se me foge antes de o gozar? Viver obscuro! embora

numa trapeira, mas ter um dia, ao menos, a mais pequena realidade de tantos sonhos! Ter que apalpar entre as visões brilhantes, sem corpo, e que nos mentem sempre.

Viver obscuro! Que haverá melhor, quando se tem ao lado aquela que se ama e resume todos os encantos e riquezas do mundo na mais pequenina das suas falas?

Sentia-me escorregar lentamente para o precipício; a paixão dava-me uma lucidez com que explicava a loucura e a justificava diante da consciência que me acusava de instintos baixos, sem dignidade.

Aparecia-me à janela todas as tardes; sentava-se ali e costurava.

Tinha um orgulho indizível ao lembrar-me que, de entre todo aquele bulício de gente desconhecida, havia uma mulher que pensava em mim e me estava esperando. O amor tornava-me tímido; queria falar-lhe e não sabia. Pedi então à poesia que falasse por mim.

Para um amor puro, etéreo, que se esconde e não se atreve a declarar-se, nada o exprime melhor no seu vago ideal do que um soneto.

Estudei esta forma, a mais completa das formas líricas. Elevado como a ode, melífluo e simples como o madrigal, sentencioso como o epigrama, é a síntese de todas as formas do lirismo. Como o não desenvolveu o génio da Itália, nas suas elevações erotico-misticas! Nas duas primeiras estrofes do soneto, o sentimento revela-se pela imagem, oculta-se sob ela como indefinido, intangível; o predomínio da imagem tem a quadra, forma livre para as representações do mundo exterior. Depois é que o sentimento se mostra no seu esplendor absorvendo em si todas as potências da alma; é o terceto que o traduz, a tríade fatídica, que se imprime misteriosamente em todos os factos do espirito. Do acordo entre a imagem e o sentimento, provém a diversidade das formas poéticas. Se a imagem se mostra na sua complexidade finita, a poesia tem um caracter didático e descritivo; se o sentimento se sobreleva à imagem e se manifesta na sua subjetividade, eis o lirismo puro. É por isso que o soneto é a forma suprema do lirismo. Santificaram-no Dante, no retracto do amor ideal, na Vita Nuova; Petrarca, exaltando o amor religioso de Laura na solidão de Vauclusa; Miguel Ângelo, esse Proteu que encarna todas as formas do belo, e Vitoria

Colona, confidenciando ambos com os sonhos da arte, de um modo que ninguém macularia o seu platonismo radiante. É também nos sonetos religiosos de Lope de Vega, que se conhece a profundidade da sua alma sensível, e nos de Camões, que se aspira o perfume da saudade dos seus malogrados amores.

Esquecia-me a dissertar sobre o soneto para evitar o ridículo de ter assim cantado esse desvario. Eu a via todas as tardes à janela; tinha ao seu lado um passarinho, que saltitava, chilreando contente, para quem falava, dizendo o que queria que eu ouvisse. Como não perceberia ele estes segredos de amor, quando o estava embalando com o seu cantar sôfrego, tremente. De uma vez atirei para dentro da janela este soneto traduzido do espanhol de Lope de Vega. Não há expressões humanas que possam dizer mais:

Dava alimento a um passarinho um dia

Lucinda, e pela estreita portinhola

Foi-se-lhe a ave das grades da gaiola

Ao vento livre, onde a cantar vivia.

Entre-rindo, a mãozinha ela estendia

Para o suster; na dor que a desconsola,

Diz (pois como a vergôntea se estiola

Sem luz, sua face a palidez tingia):

«Para onde vás? e deixas este ninho

«Que de frouxel teceu a doce amiga,

«Que a brincar com o teu bico se enamora?»

Ouviu-a enternecido o passarinho,

Bate as asas para a prisão antiga,

Que tanto pode uma mulher que chora.

O que haverá na poesia antiga que exceda este primor? Quem soube idealizar assim uma lagrima? Compreenderia ela a profundidade deste sentimento? E sorria-se de cada

vez que lhe enviava novas confidências, mas do mesmo modo que sorria para todos. Para todos!

Sempre esta ideia infernal a envenenar-me todas as horas da vida. O poder das lagrimas que lhe descobri, a fraqueza que vence todas as forças, não tinha esse mistério, quando as derramei ao ver-me nu, abandonado pela esperança fagueira, que fugira como o passarinho de Lucinda.

Disseram-me... nem eu sei o que me disseram. Fora a mãe, a mesma que a susteve nos joelhos quando a atirou à vida e a amamentou com o seu leite, quem a arrojou à perdição. Quem havia de adivinhar que sob um ar de candura, que a cercava de uma auréola divina, vergava uma alma opressa pelos insultos dos que lhe pagavam! O que é uma cidade grande! Não se devoram com os horrores da antropofagia, mas a vida vai continuamente alimentando-se da vida. Não sei, não posso contar-te tudo.»

* * * * *

Um ano depois encontrámo-nos; o pobre rapaz estava possuído novamente da paixão dos livros. Era uma ansiedade de saber, não menos funesta, que o amputava para todos os gozos da vida. Não me atrevia a falar no antigo amor; tinha medo de acordar-lhe as agonias que estariam talvez já adormecidas. De uma vez, estávamos juntos, vi passar a distância uma rapariga, um tipo rafaélico de candura; ia seguida por uma mulher velha e trôpega. Era uma antítese que fazia pensar muito. Ele olhou-a e foi acompanhando-a com a vista, com certa ansiedade; depois, como refreado pela reflexão, olhou para mim envergonhado, corou e disse, procurando esconder esta impressão repentina:

— É ela.

Não compreendi imediatamente; fui bárbaro, pedindo que me explicasse o mistério dessas palavras entrecortadas. Ele apenas pôde proferir uma, mas que era o resumo de todas as dores e deceções, da compaixão que ainda sentia, do ideal a que tinha aspirado, da fatalidade a que tinha sucumbido. Olhou-a, ela já ia longe; depois que a viu

desaparecer, disse, contemplando ainda e com a voz a apagar-se:

— Uma ruína!

O EVANGELHO DA DESGRAÇA

Era uma criança linda, linda como os amores. Os movimentos impensados da infância davam-lhe a cada instante uma nova expressão de candura, faziam ama-la, beija-la. Ela não sabia que estava sozinha no mundo; a pomba não tinha a asa maternal sob que se ocultasse, quando viesse o abutre pairando para arrebata-la. Ria, descuidada.

A graça com que saltava! Parecia um pequeno gato quando brinca.

Faltava-lhe pai e mãe que lhe soubessem interpretar todos os requebros, a meiguice das palavras apenas balbuciadas, adivinhar seus medos, aspirar-lhe os risos, unir-se ás suas alegrias, beber-lhe as lagrimas sem motivo.

Era uma florzinha nascida à beira da estrada, exposta aos ventos da noite, ao rigor das calmas, ao tropel dos que passam, banhada de perfumes que ninguém vem respirar, derramados ao capricho das virações.

Pobre filha! Como estas plantas que se estiolam e secam, mal rebenta o gomo que as há de substituir, a mãe morrera ao traze-la à luz; com ela se foram para a cova todos os carinhos que nos embalam e fazem esquecer as dores por onde se nos dá a conhecer a vida.

Sem mãe!

Ninguém sabe o que é ver descer a noite negra, e as crianças que brincavam connosco caírem de cansadas num regaço que acalenta, ouvir as cantigas que as adormecem e lhes afastam o medo; e não saber porque não temos aquilo também, não haver quem nos chame, nos fale e nos conte maravilhas, e nos esconda no calor benigno de um seio que bate por nós.

A orfandade! E depois quando os primeiros alvores da mocidade começam a doirar-nos a existência, a acordar a um tempo todos os sentimentos bons e santos, não ter quem nos descubra e faça pressentir as sarças que nos podem prender, as torrentes que nos podem levar, os abismos em que se pode cair. Uma mãe! Ela nos ensina a amar e nos faz bons com o seu amor.

E se o amor inconsiderado da gloria nos arrasta, se a vertigem de alcança-la dá coragem para afrontar o impossível, sacrificar a vida por um fumo que o tempo dissipa, feliz de quem tem uma lagrima na vida que nos ensine o que ela vale, para não dala por tão pouco.

Mas a pobre criança na sua ignorância ditosa não sabia disto; brincava sozinha, aprendia a ser mãe. Que afagos perdidos com a boneca que embalava ao seio, que beijava, vestia e despia, falando com uma ternura que ela adivinhava, porque nunca no mundo ninguém lha tinha dado, ensinado.

Aos sete anos perdeu o seu pai; era pescador. Ele e a sua barca desapareceram numa noite de temporal. Costumada a vê-lo poucas vezes, a criança não deu pela falta; esqueceu-se de que tinha pai, como se acostumara à falta dos desvelos da sua mãe. O pescador, quando ia para a costa deixava-a sempre em casa de uma vizinha, com quem distribuía os diminutos ganhos que apurava. Esta vizinha era como todas as pessoas que rezam muito com a mira no céu, e de tal forma se tornam refratarias a todo o sentimento, sem afeição a ninguém, incapazes de uma

generosidade; então para as crianças, que não compreendem, são mais aterradoras que um mestre de meninos. Quando a vizinha soube da morte do pescador, carpiu, deplorou, sem saber como subtrair-se ao encargo da abandonada criança. Se até ali o nímio descuido e desmazelo eram providências, porque ao menos não vinham atrofiar os impulsos expansivos da infância, dali em diante a vizinha arrogou-se a autoridade absoluta, expressa nesta máxima popular — quem dá o pão dá o ensino. Mas a criança tinha um dom que a defendia de todas as atrocidades brutais da prepotência irresponsável, era linda, linda!

Quantas vezes não passou pela cabeça da desalmada vizinha ampara-la até à idade em que pudesse auferir um lucro criminoso daquela formosura angelica. Beleza funesta que vem acumular a desgraça à indigência, dar uma cor mais sinistra à miséria. Tinha sete anos apenas! custava tanto esperar. Lembrou-se então a vizinha — uma ideia luminosa que a livrou de escrúpulos de consciência e lhe asserenou o animo alvoroçado por uma caridade que a sorte lhe impusera — a criança tinha ainda um avô do lado

materno, feitor de uma rica propriedade. Era a algumas léguas de distância; num domingo, depois da missa da madrugada, pôs-se a caminho com a pequena e foi entrega-la ao avô.

Nada mais comovente do que a infância e a velhice quando se amam e se compreendem; tem ambas uma frescura juvenil, o frescor dos orvalhos doirados da alvorada e da geada noturna, a luz e sombra formando um brando crepúsculo em que se pensa sonhando alegrias por vir e ilusões que não tornam.

Não se descreve a loucura de júbilo que o velho sentiu ao ver a criança, carne da sua carne, uma parte da sua alma, que reflorescia viçosa no engraçado renovo. Ria, chorava no seu transporte, doido, doido de contente ao beija-la. Fitava-a, esquecia-se a ver-se naquele retracto, a menina dos seus olhos, como lhe chamava quando os soluços lhe não embargavam a voz.

— Eu não podia morrer, sair deste mundo, sem te ver, minha filha! Tu bem sabias isto; foram os anjos que to disseram, por isso quiseste vir.

Trazes-me o dia mais alegre da minha vida. Quando a tua mãe nasceu foi num dia como este, e eu não me alegrei tanto; não me lembrava que uma filha é o melhor encanto da velhice! Estava longe da minha aldeia, muito longe, andava na guerra há quase um ano, e ainda não era bem um que estava casado. Quando voltei, já a tua avó e a tua mãe tinham morrido. Não te importam estas coisas! Queres brincar? Vai correr, anda à tua vontade. Como ela é tão bonita! Eu choro sem saber porquê! Tinha pedido tantas vezes ao pai que a trouxesse cá um dia. Eu não devo deixa-la ir; ela é minha agora.

Quando o velho soube que a criancinha estava completamente órfã no mundo, deu graças ao céu por lhe haver poupado a vida de tantos riscos que atravessara. Julgava-se o roble secular que protege o arbusto flexível, quando as rajadas retouçam na floresta. Queria penetrar os desígnios da providência, que o destinara no declinar dos anos para a guarda deste tesouro de candura.

O velho, à noite, sentava-a sobre os joelhos, falava como a uma pessoa desenvolvida, contava-lhe histórias do passado, até que adormecia, e se esquecia velando ao pé dela, horas

inteiras. O que lhe não contaria o velho na sua simplicidade de justo? Mutilado como estava das longas batalhas em que entrara, perguntava-lhe a criança a história de cada cicatriz. Ela nunca vira estas disformidades nas outras pessoas e tinha medo; o velho distraía-se de continuo pintando-lhe os recontros, as contraminas, as cargas; ás vezes não falava para ela, falava consigo, veemente, exaltado, por fim ria-se de si, e acabava por beija-la muito. Isto repetido quase sempre ao fim da tarde, quando o sol dardejava na aresta da montanha, e vinha de longe a toada dolorida e plangente da sineta de uma freguesia próxima.

A aparência do velho infundia consolação; a falta de dentes dera-lhe uma disposição aos beiços desbotados de modo que parecia ter sempre um riso de mofa, inofensivo, divertido, comunicativo. Sobretudo, o que era mais simpático na sua fealdade eram uns olhos, de pequenos, tão alegres e vivos, que pulavam, como no vigor da idade e das paixões, num as orbitas encovadas, maceradas pela senectude. As cicatrizes das balas e espadagadas, misturando-se com as rugas da velhice, em vez de o tornarem repulsivo, davam-lhe um aspeto atraente, em que

o bom humor que o animava deixava refletir um fundo de bondade, que tem quase sempre as pessoas que sofreram bastante.

E quanto não tinha ele sofrido? Noivo, casado de um ano, viu-se forçado a abandonar seu lar, deixar a roupa de campónio pela farda apertada, a choça pela caserna, o nome por um número, o leito fresco, cheiroso com roupas de linho, pela tarimba, e sobretudo a vida santificada da família que acabava de formar em roda de si, pela guerra em que se ia confundir.

Fora no tempo da guerra peninsular. Uma estrela funesta o acompanhou sempre, amparando-lhe a vida para sofrimentos inauditos. Nunca entrou em ação donde não voltasse ferido; todos galardoados sempre, dele ninguém se lembrava! A jovialidade dava-lhe forças para resistir à opressão da injustiça. De uma vez levaram-lhe os dedos quase todos, porque numa carga de cavalaria teve de fazer das mãos capacete.

Retalhado, calcado aos pés do esquadrão, ainda ali a sorte acintosa o guardou para novas provações. O pobre soldado

não sabia queixar-se; por fim como não pudesse dar ao gatilho, passaram-no para a artilheria.

Aí subiu de ponto a sua infelicidade numa investida a peça que descarregava esteve quase nas mãos do inimigo; era um magnífico apresamento. Exasperado de raiva encravou-lhe o busil, para não fazer mais fogo. Depois, que a levassem os contrários! Nisto o pelotão foi distraído para outro lado. Julgaram então o misero soldado traidor aos seus, e descarregou-lhe o general um golpe que o estendeu por terra numa nova investida dos contrários conheceram a prudência do artilheiro, mas deixaram-no estendido por morto; as carretas passaram por sobre ele e fraturaram-lhe as pernas. Pediu debalde aos inimigos, que iam de avançada, que o acabassem de matar. Ninguém o ouviu, com o estrepito das descargas e do rodar dos trens, o ruido da cavalaria e o eco dos clarins. Depois da batalha, quando iam atira-lo à vala, pediu que lhe poupassem a vida. Doeram-se dele e levaram-no.

Passados longos anos, depois de percorrer alheias terras e ter afrontado a fome e a solidão de estrangeiro, pôde voltar à sua aldeia, desacompanhado de felicidade, sem um único

sinal de reconhecimento pelos serviços. A esposa que deixara um ano quase depois de casado, tinha já morrido, deixando uma filhinha na orfandade. Ela mesma fora crescendo, fizera-se mulher; humilde, há dias que se casara também com um pobre pescador. O velho soldado não quis ir aguar com a sua presença a sociedade dos dois esposos; restava-lhe um antigo amigo, que ouviu atento as suas calamidades, e o convidou para tomar conta de uma rica herdade que possuía. Ao menos encontrava no fim da vida a suavidade dos campos, e a tranquilidade da solidão.

Quando se tem sofrido muito, cada momento está cheio de saudades da vida, porque o sofrimento é o sinal mais certo de que se tem vivido.

Estava pois nesse remanso o velhinho quando no desejo de ver a criança, filha da sua filha, passara anos e anos na doce espectativa. Só quando lha trouxeram e a beijou com a loucura de quem se sente duas vezes pai, é que soube dos novos desastres que o saltearam. Que havia de fazer senão resignar-se! Aquela planta débil e mimosa era o que lhe restava na vida; protegia-a com gosto, solicito, esmerado,

como um amante, cioso de que um átomo impalpável de pó a maculasse.

Em todos os momentos, em qualquer parte o velho e a criança agrupavam-se tão bem, que a natureza, por mais bela e surpreendente, era sempre acessória, o fundo do quadro em que realçavam. Neste idílio encantador a criança passou a infância mais descuidada e feliz; a liberdade dos campos, a serenidade do espirito deram-se as mãos no desenvolvimento dela.

Estava uma rapariga!

Linda, linda como os amores!

Quem a via esquecia-se a olhar, contemplava.

Era mais um serafim do que uma criatura.

Os olhos tremeluziam-lhe com um fulgor metálico; pareciam nunca terem sido empanados pelas lagrimas. Cantava a toda a hora como um passarinho das balsas; mas as cantigas que modulava distraída, eram a expressão do segredo mais recôndito da sua alma. Lavando na ribeira ao som da água corrente, ouviram-lhe uma vez cantar:

Os meus olhos são dois peixes

Que nadam numa lagoa;

Choram lagrimas de sangue

Por uma certa pessoa.

E quem seria essa pessoa, a primeira que soube arrancar uma lagrima destes olhos tão puros e meigos? Maior que todos os poetas, mais do que Deus talvez, quem soube dar forma ao sentimento daquele coração virginal numa gota de agua, uma lagrima caída, irmã gémea das que os anjos andam pelo mundo aparando nas suas urnas cristalinas, para as engastarem como estrelas da noite saudosa no vácuo do firmamento. E ela cantava:

O coração e os olhos

São dois amantes leais,

Quando o coração tem pena,

Logo os olhos dão sinais.

Ela espalhava ao vento os seus pesares, mas ninguém os percebia; o avô alegrava-se ao vê-la sempre entrar em casa cantando; mal sabia que a harmonia sonorosa era o ruido de uma grande tormenta. A pobre criança sofria muito, amava! Há na vida do coração um momento em que todas as emoções, impulsos e sentimentos se alevantam a um tempo, e vão após o primeiro que os acorda. São como os perfumes derramados pela primeira brisa que chega. É como um estado nascente da paixão.

Don Juan sabia por certo este segredo, conhecia o momento em que todas as mulheres se perdem, porque se dão ao primeiro que aparece.

Nem ela conhecia porque amava, nem tampouco o impossível que se erguia entre o seu amor e o nascimento desigual daquele que a endoudecera com as palavras balbuciadas tremendo. Amava o filho do antigo amigo do seu avô, dono da herdade em que habitava; estupido, uma dessas almas boçais, nascidas para deturparem tudo,

porque não veem, nem sonham senão o mal, mesmo no instante em que a linguagem mais íntima da candura vem afagar-lhes o deserto em que o seu egoísmo as esconde.

Demais, ele tinha esta regularidade de feições, de uma monotonia que enfada, chata, insignificativa, mas que dizia bem com a alma que o animava, incapaz de qualquer acto generoso, de instintos vis, mas julgando-se digno de todos os respeitos diante da sociedade. Tanto mais criminoso parecia, quanto era ainda novo, também criança, em quem se espera a ingenuidade dos primeiros anos que tudo perdoa.

Aquele que a inocente rapariga amava, não pensava senão em perde-la.

Era tão fácil! Estava desprevenida, não via a traição da onça refalsada, onde esperava uma atração irresistível! Mal haja quem não fala verdade neste episodio mais santo e verdadeiro de toda a existência.

A pobre pequena não sabia estas subtilezas do pecado; foi após os seus sentimentos, deixou-se adormecer ao som da voz que a iludia, para acordar com a gargalhada fria e

insultante no fundo de um abismo onde fora atirada para sempre. A alegria que até ali tivera, e era a sua principal beleza, perdeu-a com a inocência.

Já não cantava; andava silenciosa, desolada, como na aflição de uma dor que se não exprime. A única pessoa que a amara verdadeiramente no mundo, seu avô, não tinha alma para perguntar-lhe o que a trazia assim opressa.

Ela envergonhava-se das lagrimas, represava-as, bebia-as! Uma vez, pela volta das trindades, o velho voltava do trabalho; pousou a enxada ao canto da choça. Sentaram-se à mesa frugal; não comiam, preocupados por uma angústia que se não atreviam a confessar um ao outro.

No final o avô perguntou-lhe com uma doçura inexcedível:

— O que tens?

Ela prorrompeu neste instante numa torrente de lagrimas irrepressíveis; ia para falar, os soluços entrecortaram-lhe a voz; atirou-se ao pescoço do velhinho, estreitou-o a si, sem poder falar.

Era o maior golpe que o desgraçado soldado experimentava, o último que lhe abalava a vida.

Compreendeu tudo.

Traduziu as meias palavras da queixa dolorida, e soube que o filho do seu protetor fora o seu algoz.

Não podia acusa-lo, vingar-se; era uma horrível colisão de deveres!

Ficou com a imobilidade do espasmo; hirto, como Bonifácio VIII diante da multidão que ia para despedaça-lo. Sentado à mesa, com a mudez do assombro, assim permaneceu a noite toda, até que ao outro dia deram com ele regelado, cadáver!

****

O desespero das imprecações do desgraçado da terra de Hus, deitado sobre o monturo, coberto de lepra, envergonhando-se da luz, desejando haver tido o sepulcro por berço e por seio que o escondesse a podridão e os vermes da terra, todo este cicio da imensa agonia da alma que se alevanta até Deus e na sua fraqueza lhe exproba a

desigualdade da luta, é uma das mais completas, a primeira manifestação do poema eterno da agonia.

Acorrentado sobre os fraguedos que te serviram de leito, Prometeu vencido, a Força e a Violência guardaram os sarcasmos para a hora em que as extorsões convulsas não amedrontam os algozes; deixaram-te aos abutres famintos, fustigado dos ventos, mas ao menos o turbilhão erguia o grito da ameaça; o orvalho das noites refrescava-te o ardor da raiva, e o Oceano consolava-te porque te dizia: Prometeu, mesmo pregado contra essas rochas, sabes falar ainda com liberdade! Deus banido, os outros deuses feriram-te porque nos alentaste a vida com a esperança; se é de força o sofrimento cumpra-se a fatalidade! Eles não conheciam as dores fundas, que se não veem, que matam lentamente, as dores da alma, não as conheciam por isso não as infligiram. As grandes obras da arte, Job e Prometeu, foram os que fizeram sentir no mundo as maiores dores; mas a dor moral, que os deuses antigos desconheceram, a dor muda, essa é uma criação do homem, o maior inimigo do homem.

AQUELA MÁSCARA

A dor transforma-te! Estás desconhecido. Já não tens o entendimento e a vivacidade dos dias da tua alegria. Que desastre repentino te deu essa imobilidade do espanto? Desfolharam-se tão cedo as flores da tua primavera; estão desbotadas as rosas da tua face, extinto o fogo desses olhos, que davam alma a tudo quanto dizias. A tua alma expandia-se, mostrava-se franca, como a verdade; iluminava-te o rosto, como um sol rutilante na imensidade tranquila do mar. Eras exaltado, febril no que sentias; cada palavra tua era o esto de uma paixão latente. Tinhas o segredo da fascinação, a magnanimidade do herói, e a impenitência do ergotista; eras a um tempo serafim e demónio, podias transportar ao sétimo céu, ou atirar ao báratro a mulher que te seguisse. Tinhas a consciência da força e rias-te de todas as mulheres, não te afligia o amor. Ainda era cedo para pensares nisso, se é que se pensa quando nos atiramos à luz que nos deslumbra. Comparavas a sociedade a um oceano revolto, e só tinhas em vista levar

o teu baixel a porto seguro; a estrela que te guiava, a monção fagueira que desfraldava aos pontos do céu a tua vela branca que havia de ser, a não ser o amor? O amor era um pequeno móvel para ti; a ambição dava-te maiores impulsos, querias ser grande e dominar, absorver os outros. De facto tinhas em ti um poder assimilador, reduzias os outros a ti. No meio dos caprichos da tua individualidade altiva, mostravas grandes verdades. Eras todo sensualista, cercavas a vida de prazeres, mas só daqueles que te proporcionavam os recursos infinitos da inteligência.

Para ti a arte era mais do que todas as ciências do mundo, era a síntese suprema das faculdades do homem, porque é pela arte que ele adquire a consciência de si. A ação justa, não a conhecias pela harmonia dos princípios eternos da justiça, era preciso sobretudo que fosse capaz de produzir uma obra de arte. Todas as tuas posições eram esculturais, podiam-se reproduzir no mármore; não era a afetação que te levava a este estudo, eram as tuas ideias da euritmia, a necessidade de completar as expressões da tua alma no movimento exterior que mais as significasse. Aqueles que não compreendiam isto, que se riam e violavam os encantos

da plástica, chamavas-lhes Verna, um nome insultante, com que mostravas a sua incapacidade para sentirem o belo.

Dotado desta serenidade impassível que tem o homem verdadeiramente superior, ás vezes não sabia porque deixavas um instante de ser bom; não se te dava de sacrificar os outros com tanto que te engrandecesses.

Parecia um egoísmo revoltante. Tu não professas a igualdade. Os Verna existem, para que entulhem a vala em que o herói poderia cair. Isto é assim. Já vês que te conheço. Para que te escondes agora? Porque me não contas a ansiedade de todas as tuas dores! Eu sou incapaz de te humilhar com a minha compaixão. Se te custa, não me digas tudo, deixa-me adivinhar, pressentir o mais; temos em tudo a necessidade do indefinido.

As grandes dores são como as lagrimas; são mais ardentes à medida que se represam.

— Eu tenho vergonha de te não haver descoberto há mais tempo o labor misterioso que se tem operado na minha alma. Amo! Esta palavra diz tudo.

A minha agonia provém do meu orgulho; é um golpe que dói sempre, eternamente, que me faz ser mau, vingativo, e me dá força para esmagar os outros. Em mim o orgulho é o móvel de todos os grandes sentimentos, é ele que me pôde fazer mais do que homem. Tu sabes perfeitamente a minha vida; tem sido até hoje um combate incessante; a aura pequena que me cerca, o favor e a consideração que tenho tem sido uma conquista infatigável, como aqueles combates sangrentos da velha tática nas minas e contraminas das fortalezas. Detestei a família em que nasci porque foi a primeira que me humilhou e me queria igualar. Não imaginas que esforços inauditos para conseguir uma diminuta independência à custa de um trabalho insano, o trabalho da inteligência, que ninguém reconhece, que se não paga. Depois, ver-me envolvido na alta sociedade, ter de competir e de mostrar-me forte, não querer que ninguém adivinhasse a minha indigência! Não sabes, o que é voltar alta noite do ruido de uma grande festa e atirar-se um homem de cansado em cima de uma enxerga alastrada numa mansarda lobrega, depois das mais brilhantes ovações, depois de ter aspirado o perfume quase celestial da glória.

Quantos naquela noite não invejariam a minha transfiguração, sem saber que o Thabor por onde subia era semeado de cardos que me ensanguentavam.

De um dia para o outro me vi cercado de glória; falava-se em mim, queriam ver-me, estava em moda, era recebido como príncipe, festejado, seguido. Explicavam a distração contínua que me tornava alheio a este culto perene, pelo êxtase da alma, pela abstração contínua do espirito pairando entre o céu e a terra. Não era assim. Lembrava-me o passado, a miséria e o abandono do dia de ontem, e doía-me o contraste. A glória só por si era pouco, não me saciava. Queria bastante glória, mas para dala. Tinha necessidade de encontrar uma pessoa no mundo que vivesse da minha vida. Para amar tinha os tipos da minha fantasia, desenhava-os ao meu capricho, como queria, puros como Ofélia, dedicados como Griselidis, minhas, minhas como la Belle au bois dormant. Mas os dias corriam sem novidade de impressões, e os tipos arcangélicos que me cercavam, que evocava dos abismos da imaginação ardente desamparavam-me como as filhas do Rei Lear. Lembras-te do quadro gigante traçado pela audácia de

Shakespeare, quando o velho pai, com o cabelo flutuando ao vento da tempestade, no inverno, caminha desolado no seu abandono? As filhas da minha imaginação desamparavam-me e o tédio da alma era o deserto glacial em que me via perdido. Eu sentia em mim bastante fogo, muita vida, para dala a quem viesse compassiva e não soubesse mesmo confessar o seu amor. Havia de interpretar cada olhar, como uma aurora que se abre, cada sorriso como uma catarata de luz que nos envolve e nos confunde no infinito. Criara um longo sonho de amor, belo, belo, quanto sabia que era impossível realiza-lo no mundo. Por fim convenci-me tanto da verdade que o julgava possível. Conheces estes sonhos dos nevoeiros do norte; quando a ondina se confunde na cerração, e o desejo veemente de vê-la, de abraça-la, começa pouco a pouco a dar-lhe forma, a vesti-la de realidade, até que um dia se sente nos braços daquele que a trouxe um momento à existência pelo ardor da aspiração? Foi como encontrei a mulher que primeiro me falou de amor. A confiança dela fez-me grande. Disse-me que não queria a minha glória; que antes me queria obscuro para ter de amar só a mim. Deixei-me levar por aquelas palavras que eram uma música

celeste; quando já não podia resistir a mim mesmo, o orgulho atacou-me de frente.

Disse-lhe então que era impossível o amor entre nós. Rica, bela, não podia ser amada desinteressadamente, ao menos diante do público. Tinha vergonha que dissessem que a amava pela fortuna que possuía; esmagava-me esta ideia vil do senso comum. Desde esse instante procurei combater-lhe o sentimento puro que me revelara. Descobri-lhe uma rival, com quem ela, apesar de todos os encantos, não poderia competir, que a deixaria na sombra a estiolar-se, enquanto se aureolava de luz, se dava à adoração de todos; era a Arte, a Arte! Quando lhe descobri esta atrocidade do egoísmo, em vez de desmaiar e desfalecer como aquela ingénua e tímida donzela que se prostra perante a majestade olímpica de Goethe, repelida pela sua rival a Arte, que a lançou fora do seu templo, pelo contrario se enlaçou a mim com uma candura infantil, despreocupada, beijou-me em delírio, segredando-me com uma voz que se coava por mim, que me vencia: O que é a Arte sem a realidade! Depois disse-me com a voz languida, frouxa, impensada como a melodia de uma harpa eólia: «Eu bem

sei que não tenho uma beleza que deslumbre; nem ela existe senão para exprimir algum sentimento. O que agora se passa em mim é uma verdade, é por isso que as outras me chamam bela. Se eu tivesse uma correção de formas como um mármore antigo, tinha medo, sabia que não era amada por mim, que me adoravam os contornos da plástica. Gosto mais de ser como sou, posso ser amada com mais verdade.» Sentia-me mais do que Deus; ele nunca teve uma adoração assim; tinha vontade de precipitar o tempo, e chamar-lhe minha. O amor ia crescendo de dia para dia. Diante da mulher que eu sonhara, era preciso mostrar-me grande para merece-la. «Eu bem sei que a minha família há de combater o nosso amor; que importa! Tenho medo de não poder lutar. Se me violentarem a casar com outro, tens direito a reclamar quando quiseres o teu amor.» É impossível! Nunca. Essas palavras na boca de qualquer eram infames, abjetas; ditas por ti, são uma dor funda, a abnegação de quem não sabe resistir. Eu pensava em alcançar uma posição social à custa de todos os esforços; depois iria pedir a sua mão de esposa. O sucesso está em não precipitar o tempo. Confiava na minha vontade inabalável.

Num instante desampararam-me todos os planos de felicidade; vi-me só!

Não sei mesmo a quem acuse. Seria por força minha, se eu pudesse ser infame. Ninguém mentiu. Perdi-a para sempre; entre nós ergue-se o impossível. Eu nunca duvido do seu amor; mas de que me serve agora, que é já realmente de outro homem? Não sabias que estava já casada? Não sei como explicar isto! Ela tinha um primo, o único herdeiro de um título, das grandes riquezas da sua família. Era a última pessoa que restava, ártico, infestado, com a doença hereditária, que foi levando um após um os seus irmãos. Voltara de uma viagem pela Europa; ele mesmo chegara a esquecer-se do prazo fatal que lhe estava imposto pela doença.

Apaixonou-se pela prima, pediu-a, dizendo que não queria deixar extinguir-se o nome da sua casa. Acederam imediatamente. A vítima inocente não pôde resistir a estes combates domésticos, de todos os dias; deixou-se levar, como o cordeiro do sacrifício. Vi-a pela última vez no carro com o noivo; senti-me pequeno e envilecido, parece que me enterrava pelo chão. Depois não tive coragem de aparecer.

Temia os epigramas dos outros. O orgulho é o meu maior algoz; devora-me como um cancro. Sinto-me mão, com vontade de esmagar os outros, não compreendo a generosidade. Este desgosto fez uma alteração profunda na minha vida; nunca mais posso falar verdade, porque me mentiram no momento mais santo da vida. Sinto-me com a imbecilidade do assombro, estou estupido; sou um involucro vazio, abandonado pela borboleta; como uma concha atirada do fundo do mar imenso a uma praia deserta. Apossa-se de mim um desespero insofrido ao lembrar-me que ainda sou criança, e que tenho de arrastar uma vida erma de todas as esperanças.

— Eu bem sei que não mentes, que não é imaginaria a tua dor. Basta olhar para a tua face; tem empanado o brilho da mocidade; é como um lago que vai perdendo a limpidez, e que as bafagens mornas evaporam. Eu queria saber consolar-te sem te humilhar. Bem sei que é muito difícil. Não achas a mínima distração onde os outros encerram todos os seus prazeres. Deixa que a tua indiferença te leve. A mulher que amaste é hoje condessa, e abre os seus salões aos amigos que festejam os anos do seu marido. Vem

comigo. É um baile de mascaras. Ninguém te pode descobrir; eu apresento-te como um amigo íntimo. Tu precisas cauterizar essa agonia. Vem vestir-te.

****

Pela volta das onze horas da noite os dois mascaras foram introduzidos na sala do baile. Era mais vivo o estridor das valsas; as cores deslumbrantes, as pedrarias, os reflexos da luz, a confusão e o delírio, os pares enlaçados num volteio frenético, tornavam comunicativa, convulsa tamanha alegria. Entraram desapercebidos, sob dominós singelos.

Debaixo de uma mascara de cetim ninguém sabia que andava escondido um grande desgosto; a mascara servia mais para não deixar ver aos outros aquela tristeza funda que não era para ali. Ia pelos salões olhando, seguindo, como quem caminha nas trevas. Cada vulto que passava, gracejando, rindo distraído, parecia-lhe uma larva errante num páramo deserto. Tanta mulher bela, tantas palavras de amor, vibradas tremendo, e nem uma sombra leve de

verdade. Como os homens se alegram quando sabem que estão entre si a mentir!

Nessa noite a condessa estava arrebatadora de encanto; acabara de tirar a mascara nesse instante, e o calor que lhe afogueava a face dava-lhe uma cor lasciva, de endoudecer; o cansaço, os lábios entre abertos, que estavam como a pedir beijos, tornavam-na languida, voluptuosa como a huri mais ideal dos sonhos do profeta. Caiam-lhe algumas tranças desprendidas no fragor da dança, sobre os ombros alabastrinos, como numa travessura, como os cabelos de uma odalisca que se alevanta do banho embalsamado e tépido. Uma das rosas da sua grinalda caiu casualmente no chão. O olhar mais ardente e expressivo de uma mulher, não podia ser tão fatal como a queda daquela rosa. A mascara de cetim aproximou-se misteriosamente e ergueu-a do chão. A condessa seguiu-a vagarosamente com a vista, e esperava que a flor lhe fosse restituída. O mascara escondeu-a em si, e confundiu-se nos grupos que se cruzavam.

Ninguém deu por isto. Depois a orquestra rompeu com as notas estridentes e repentinas de uma contradança.

— Digna-se V. Ex.ª dar-me a honra de ser meu par? — disse o mascara de cetim aproximando-se levemente da condessa.

— Com tanto que diga para que escondeu a rosa?

— Se escondi a flor, temia que a calcassem aos pés. Custava-me tanto ver esmagada a imagem mais triste da minha alma. — Apenas proferidas estas palavras com a voz abafada e trémula, a condessa ergueu-se de súbito, hesitando se deveria ouvir uma confidência que a comprometia; o mascara de cetim deu-lhe o braço e foi colocar-se ao fundo da sala diante do seu vis-à-vis, triunfando daquela irresolução.

— E o que pretende fazer dessa flor?

— Guarda-la.

— A sua determinação leva-me a perguntar quem lhe deu direito para tanto?

— Não devo dize-lo.

— Ordeno!

— Não é justo satisfazer todas as indiscrições, principalmente quando...

— Complete a frase.

— A ingenuidade de criança...

— Diga tudo.

— É irresponsável pelo passado.

— Não compreendo! — Retorquiu a condessa fitando a mascara, procurando em vão surpreender debaixo dela quem seria capaz de falar assim. Um misto de terror e de curiosidade embaraçava-a, não sabia o que devia fazer. Depois de alguns instantes de silêncio, disse quase em lagrimas: — Tenho medo de si! Oh dê-me essa flor.

— Nunca!

— Exijo! — disse a condessa com a voz sumida, sentindo-se dominada pela fascinação do desconhecido.

— Aqui está a rosa, — disse o mascara tirando do seio a flor quase murcha. — É impossível entrega-la. Eu posso exigir mais em paga dela.

Posso exigir tudo! É uma promessa inviolável como o juramento. Um dia a mulher que eu amava, no extremo da sua vertigem e loucura por mim, prometeu ir até onde eu estivesse, e aí entregar-se-me, se soubesse que eu tinha a vida contada por instantes, e havia de sair deste mundo sem abraça-la ao menos uma só vez como minha. Os desgostos têm-me devorado lentamente a existência; pressinto a cada instante em mim a frieza do sepulcro, e não soube ainda erguer a voz e reclamar a promessa fatal. Nem eu a quero! Bastou-me ouvi-la para antecipar no mundo todas as venturas do empíreo. Deseja a rosa ainda?

— O senhor dilacera-me! — volveu a condessa com a voz dorida, e com uma delicadeza inexcedível.

— Se a flor que deixou cair está cheia de espinhos! Não me atrevo a entrega-la. Dou pela rosa a única ideia que me podia fazer persuadir que ainda vivo! É uma troca generosa! Aceita? Um dia a mulher que eu amava, conheceu a desigualdade da nossa posição, disse-me, de um modo que só ela saberia dizer sem macular a ingenuidade da sua candura: — «Se me violentarem a casar com outro, tens direito a reclamar quando quiseres o meu

amor!» Seria uma infâmia vir lembrar-lhe uma palavra proferida no momento mais exaltado da paixão, para perde-la por um capricho. Não vale essa promessa. Agora ainda quer a flor?

— Oh, não! não! — acudiu a condessa represando as lagrimas que lhe inundavam os olhos cintilantes. — Eu não sei o que quero agora! Ninguém podia falar-me assim a não ser... Fale-me, eu estou conhecendo esta voz! É impossível que não seja! Não sabe como é horrível esta incerteza.

Não o julgo capaz de atraiçoar-me! Erga uma ponta da mascara, deixe-me vê-lo, a mim só, e fico descansada.

— Eu não podia atraiçoa-la, nem mentir-lhe. Sou quem imagina; vim para vê-la pela última vez, porque me sinto acabar; estão contados os dias da minha vida; passo com as folhas deste inverno. Bem o conheço, e resigno-me. Não pensei que o primeiro amor que se tem na vida poderia ser tão funesto.

— Oh, não fale assim, que me mata! Eu tenho remorsos de não ter lutado mais tempo; não tive culpa; minha família quis a minha infelicidade. Eu amo-o porque não sabe

acusar-me. Quero vê-lo! já que não é possível mais. Tire por um instante a mascara. É o que ouso pedir-lhe.

— Eu tenho medo de arrancar a mascara; está pregada com o suor frio que me escorre da cara. Para que me quer ver? Estou tão demudado! Não sou o mesmo. Deve ter horror de mim; estou quase esqueleto.

— Por um instante só! quero vê-lo, afaste um pouco a mascara. — Neste instante a condessa voltou a face de aterrada. Contemplou de relance os estragos que uma dor lenta fizera sobre as faces tão animadas que primeiro refletiam os seus primeiros rubores. Fez um esforço inaudito para suster-se; a mascara de cetim deu-lhe novamente o braço e foi senta-la no mesmo lugar onde tinha caído a rosa da grinalda; depois segredou-lhe umas palavras de abnegação e bondade:

— Esta rosa é a primeira que há de reflorir sobre o meu sepulcro. — E saiu; a noite ia remota; os alvores da madrugada lutavam com as luzes baças das salas, o acordar da natureza com o ruido vertiginoso da festa; o tédio e o cansaço traziam a desanimação, como acaba sempre o baile mais esplendido.

****

Apesar da impertinencia de ártico e da estupidez vinculada na sua descendência, o conde tratava perfeitamente a sua mulher. A causa deste respeito provinha da desigualdade, da força de inteligência, da graça com que ela se tornava interessante para todos. Admiravam-na, e esta veneração refletia-se um pouco sobre o marido. O conde sentia que a sua mulher lhe dava a importância que não tinha por si, e respeitava-a também.

A alegria com que ela andava! Sentia-se mãe, tinha vontade de amar.

Dera-lhe Deus um filho, uma alma para o seu amor. Parecia-lhe que ao beija-lo, ao tê-lo sobre os joelhos, se esquecia de tudo, de um passado feliz, de uma união forçada, do vazio da existência, mesmo daquela noite ligeira, em que contemplou as ruinas que fizera, e que lhe deixou recordações pungentes, infinitas. Depois, a lembrança do passado amor, o primeiro, o puro, o íntimo, vinha unir-se a

esta ideia risonha de ser mãe, que a fazia esquecer-se de tudo! Pobre mãe! O conde preocupava-se apenas com a existência de um herdeiro. Era o que bastava. Almas vis que destroem o que há de mais santo na vida pelo interesse mercenário!

Doente, no seu amor a mãe sentia-se cada vez mais compassiva; lembrava-lhe a rosa que lhe tinha caído do cabelo, o cavaleiro que lhe fizera a despedida para o sepulcro, e esta saudade começou vagarosamente a influir, a exercer uma ação misteriosa sobre o feto.

Não é estranho este fenómeno maravilhoso em fisiologia. O segredo da calipedia das mães gregas consistia em contemplar estátuas admiráveis cuja beleza se refletia depois nos filhos.

Passados meses veio à luz a criança. O conde andava louco com o nascimento do filho. à medida que os traços da fisionomia se iam precisando, a criança parecia-se menos com o conde; ele começou a observar isto. Não se atrevia a fazer uma acusação. Era impossível.

Depois as desconfianças tomaram corpo na sua alma, quando viu que a criança se parecia muito, muito com o rival, que preterira. Com a malignidade acintosa de achacado, foi torturando com esta atrocidade a tranquilidade da sua esposa. Ela, quanto mais se refugiava no passado, tanto mais via o filho representa-lo diante dos seus olhos. Não sabia defender-se; a inocência não se preocupa com argucias, não quis resistir, e deixou-se vergar pela dor. Foi a definhar-se lentamente no sofrimento mudo desta impia injustiça. Assim a rosa que refloriu sobre um sepulcro que impensadamente abrira, veio cair desfolhada pelas virações da tarde sobre a terra fresca que acabava de a cobrir.

A ROSA DE SÁRON

(Poema em Prosa)

Era noite; o som do sino corrido ecoara pela Judiaria; emudeceu como se as passadas lentas de um convidado de pedra troassem no meio das risadas de um festim. A alegria e o ruido do trabalho suspenderam-se; os mesteirais e homens de ofício fecharam as portas; os cristãos, odiando a raça maldita, separaram-se, deixando-a ao medo da noite. Então na pequena casa do judeu acende-se a luz do lar; cansado de receber insultos durante o dia, de ver em roda de si a vileza e a traição, a lei e o fanatismo a ameaça-lo, esquece por um instante os planos da sua indústria, os recursos com que produz o ouro e os capitães com que há de comprar a sua segurança, e entra no foco mais íntimo da família. Entra prostrado; banha-lhe o suor as faces, traz o desgosto pintado na cara encanecida, vem afadigado das longas migrações, amedrontado pelos terrores das grandes crises do estado; ao asilar-se no remanso da casa, entra

como o errante do deserto num oásis desconhecido; o rosto tranquilo da esposa lembra-lhe o tipo de Esther, da Sulamita, de Débora, da Sibila palestiniana, e abraça-a com a sofreguidão com que umas fauces ressequidas se dessedentam numa nascente viva. Vêm depois os filhos, debruçam-se-lhe dos ombros, prendem-se-lhe ás pernas, enlaçam-se em volta do corpo, e nessa hora o judeu sente-se outra vez forte para todas as lutas, para todos os opróbrios, para todos os vexames, com alma para afrontar a miséria e o queimadeiro. Fala das tradições de Israel, da sua migração através dos seculos, da terra prometida, e do Messias, não o ídolo papal que se impõe pela fogueira, mas a boa nova da igualdade e da liberdade humana.

****

Na Judiaria, habitava um velho negociante de joias e pedrarias; quando algum potentado casava, mandava sempre ali escolher o presente de noiva, a compra de corpo, o dom da manhã. Ele tinha as pérolas das mais

lindas do fundo do mar; as rochas mais encantadas do Oriente tinham entregues ao joalheiro os brilhantes facetados da água mais límpida; topázios, esmeraldas, adereces, diademas, nunca o tesouro da Senhoria de Veneza reuniu riquezas de tanto gosto e primor. Viera de Espanha, no tempo da grande expulsão dos judeus por Fernando e Isabel; o facho de Torquesada iluminou-lhe o caminho de Portugal, terra da tolerância e da paz. O clima, o ar, a doçura do céu, lembram-lhe o Oriente; ele ama como filho a boa terra lusitana. Voltava do trabalho à hora do sino corrido; deixava o tesouro que faria a inveja de bastantes tronos, mas vinha ver outro tesouro, o mais querido, e estremecido — uma filha de quinze anos. Chamava-lhe o bago das vinhas de Engadi; chamava-lhe a Rosa das campinas de Sáron, irmã gémea da filha de Jefté, pura como Débora, deslumbrante como a Sulamita.

****

O pai entrara para casa; veio a filha abraça-lo quase à porta. Se o bom do velho não recearia que lhe descobrissem essa flor escondida!

Esperava-o a tranquilidade do lar; os risos e folguedos das outras crianças faziam-lhe esquecer os apupos e maldições da gentalha. Jogral de um povo rude, o lar tornava-o um patriarca, um levita, sacrossanto como Moisés descendo o Monte do Senhor. Sentou-se de cansado. Tinha perto de si o Guemára; ao lado vem assentar-se a filha, Ebla, assim chamada do nome da Lua, como conta o velho Livro de Enoch. Ebla falou-lhe:

— Nunca mais tornaremos a ver Sião, e os túmulos dos profetas? nem escutaremos o sussurro dos nossos rios?

O pai, enquanto as outras crianças brincavam, poisou o dedo sobre o verso do Guemára, volveu-lhe um sorriso doloroso.

— Virgem do coro das donzelas de Sião, os nossos filhos continuam a nossa existência na terra; assim como o castigo vem dos pais sobre a cabeça dos filhos, o Senhor também recompensa nos filhos os bens que os pais tiverem

merecido. Há quantos seculos andamos longe de Sião bem-dita; eu sinto que os meus não pisarão o solo da terra prometida; mas vejo-te ao meu lado, como a flor que brota de uma ruina; eu não poderei entrar na Cidade dos profetas, serei como Moisés no alto do Abarim; mas o Senhor deu-me uma esperança, fez-te nascer no meu lar, filha. Assim o fanatismo e a atrocidade me não arranquem a vida. Uma noite, eras tu ainda pequenina, em Toledo; a noite ia escura e carregada, chovia, cruzavam-se os raios. Sou na Judiaria uma voz sinistra: Ás onze horas do sino da Catedral, a hora em que devíamos abraçar a religião de Cristo, seriamos lançados nas fogueiras das praças ou abandonar para sempre a formosíssima terra de Espanha. Os meus tesouros lá ficaram, e dei-me por feliz em trazer-te comigo. Portugal anda entregue ás descobertas e aventuras do mar; os ódios de raça ainda cá não tinham sido exaltados pela classe dos tonsurados. Trouxe-te ao colo, e tu me deste animação e alento na fugida.

— Ó meu pai, acudiu Ebla, passou hoje pela nossa porta uma cigana, cantando romances e seguidilhas de Espanha, e pedi-lhe para ela cantar...

— E que ouviste? interrompeu o judeu aterrado.

— Ela contou-me que el-rei D. Manoel vai em breve casar com a filha de Fernando e Isabel a Católica, e que ela só aceita a mão de esposo com a condição de desterrar para sempre os judeus para fora de Portugal. E acompanhava a notícia com a cantiga castelhana:

Ea! Judios

á enfardelar!...

los Reyes mandan

passar la mar.

O velho judeu ficou assombrado; fechou o Guemára, e repousou a cabeça sobre o livro. De repente sentiu-se ecoar pela Mouraria o som seco e repetido de uma matraca, e de espaço a espaço, a voz do pregoeiro das justiças, bradar:

«Ordem d’el-rei para os judeus de Lisboa se apresentarem na alvorada com uma dança judenga, guizos, touras e guinolas, para irem receber o séquito da nova rainha.

Sofrerá pena de morte o que levar armas consigo. O rabi da Judiaria irá na frente das danças.» Debaixo das janelas do velho judeu soaram estas palavras. O canto da cigana revelado pela filha lembrou-lhe um presságio funesto.

— Patriarca no lar e truão nas ruas! cumpra-se o destino a troco da paz. — E levantou-se com o aspeto venerando de sacerdote magno, e foi sacudir a sua vestimenta de guizos, procurar a palheta, enquanto esperava o toque da alvorada.

****

Lisboa tumultuava em festa imensa; arcos e flores, salvas de artilheria, estandartes, músicas, anunciavam o dia da chegada da infanta D. Isabel, mulher do monarca Venturoso. Já se sentia o estrépito do cortejo real; pelas portas da cidade vem entrando as danças dos mesteirais. Primeiro, vinha a Folia, com gaitas e pandeiros à velha portuguesa, dançando em volta de um tambor; trazem guizos nos pés, cantam letrilhas de folgar e sainetes galantes; os guizos dos artelhos no retinente som

confundem as coplas. Com gentil ademan no ar volteiam lenços acenando. Vinha depois a Carraquisca, a dança dos barqueiros e mareantes dos galeões do Tejo; trazem andando um balanço que imita um bambula dos pretos, aprendido lá nas conquistas. Vai passando a Cativa, uma outra dança de agrilhoados mouros, bailando aos modos da Salé, vão confessando preito à nova rainha. Já vem perto a Gitana , toda feita de ranchos de raparigas vestidas de variegados panos, cintos de ouro e vermelho; voam-lhes as roupagens com o vento cruzando facas entre si, ao doce baile da Mourisca, que os sentidos fez perder com a trisca dos volteios. Eis que chega também a Dança judenga! Os apupos do povo alevantaram-se furiosos chamando-lhes traidores; as vaias e as pedradas eram pelo ar sem conto; a plebe desenfreada atira-se de roldão sobre a judenga ao entrar da cidade, e abafam as queixas dos oprimidos com risadas. Vinha na frente o velho Rabi, dirigindo a guinola e toura, quando um malvado lhe arrepela as barbas brancas. Os olhos do venerável velho chamejaram de indignação e vergonha; levantou a palheta de bobo que bamboava nos ares, e descarregou-a na cabeça do atrevido, com a mesma altivez de animo do velho Cônsul da cadeira curul.

O vilão caiu por terra e lá ficou calcado aos pés da multidão que se atropelava e ruía furibunda sobre a desgraçada dança judenga. O velho Rabi fugiu a todo o custo; a multidão precipita-se após ele; gritando, chamando-lhe refece assassino. A noite vinha descendo, e protegido pelas sombras do crepúsculo se ia livrando dos golpes que lhe atiravam. O velho ia quase exausto, a turba que o perseguia ia rareando após ele; já poucos o seguiam; mais um esforço, e ficaria salvo; as pernas parecem falhar-lhe, falta-lhe o ar; sente vontade de atirar-se ao chão e deixar-se retalhar. Mas um raio de luz e de vigor lhe atravessou o espirito; lembrara-se de Ebla, da sua filha!

Ia o velho Rabi a entrar já na Judiaria, estava quase à porta de casa quando um dos poucos populares que ainda vinha atrás dele lhe deitou a mão. Inesperadamente veio-lhe um socorro imprevisto; um donzel do séquito do príncipe Dom Afonso, e que andava ainda triste com a morte do seu jovens amigo, sentiu um impulso do bem e defendeu o velho judeu.

Desembainhou a espada e os populares retiraram-se. O Rabi bateu à porta; abriram. à luz de um candil viu o rapaz

cavaleiro a cara mais linda de nazarena, os olhos mais languidos que não teria a Sulamita; o sorriso mais puro, a graça, a meiguice, a expressão de Quirub. Que contraste! na rua o génio do mal a segui-lo, em casa o anjo da candura a ilumina-lo, a inspirar-lhe serenidade.

O velho Rabi vinha ensanguentado e roto; ao receber o abraço de Ebla tirou-lhe do pescoço um colar de perolas, e veio dá-lo ao desconhecido.

O rapaz cavaleiro beijou-o, e tornou-o a entregar.

— Quem és, que te mostras tão generoso e cavaleiro? perguntou o Rabi.

— Dom Tello; e adeus!

O rapaz cavaleiro perdeu-se na sombra da noite; ai dele se a essa hora entrasse em casa do judeu; a lei era implacável; condenava-o à pena do fogo.

O velho Rabi sentou-se ofegante, com a cabeça encostada aos ombros da filha. Quis começar a falar-lhe mas as lagrimas e os soluços irrompiam frequentes. Alfim, pode ligar as palavras e contar-lhe o sucedido.

— Oh meu pai; parece que os nossos desastres não acabaram aqui. Hoje passou rente à gelosia uma cigana, e parou a cantar, e dizia que el-rei D. Manuel casando com a infanta de Castela, a primeira promessa do seu dote era tirar aos judeus os filhos de menos de quatorze anos, e batiza-los à força, e matar os mais velhos e pô-los fora de Portugal...

— Filha, é o céu que manda esse aviso; tu foste a minha providência.

E desceu a um subterrâneo da casa, e lá se entreteve sozinho dispondo as suas riquezas para a hora da expulsão.

Ebla ficara por instantes só; revolvia na mente o dito da cigana; nas cantigas a cigana dissera-lhe mais coisas: Que um cavaleiro rapaz e formoso a adorava; que por ela seria capaz de abandonar a religião em que nascera e segui-la até aos confins do universo. E que se um dia visse um rapaz trigueiro, de bigode preto e olhos vivos, faiscantes, era D. Tello, aquele que a adorava. Ebla atou na mente esta lembrança; lembrou-se que Tello, o rapaz cavaleiro acabava nesse instante de salvar o pai. Nasceu-lhe na alma um amor repentino; veio-lhe uma vontade de vê-lo, de lhe falar;

notou a generosidade de não aceitar mas beijar o colar de pérolas. Solícita e a medo assomou à gelosia; a luz do candil refletiu-se fora, através das grades da adufa. Sentiu uns passos na rua, depois uma voz mansa e suave que proferiu no silêncio da noite:

— Ebla!

Estes sons entraram na alma da donzela; e obedecendo à fascinação daquela voz, lançou a cabeça de fora. Viu na sombra um vulto, que a irradiação lhe iluminou como a imagem vaga descrita no cantar da cigana. Aquela voz, como vibrada por um verdadeiro amor, disse-lhe com o império de uma vontade irresistível:

— Vem.

Ebla desceu em cabelo, e sentiu-se envolver num abraço apaixonado, veemente, expressivo. Era a primeira vez que sentia o amor. Deixou-se levar sem saber porque, nem para onde.

Naquela noite, com as festas do casamento de el-rei D. Manuel, as portas da Judiaria ficaram abertas. Ebla e D. Tello afundavam-se na escuridão da noite, quando entra na

Judiaria um tropel imenso de homens de armas e de cavalo; ia na frente o alcaide da justiça. Ao som de uma matraca restabelecera-se o silêncio, e pela escuridão sombria e soturna da Judiaria soava uma voz sinistra, como de sentença:

«Pregão d'el-rei D. Manoel, para os judeus, ao toque da alvorada, embarcarem para fora de Lisboa, sob pena de morte.» A palavra morte acendia na multidão um entusiasmo frenético que apupava, ameaçava e esbravejava cantando entre risos alvares:

Ea! Judios

á enfardelar!...

los Reyes mandan

passar la mar.

Aquele grito sinistro, toda a judiaria se levantou em peso; do fundo do seu subterrâneo saiu o velho Rabi, solicito, temeroso, mas constante.

Ouviu proferir a sentença ominosa. Chamou pela sua filha, e foi acordar as outras crianças que dormiam; a mulher voltou apressada do pé dos tesouros. Tornaram a chamar por Ebla; o grande ruido das ruas e da multidão nada deixava perceber. Chamou por Ebla com uma aflição de morte; viram a porta aberta; multidão de gente que tripudiava, lançando fogo ás casas. O velho pai parecia um leão ferido.

— A maldição desta raça caiu inteira sobre mim. Perdi tudo ao levarem-me essa filha. A minha condenação, a minha morte para salva-la.

Se há no mundo alguma força superior, que seja o destino das coisas, Javé ou Jesus, acaso ou as potencias do inferno, conjuro tudo sacrifico-lhe a minha vida, a minha sorte pelo aparecimento de Ebla. De que vale todo esse ouro e pedrarias se perdi Ebla; levaram a minha joia de mais valia, e com ela todas as esperanças e alegrias da minha vida...

Era incomportável a dor do velho; ia continuando, frenético, doido; queria fazer-se cristão para procurar a filha, quando ecoou de novo a voz do alcaide da alta justiça:

«Soou agora o toque da alvorada; o incêndio lavra já na Judiaria! — Ao embarque, ao embarque nos galeões do Tejo, ou a morte à escolha.» O velho Rabi saiu com a sua mulher e dois filhos pequenos, levados em tropel confuso e lamentos para o Tejo, aonde se enchiam os galeões de Holanda, e ressoava o eco lúgubre:

los Reyes mandan

passar la mar.

OS QUATRO FILHOS DE AMÓN

(Conto do Cerco do Porto)

Havia três dias que o Marechal Solignac desembarcara no Porto com alguns soldados belgas; com eles entrara também para dentro do cerco um terrível inimigo — o cólera-morbo. Aos tipos, que já devastavam a cidade, veio juntar-se essa nova desolação, para tornar mais completo o triunvirato da morte. De cem pessoas, atacadas diariamente, sucumbia um terço. A fome ia conduzindo ao desespero, porque, além das forças inimigas, desde Janeiro que os vendavais bloqueavam a barra. à falta de carne, os doentes eram sustentados a sopa de bacalhau; os caldos eram temperados com assucar e aguardente, as camas eram desfeitas para sustento dos cavalos, e, além dos preços dos géneros encarecerem, os merceeiros vendiam falsificações doentias, tais como de azeite e óleo de linhaça, ou de manteiga e sebo. Era preciso lutar com a fome, e em

fevereiro começou a distribuir-se uma sopa económica, de um quartilho de caldo de feijão com arroz e farinha de trigo; no primeiro dia acudiram trezentas pessoas, ao segundo dia subiram já a setecentas as rações.

Enfim, desde a perda do reduto do Monte de Crasto, que Solignac apenas conservou oito horas, as condições de resistência da cidade tornaram-se desesperadas; derrotado o marechal, na sua tentativa de assalto ao Castelo do Queijo, em 24 de Janeiro, a consequência desastrosa fez-se logo sentir. O inimigo compreendeu que, fechando a barra do Porto, venceria o cerco pela fome. Para isso fortificou quase toda a costa, e levantou a terrível bateria de Serralves, que cortava toda a comunicação com a Foz. Pelo seu lado, os liberais reforçaram o reduto da Senhora da Luz e ocuparam imediatamente as alturas do Pasteleiro e do Pinhal. Mas a resistência ia-se tornando cada vez mais inútil, porque além da chuva de granadas que caiam dia e noite sobre a cidade, além da recrudescência do cólera, para o qual já não bastava o hospital da Quinta dos Congregados, o mar conservava-se tão tempestuoso que não era possível aparecer vela alguma no horizonte! Foram

quarenta dias desesperados, quarenta dias em que esteve tudo perdido, menos a força moral.

A história oficial, subordinada à exação dos boletins de campanha, não alude a este ciclo dos quarenta dias do princípio do ano de 1833, e contudo nesse período de desolação extrema é que se praticaram os maiores rasgos de validez moral: todos foram heróis, as mulheres, os velhos. É triste que homens do talento de Garrett e de Herculano, e mesmo generais que sabiam trocar a espada pela pena, e que foram heróis nesses grandes dias de sacrifício, se não lembrassem de coligir as sublimes tradições épicas do cerco do Porto, que ainda casualmente se repetem. Essas tradições vão-se perdendo, como toda a poesia de um povo, que começa a morrer pelo esquecimento do seu passado. Contaremos um desses esplendidos episódios, desconhecido dos historiadores, mas conservado ainda na vida burguesa do Porto; pinta-nos o espirito de resistência em que a cidade se achava, nesses quarenta dias decisivos.

A 4 de março, as tropas de D. Miguel foram atacar as posições dos liberais na Foz, seguras de que era já

impossível sustenta-las mais tempo; no meio da sua alucinação, os atacados tomaram a ofensiva, e os rebeldes retiraram-se deixando duzentos mortos no campo. D. Pedro, que gastava os seus esforços em conciliar os generais despeitados, aparecia sempre em todos os momentos de conflito. Era junto dos soldados, ao pé dos voluntários burgueses, que ele readquiria confiança e se mostrava alegre, pressentindo o triunfo da causa da liberdade.

D. Pedro apareceu na bateria da Luz; foi aí que se viu um velho que ele encontrava sempre vagabundo pelas linhas, nos pontos em que eram renhidos os ataques. Notou que o velho andava desarmado, e observando diligentemente; não pôde deixar de dirigir-se a ele com um interesse e familiaridade em parte provocados pelo seu aspeto venerando e cheio de autoridade:

— Amigo! que faz você por aqui?

— Senhor, tenho aqui nas linhas um filho.

— Bem; então ande à vontade, se não tem medo das balas.

— Medo das balas? Isso são confeitos de noivado. Não tivesse eu cá os meus setenta e quatro, que outro galo cantaria.

— O seu filho, vê-o daí?

— Por enquanto ainda o vejo. Não estou aqui por ter medo de perde-lo; é para ir sossegar as mulheres, as irmãs, que sempre estão com preocupação. Querem saber alguma coisa das linhas.

Este diálogo foi interrompido por um toque de carga à baioneta; pode-se imaginar quem trouxe para a cidade a notícia do triunfo. Chegou o terrível dia 24 de maio; estava acabado de construir o reduto das Antas, guardado apenas por trinta soldados de caçadores 5. Nisto, as tropas inimigas, de dois mil homens, tomaram o reduto das Antas! Era preciso desapossa-las, a todo o transe, e de facto não puderam conservar o reduto além das três horas da tarde desse dia. Infanteria três, nove e dez, quarenta lanceiros e um batalhão inglês cumpriram o seu dever; foi uma refrega atroz. O Monte das Antas ficou juncado de cadáveres; mais adiante, na Casa Negra, era ainda maior a carnificina.

Foi no combate da retomada das Antas que D. Pedro voltou a encontrar o velho burguês; já lhe tinham dito como se chamava. Era o contraste do ouro, o tipo do antigo homem bom, chão e abonado, como o caracteriza a Ordenação do reino; chamava-se Cosme Martins. Assim que D. Pedro deu por ele no tropel, destacou-se dos oficiais, para falar-lhe:

— Outra vez por aqui, com este fogo?

— Tenho cá outro filho.

— Outro filho? Como se chamam os rapazes?

— Na bateria da Luz está o meu Eduardo, tem dezanove anos feitos.

— Pode bem com a espingarda. E o outro?

— Está aqui nas Antas; é o meu Thomaz, já formado em leis.

Em meio da conversa, D. Pedro foi interrompido por uma destas circunstâncias que se dão em todo o campo de batalha; vieram contar-lhe como se achara uma carta na algibeira de um morto por onde se sabia que era o major

dos realengos de Trancoso. Não se tornaram a ver, nesse dia, o velho e D. Pedro.

A sete de abril, descobriu-se a longa estacada feita pelos inimigos desde as primeiras casas de Paranhos até à Eira do Covelo. Queriam fortificar-se ali; não havia tempo a perder; era preciso desaloja-los.

A artilheria dos liberais começou a responder desde as nove horas da manhã, e durou o fogo até ás seis horas da tarde. Cruzaram-se as baterias da Gloria, do Pico das Medalhas, do Serio, da Aguardente e de S. Braz. Uma força de mil homens saiu fora das linhas, para tomar de assalto o monte do Covelo, que os inimigos abandonaram. Porém, no dia 10, os miguelistas voltaram, com o intuito de retomar os pontos perdidos, onde os liberais tinham levantado um reduto em menos de oito horas. Estavam lá dentro apenas duzentos soldados; foram atacados por mais de dois mil dos rebeldes, que chegaram até dez passos de distancia.

No meio do fogo, quase à queima-roupa, jogavam-se os insultos que tornavam mais violento o ataque; de dentro perguntavam aos assaltantes se eles traziam os sacos para

a pilhagem da cidade. Foram momentos decisivos: duzentos homens livres puderam esmagar dois mil janízaros.

No meio desse implacável desbarato, andava D. Pedro, e quando voltou a avistar o velho, que estava envolvido num antigo capote de camelão, sorriu-se para ele, como quem o tomava já como um presságio de felicidade. E enquanto tocava a reunir, D. Pedro foi para ele, esfregando as mãos:

— Olá! bom homem.

— Senhor D. Pedro, eles hoje é que pagaram o vinho.

— E bem pago. Então você tem por cá mais algum filho?

O velho não pôde deixar de alegrar-se com a pergunta maliciosa, e respondeu com uma convicta serenidade:

— Tenho aqui mais outro filho.

— Outro filho, homem! De dois, sei eu.

— Este é o que me ajuda no ofício; ficou de ontem para hoje no reduto do Covelo, e já sei que está são como um pêro...

— Parabéns, amigo, parabéns. Com que então, na bateria da Luz, um; no reduto do Monte das Antas, outro;

no Covelo...

— É o meu filho Cosme.

— Ainda tem mais algum?

O velho sorriu-se, com ar de quem busca atenuar uma frase, que poderia ser tomada como expressão de vaidade:

— Não queria falar do outro filho, que tenho na bateria do Pico das Medalhas, antes de me encontrar ali com a vossa majestade.

— Oh! homem! outro filho?

— E mais que tivesse; esse é o meu Fortunato; e quando não está no fogo da bateria fica de semana, em serviço medico no hospital dos coléricos de S. Pedro de Alcântara.

D. Pedro emudeceu diante da revelação casual de um tão completo sacrifício. Abraçou o velho, porque não pôde articular palavras, e os olhos marejaram-se-lhe de lagrimas. Aquela natureza egoísta, como a de todos os príncipes, insensível à dedicação como o revela a demissão do grande Mouzinho da Silveira, foi uma vez tocada pela realidade das coisas. As palavras desinteressadas daquele velho

revelaram-lhe que se ele sabia sacrificar-se por uma filha, ninguém, numa cidade sem muros, cercada por mais de oitenta mil inimigos, dizimada pela peste, apertada pela fome, ameaçada pelo saque, ninguém poupava o seu sangue, porque todos queriam converter a liberdade num direito. O sacrifício de um pai ficava suplantado pelo sacrifício a uma geração inteira!

FIM